

LOU-ANN KLEPPA

**Preposições ligadas a verbos na fala de uma
criança em processo de aquisição de linguagem
e de dois sujeitos agramáticos em processo de
reconstrução de linguagem**

ou

“Eu e você? Diferente.”

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título
de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Prof. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

K678p

Kleppa, Lou-Ann.

Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente”. / Lou-Ann Kleppa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes Pinto.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição de linguagem. 2. Reconstrução (Linguística). 3. Agramatismo. 4. Gramática comparada e geral - Preposições. I. Pinto, Rosana do Carmo Novaes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Prepositions linked to verbs in the speech of a child in the language acquisition process and two agrammatic subjects in the language reconstruction process or “Me and you? Different.”.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Language Acquisition; Reconstruction (Linguistics); Agrammatism; Grammar, Comparative and general - Prepositions.

Área de concentração: Lingüística.

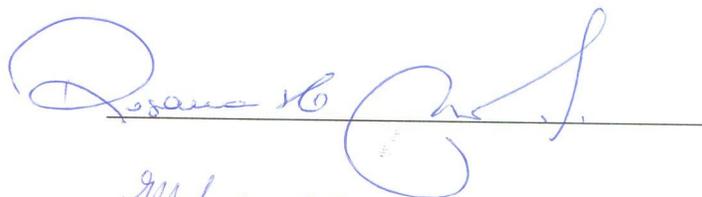
Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto (orientadora), Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa, Prof. Dr. Edson Françaço, Profa. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida e Profa Dra Suzana Carielo da Fonseca.

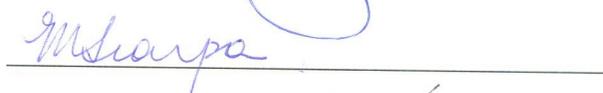
Data da defesa: 18/12/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

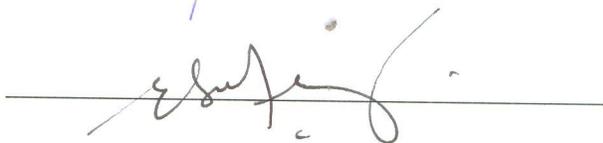
Rosana do Carmo Novaes Pinto



Ester Mirian Scarpa



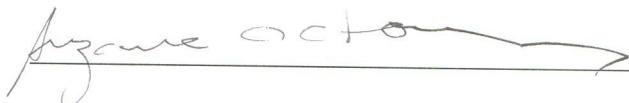
Edson Françaço



Maria Lúcia Leitão de Almeida



Suzana Carielo da Fonseca



Beatriz Protti Christino



Maria Bernadete Marques Abaurre



Ivone Panhoca



IEL/UNICAMP

2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes e ao Programa Alban, programa de bolsas de alto nível da União Européia para a América Latina, pelo fomento à pesquisa. Recebi bolsa de doutorado Capes entre 2005 e 2008, exceto no ano em que recebi bolsa de doutorado-sanduiche Alban (nº E06D100519BR) entre setembro de 2006 e setembro de 2007.

O período do doutorado foi um tempo muito animado de minha vida: pude interagir com sujeitos afásicos, tive a oportunidade de viver um ano na Holanda, tive tempo para aprender, dispersar e viajar. Conheci pessoas novas (sou grata a Herman Kolk por ter me apresentado seus brilhantes e engajados orientandos) e estabeleci novas relações com pessoas conhecidas (por exemplo os meus pais, que cuidaram de mim com muita dedicação quando quebrei o pé depois de cair da árvore).

Tive, no doutorado, uma orientadora amiga e ótima leitora que me introduziu nas atividades do CCA e me estimulou a dar PED (estágio docente) para uma turma de graduandos no IEL. Agradeço a ela por confiar no meu potencial de pesquisadora e ciclista. Ainda queria agradecer pelas leituras da minha banca de qualificação, Ester e Suzana, que me ajudaram a articular melhor o tecido deste texto. Agradeço também pelas leituras atentas da banca para a defesa.

Agradeço pela paciência de todos que importunei com as minhas preposições, teorias de criança e afásico, fala telegráfica e experimentos inusitados. Refiro-me a MS e OJ, meus amigos, parentes e desconhecidos que toparam participar dos meus experimentos. Quero agradecer, por fim, à amizade de Renato Miguel Basso e de todos os tapiquenses (moradores que já passaram pela minha república, a Oca da Tapioca, ou nela residem).

In der Bewegung liegt die Kraft

Die Fantastischen Vier

Resumo

Esta tese situa-se na área de Neurolingüística, buscando dialogar com a área da Aquisição de Linguagem. Seu ponto de partida é a hipótese do *espelho invertido*, proposta por Roman Jakobson ([1956] 1971), que prevê que os primeiros elementos lingüísticos adquiridos por uma criança serão os últimos sujeitos à dissolução na fala do sujeito afásico. O objeto de estudo desta pesquisa é a preposição ligada a verbos na fala de uma criança (R) em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos afásicos com agramatismo (MS e OJ) em processo de reconstrução de linguagem. Não se tem notícia de outros estudos que tomem a preposição como ponto de articulação para o contraste da fala de crianças e sujeitos afásicos. Foram examinados dados longitudinais, dialógicos e de fala espontânea de R, MS e OJ e dados dialógicos dos sujeitos afásicos, coletados em situações experimentais. Estes dados, de naturezas diferentes, foram examinados separadamente, para que fosse possível contrastar o funcionamento da preposição (i) na fala da criança *versus* dos sujeitos afásicos quando envolvidos numa mesma situação dialógica: a conversa informal; (ii) e na fala dos sujeitos afásicos em diferentes situações dialógicas: conversa informal *versus* situações experimentais. Os resultados obtidos indicam que a classificação das preposições mais adequada é a proposta pela Hipótese da Gramaticalização, já adotada em Kleppa (2005a) para dispor as preposições num *continuum* de diferentes graus de gramaticalização. Assim, questões de frequência, distribuição, forma e sentido da preposição determinam seu uso na fala da criança e dos sujeitos afásicos. Os resultados também indicam que a diferença de uso de preposições na fala da criança *versus* sujeitos afásicos, e dos sujeitos afásicos em conversas espontâneas *versus* situações experimentais é quantitativa, não qualitativa. Contudo, a maior diferença encontrada diz respeito ao estatuto de sujeito falante da criança e do sujeito afásico. A partir da análise de dados podemos dizer que a criança e os sujeitos afásicos movimentam-se na mesma língua, mas estabelecem diferentes (e incomparáveis) relações com ela. No âmbito da Neurolingüística, a Teoria da Adaptação orienta esta pesquisa, ao passo que no âmbito da Aquisição de Linguagem, a teorização de De Lemos ilumina algumas questões pontuais. Davidson, com seu estudo sobre malapropismos, apresenta uma visão interessante do ato comunicativo/ interpretativo e assim chegamos a diferentes concepções de *língua, falante e fala* daquelas adotadas nos estudos correntes sobre preposições, fala de criança ou afásico.

Abstract

This thesis was developed within the field of Neurolinguistics and aims some possible dialogue with the field of Language Acquisition. The starting point for this study is the *inverted mirror* hypothesis, posed by Roman Jakobson ([1956] 1971), predicting that the first linguistic elements acquired by the child will be the last ones dissolved in the speech of aphasic speakers. The object of this study is the preposition linked to verbs in the speech of one child (R) in the process of language acquisition and two agrammatic speakers (MS and OJ) in the process of language reconstruction. As far as we know, there are no other studies taking the preposition as an articulation point for the contrast between child and aphasic speech. Longitudinal, dialogical data were examined from both the child and the aphasic speakers: R provides spontaneous speech data, while MS and OJ provide as well spontaneous as elicited speech. These data, different by nature, were examined separately in order to allow the contrast of prepositions functioning (i) in the speech of the child *versus* the speech of agrammatic speakers when involved in the same dialogical context: informal conversation; (ii) and in the speech of agrammatic subjects in different conversational situations: informal conversation *versus* experimental situations. The results obtained indicate that the best classification of prepositions is the one offered by the Grammaticalization Hypothesis, arraying them in a synchronic *continuum* of different degrees of grammaticalization, as was done in Kleppa (2005a). Thus, issues concerning frequency, distribution, form and meaning of the prepositions determine their use in the speech of children and agrammatic subjects. Our results also indicate that the differences between the use of prepositions in child and aphasic speech in informal conversations are quantitative, not qualitative. The greatest difference, however, is related to the position of the speaker towards (his) language. The analysis shows that both the child and the aphasic speakers move within their language according to the possibilities given by the language, but the relations they establish with this language are not comparable. Within Neurolinguistics, the Adaptation Theory guides this research, while the theory developed by De Lemos comes to illuminate some specific points of debate concerning language acquisition. Davidson, with his study on malapropisms, presents an alternative view of the communicative/ interpretive act, and thus we reach different conceptions of *language*, *speaker* and *speech* from those assumed in current studies about prepositions, child and agrammatic speech.

Índice

Parte I: Episódios de R, MS e OJ	1
0. Introdução	3
1. Apresentação dos participantes e da seleção/ coleta de dados	7
1.1. Dados de R	7
1.2. Dados de MS e OJ	7
1.2.1. MS	8
1.2.2. OJ	9
1.2.3. Tomografias de MS e OJ	10
1.3. Análise de diálogos	12
1.4. Episódios de fala	13
1.5. Para entender as transcrições	13
1.6. Quantidade de dados	14
Parte II: Literatura sobre agramatismo, aquisição e preposições	17
2. Força motriz: o espelho invertido	19
3. Supernova: o agramatismo	23
3.1. O <i>agramatismo</i> segundo Jakobson	24
3.2. A concepção corrente de <i>agramatismo</i>	29
3.3. O <i>agramatismo</i> sob o ponto de vista da Teoria da Adaptação	34
3.4. Paralelo convergente: os malapropismos de Davidson	43
4. Revisando modelos: autores que já compararam a fala da criança com a fala de sujeitos agramáticos	46
4.1. Autores que já descreveram preposições na fala de crianças e sujeitos agramáticos	50
5. Onda-partícula: preposições ligadas a verbos	53
Parte III: Análise dos dados	61
6. Características da fala espontânea de R, MS e OJ	63
6.1. Repetições e disfluência	64
6.2. Gestos de MS e OJ	76

6.3.	Fala reduzida em MS e OJ	80
6.3.1.	Não-finitude	81
6.3.2.	Tópico-comentário	84
6.3.3.	Hanging topics	85
6.3.4.	Visão geral	87
7.	Preposições na fala espontânea de R, MS e OJ	91
7.	Exclusividades de R	98
7.1.1.	Os limites da unidade	99
7.1.2.	Combinação de duas preposições	99
7.1.3.	Contração desviante	101
7.1.4.	Concordância desviante	101
7.1.5.	Excessos de preposição	103
7.1.6.	Substituições de preposição	104
8.	Situações experimentais com MS e OJ	107
8.1.	Completando provérbios	108
8.2.	Julgamento de gramaticalidade	112
8.3.	Experimento do mapa	115
8.4.	Jogo dos erros	120
8.5.	Jogo dos monstros	122
8.6.	Cartões com verbos	125
8.7.	Montando frases com cartões	130
9.	Preposições nos experimentos de MS e OJ	133
	Parte IV: Contrastes e conclusões	137
10.	O que aprendemos	139
10.1.	Concepção de língua	139
10.2.	Concepção de falante	142
10.3.	Concepção de fala	144
	Referências bibliográficas	149

Parte I:

Episódios de R, MS e OJ

*Speak to me,
Why are you building this thick brick wall
To defend me when your silence is my greatest fear?
Why let your shoulders bend underneath this burden
When my back is sturdy and strong?
Speak to me.
10.000 Maniacs*

0. Introdução

*Estou aqui pra provar que eu sou eu
Vim desfazer essa dívida cruel
Pois só de te mostrar que não sou outro
Eu já me sinto outro, já valeu*
Luiz Tatit

Esta pesquisa inscreve-se na área de Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva (ver Coudry, [1988]¹ 1996), como é praticada no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), situado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por ser peculiar, consideramos que precisa ser apresentada.

O CCA é fruto de um convênio firmado em 1989 entre o departamento de Lingüística (ligado ao Instituto de Estudos de Linguagem) e de Neurologia (ligado à Faculdade de Ciências Médicas) da Unicamp. Atualmente, a minoria dos sujeitos afásicos que participam das atividades do CCA foram diagnosticados no Hospital das Clínicas na Unicamp. A maioria deles tomou conhecimento do CCA através de amigos, parentes, ou membros da igreja que freqüentam. Esta informação indica que o CCA já é referência para os sujeitos afásicos fora dos limites da Unicamp.

As atividades desenvolvidas com os sujeitos afásicos envolvem a ação de lingüistas, fonoaudiólogos, e profissionais de outras áreas, como por exemplo do teatro e educação física. Cada um dos três grupos que se encontra semanalmente é coordenado por uma lingüista: Edwiges Maria Morato coordena o Grupo I, Maria Irma Hadler Coudry é responsável pelo Grupo II e Rosana do Carmo Novaes Pinto coordena o Grupo III. Afásicos e não-afásicos (pesquisadores, terapeutas e familiares dos sujeitos cérebro-lesados) interagem através da linguagem verbal e da expressão corporal. Assim, discutem assuntos da atualidade (notícias, viagens, estado de saúde), tomam café, praticam jogos e discutem questões de afasia. Os grupos² também se engajam em excursões a museus, cinema e piqueniques. Todas estas atividades desenvolvidas nos grupos têm efeito terapêutico para os sujeitos afásicos.

¹ A primeira data refere-se à data de publicação, a segunda à edição usada como referência.

² Cada grupo se diferencia dos outros por uma série de características dos sujeitos cérebro-lesados e pela condução do grupo. Das atividades do grupo II, por exemplo, já surgiu um produto forjado em conjunto: um livro intitulado “Sobre as afasias e os afásicos”. A partir de 1996, José Amâncio Tonezzi Pereira assumiu um programa de expressão teatral neste grupo, estimulando maneiras de expressão não-verbal nos sujeitos afásicos (ver Tonezzi, 2007).

Afasia é entendida como sendo o resultado de uma lesão cerebral; causada por acidente vascular cerebral (AVC, ou derrame), traumatismo crânio-encefálico (TCE) ou tumor que comprometeu a linguagem de um sujeito falante em algum aspecto. A semiologia das afasias é uma das mais prolíferas na Neuropsicologia, porque a classificação das afasias varia dependendo do posto de observação do pesquisador (a lesão cerebral, o corpo do sujeito, a linguagem do sujeito). A dicotomia classificatória mais corrente das afasias se baseia ou na lesão cerebral ou na linguagem do sujeito. No entanto, a lesão cerebral normalmente não afeta apenas a linguagem do sujeito, mas também seu corpo. O sujeito cérebro-lesado pode apresentar, em variados graus de severidade, dificuldades articulatórias na produção de sons (disartria) e paralisia parcial de perna e braço de um lado do corpo (hemiplegia). Sob a perspectiva enunciativo-discursiva que adotamos, a afasia é também vista como uma questão social, não apenas uma questão lingüística (ver Morato *et al.*, 2002). Isto porque o sujeito afásico se movimenta na língua, no tempo e no espaço de maneira diferente do sujeito não-afásico, muitas vezes sofrendo preconceito em função de suas alterações de linguagem.

A correlação entre cérebro e linguagem não é sistemática e universal, porque o cérebro humano é um sistema funcional complexo capaz de mudar e se adaptar a influências do meio. Assim, acreditamos ser impossível traçar correspondências diretas entre locais do cérebro e comportamentos lingüísticos. A classificação *afasia de Broca*, por exemplo, sustenta-se no reconhecimento de que a região de Broca (localizada ao pé da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo) está lesionada e que o paciente apresenta fala telegráfica não-fluente. Há, contudo, muitos casos de sujeitos afásicos que não sofreram uma lesão na área de Broca e apresentam fala telegráfica não-fluente e alguns casos de sujeitos que apresentam lesão na área de Broca, mas não apresentam fala telegráfica ou hemiplegia. Como o site da lesão não provê informações fidedignas (apenas indicações de probabilidades) a respeito da linguagem de sujeitos afásicos, é prática comum aplicar testes de avaliação de linguagem nestes sujeitos. Os resultados destes testes metalingüísticos padronizados classificam os sujeitos afásicos de acordo com o tipo de afasia e o grau de severidade da afasia.

A abordagem enunciativo-discursiva diferencia-se dos modelos correntes de afasia num aspecto fundamental: não toma a linguagem do sujeito afásico como evidência de (in)competência lingüística, nem como objeto de conhecimento. Dessarte, não avalia a linguagem dos sujeitos cérebro-lesados através de uma metodologia quantitativa centrada em testes de linguagem. Não chegamos, portanto, ao rótulo *afásico de Broca* para os dois sujeitos que

participaram do levantamento de dados para esta tese. Para detectar as dificuldades lingüísticas dos sujeitos afásicos, privilegamos a análise de diálogos em que estiveram envolvidos e observamos seu comportamento lingüístico³. Notamos que MS e OJ não demonstram dificuldades de compreensão da fala de seus interlocutores, mas produzem poucas sentenças completas e muitas orações reduzidas (*small clause*) num tempo de fala mais prolongado que ‘o normal’, ou seja, podemos considerá-los *não-fluentes*. A preferência por este tipo de sentenças simplificadas, que chamamos de *fala reduzida*, aliada à não-fluência são padrões característicos do que a Teoria da Adaptação chama de *agramatismo*.

O objeto de análise desta tese é a preposição. Em relação à língua, ela é ‘apenas um elemento pequeno’, que precisaria ser analisado sob um microscópio. Não pretendemos dissecar a preposição numa lâmina de vidro, mas perceber como ela se articula numa determinada constelação (ligada a verbos) e que efeito seu funcionamento tem sobre um universo maior (a fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e dois afásicos em processo de reconstrução de linguagem). As preposições observadas na fala de R são referentes a situações de fala espontânea, ao passo que as preposições observadas na fala de MS e OJ foram realizadas tanto em contextos de conversa informal como em situações experimentais (jogos de linguagem, não testes de avaliação de linguagem) propostas para elicitare preposições. Os experimentos – ou jogos de linguagem - são replicáveis, mas os resultados provavelmente serão variáveis, devido ao seu caráter lúdico.

Por fim, gostaríamos de atentar para o fato de que não assumimos que os sujeitos afásicos estejam em processo de *reaquisição* de linguagem (porque não a perderam devido à lesão cerebral). Considerando a evolução da linguagem a partir do episódio neurológico até o momento atual, passando pela terapia de linguagem, e considerando a relação que os sujeitos afásicos estabelecem com sua língua, podemos empregar o termo *reconstrução* de linguagem. Entendemos que esta reconstrução se dá através de interações com outras pessoas por meio da linguagem e demanda do sujeito afásico uma certa reflexão sobre sua língua. MS afirma que sua fala *melhorou* e OJ compara: *Antes, antes, antes? Mudo. Hoje, hoje, hoje: conversa*. É bem possível que os dois sujeitos tenham a sensação de terem reconstruído sua linguagem desde o início da afasia. Consideramos, então, que o sujeito afásico encontra-se em processo de reconstrução de linguagem.

³ Mesmo correndo o risco de soar behaviorista (não é o caso!), insistimos em analisar o *comportamento* lingüístico de MS e OJ, porque consideramos que seja mais abrangente que a *produção* lingüística destes sujeitos, já que o termo *comportamento* engloba também aspectos da compreensão lingüística.

Considerando o ato enunciativo, preferimos pensar que o sujeito agramático *reorganiza* a sua linguagem, porque é mais condizente com os pressupostos teóricos adotados aqui. Assumimos que o sujeito afásico *adapta* a sua língua ao seu distúrbio lingüístico e à situação de fala em que se encontra. Este processo não depende exclusivamente do sujeito cérebro-lesado, mas conta com a participação ativa de seus parceiros de diálogo. Pelo fato da interpretação do ouvinte ser essencial para a manutenção do diálogo, percebemos que não podemos nos limitar à análise formal da fala do sujeito agramático. É preciso, portanto, analisar o funcionamento da fala agramática e seu efeito sobre o interlocutor do sujeito com agramatismo.

A tese está dividida em quatro partes. A primeira parte consiste na apresentação dos participantes e na forma como suas falas foram transcritas. Optamos por apresentar os participantes em primeiro lugar, porque, fazendo uma analogia com o universo, eles representam o sol desta tese. Tudo que importa para esta tese gira em torno deles, e mesmo assim o sol não é estático. A segunda parte é uma apresentação das teorias utilizadas aqui (Teoria da Adaptação para descrever a fala dos sujeitos agramáticos, noções da teoria de De Lemos para pensar sobre a fala da criança e a Hipótese da Gramaticalização para descrever o funcionamento das preposições) e do que já foi escrito sobre a correlação entre a fala de crianças e sujeitos afásicos e de estudos que apostam nesta correlação, além da apresentação de estudos que tratam de preposições na fala de sujeitos afásicos e crianças. A preposição é abordada separadamente, para que seja apresentada a categorização das preposições segundo seu grau de gramaticalização. Para manter a analogia com a astronomia, apresentamos alguns modelos de sistema solar nesta parte do texto. A terceira parte é a análise de dados, em que pretendemos contrastar o uso de um elemento (preposições ligadas a verbos) na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e dois sujeitos afásicos com agramatismo em atividades de reorganização de linguagem, quando envolvidos em conversas informais. Em outro bloco, o funcionamento da preposição é observado na fala dos sujeitos afásicos quando participam de experimentos que envolvem a evocação de preposições. Esta é a parte em que apontamos o telescópio para o sol e observamos sua intensa atividade. A quarta parte apresenta os resultados de uso da preposição ligada a verbos, contrastando a fala da criança com a dos dois sujeitos afásicos e a fala dos sujeitos afásicos em situação de interação informal e em situação de experimento. Estes resultados levantam questões sobre a concepção *de língua, falante e fala*, quando fenômenos lingüísticos são estudados. Retornando à analogia com a astronomia, concluímos nesta parte que as órbitas dos planetas em volta do sol são elípticas, não circulares.

1. Apresentação dos participantes e da seleção/ coleta de dados

*The sun is the same in a relative way
But you are older
Pink Floyd*

1.1. Dados de R

Os dados de fala infantil são de caráter longitudinal, e foram selecionados pela autora entre 2003 e 2005. Concernem uma criança campineira identificada por R que foi gravada dos 1;02.11 (leia-se: anos; meses; dias) aos 4;10.06 de idade. As transcrições dos dados de R foram selecionadas no banco de dados do CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio), situado no IEL/UNICAMP. Os dados de R integram o Projeto Aquisição de Linguagem, desenvolvido no IEL/UNICAMP a partir de 1977, e esta criança foi escolhida porque é a que tem o maior número de dados transcritos.

Nossos dados se referem a todos os episódios em que há preposições ligadas a verbos na fala de R, gravada neste período. As sessões eram mensais ou semanais, com duração de meia hora, em média. R foi gravada em interações com sua mãe e eventuais outros participantes (sua irmã, o pai, amiguinhos ou a faxineira) em situações familiares (brincando, à mesa, contando histórias). Todos os dados de R são de fala espontânea. Não aplicamos nenhum teste metalingüístico com esta criança: R é hoje mais velha que a autora desta tese. Tivemos acesso apenas às transcrições dos dados de R, não às gravações em áudio ou vídeo.

1.2. Dados de MS e OJ

Antes de tudo, gostaríamos de mencionar que os dois sujeitos afásicos com agramatismo, MS e OJ, concordaram em ter seus dados e imagens de tomografia expostos e analisados aqui. Ambos participam de grupos diferentes no CCA: MS participa do Grupo I que se encontra às quintas-feiras e OJ do Grupo III que se encontra às terças-feiras. Os dados de MS foram coletados em sessões individuais, enquanto os de OJ foram coletados em sessões individuais e de grupo (o seu grupo: III).

Os dados de afasia também são de caráter longitudinal. MS e OJ foram gravados em áudio e vídeo no espaço do CCA. A maior parte das gravações se deu em 2006, num período

aproximado de três meses. A primeira sessão tanto com MS como com OJ foi de conversa espontânea entre a autora desta tese (identificada pela sigla Ilk), sua orientadora (identificada pela sigla Irn) e o sujeito afásico. Estas sessões foram o primeiro contato entre a autora e o sujeito afásico, e vários assuntos que concernem às vidas de MS e OJ, respectivamente, foram abordados. Não tivemos o mesmo tempo para interagir com OJ que com MS, de modo que a quantidade de material lingüístico produzido pelos dois sujeitos era desigual. Com o intuito de analisar um mesmo volume de dados de fala espontânea de MS quanto de OJ, foram recortados alguns trechos de interação com OJ em sessões coletivas no CCA, nas quais a autora desta tese não esteve presente. Todas as gravações usadas para esta tese foram transcritas pela autora desta tese de acordo com as normas de transcrição adotadas pelo Projeto NURC (Norma Urbana Regional Culta) e os dados (vídeos e transcrições) estão disponíveis no CCA. É importante ressaltar que as gravações de MS e OJ podem ser vistas, e que seus gestos são descritos nas transcrições.

Três experimentos de que MS e OJ participaram podem ser encontrados na literatura: (i) o teste de julgamento de gramaticalidade foi adaptado do inglês ao português por Novaes Pinto (1992) e originalmente elaborado por Linebarger, Schwarz & Saffran (1983); (ii) o experimento de cartões com verbos foi inspirado num modelo terapêutico desenvolvido por Webster, Morris & Franklin (2005); (iii) o experimento de montagem de frases com cartões igualmente foi inspirado num modelo terapêutico, proposto por Van de Sandt-Koenderman, Bonta, Wielaert, & Visch-Brink (1997). O jogo dos provérbios é um jogo de cartões da Pais & Filhos®⁴ chamado *Quem sabe... sabe!* Os outros experimentos (experimento do mapa, jogo de erros e jogo dos monstros) foram jogos elaborados pela autora desta pesquisa. OJ não participou de dois experimentos (o com cartões com verbos de valências diferentes e o de montagem de frases com cartões) porque envolviam a habilidade de leitura. OJ apresenta alexia profunda desde o seu AVC. Gostaríamos de apresentar os dois sujeitos afásicos separadamente, porque observamos que possuem afasias em graus de severidade diferentes, diferentes relações com a linguagem e com suas interlocutoras.

1.2.1. MS

Em 2006, MS foi gravado em sete sessões, cada uma com duração aproximada de uma hora (24 de março, 05 de abril, 19 de abril, 26 de abril, 10 de maio, 07 de junho e 29 de junho).

⁴ Disponível em <http://www.paisefilhos.ind.br/>

MS foi vítima de um AVC isquêmico em 2002 e tinha 60 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (quatro anos post-onset). Tomando como referência o momento em que foi entrevistado pela primeira vez, participava das atividades do CCA fazia dois anos. Ele apresenta ‘fala telegráfica’ e anomia, além de hemiplegia à direita. A maioria dos empregos que teve antes do derrame eram fortemente ligados à produção de linguagem: trabalhou como ator de teatro, professor de inglês em cursinho preparatório para o Vestibular, diretor de um programa televisivo, guia turístico no Paraguai e jornalista no Reino Unido. É graduado em Letras e lê frequentemente.

MS não gosta de sua grafia (era destro e escreve com a mão esquerda desde o AVC) e passou a usar o computador (desde então) para escrever. Ele tem consciência de suas dificuldades de linguagem e demonstra uma atitude positiva em relação a elas: gosta de interagir através da linguagem, usa gestos, entonação, música e expressões corporais (não só faciais) ao invés de palavras, encanta-se com as palavras de outras línguas que usa nos experimentos e quer uma explicação para o fenômeno, ocasionalmente procura por palavras de baixa frequência e preza pela norma culta, escreve sinopses de filmes que viu no cinema, informando assim sua avaliação sobre eles.

1.2.2. OJ

OJ foi gravado em duas sessões individuais (15 e 29 de agosto de 2006) com duração de aproximadamente uma hora e meia com Ilk e Irn. Trechos de diálogos em que OJ interage nas sessões de grupo foram retirados de sessões gravadas em 15 de agosto, 26 de setembro, 17 de outubro e 12 de dezembro de 2006, além de 27 de março de 2007 e 19 de maio de 2008. Estes trechos têm duração superior a três minutos, para que se tenha como *corpus* de análise uma interação que minimamente apresenta suas características dialógicas. OJ tinha 55 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (13 anos post-onset) e tinha sido vítima de um AVC isquêmico em 1993. Segundo ele, não falou uma palavra durante os primeiros seis anos após o episódio neurológico, e apenas produzia ‘pápápá’. Ele apresenta ‘fala telegráfica’ e anomia, além de hemiplegia à direita. OJ havia recentemente iniciado sua participação nas atividades do CCA, portanto ainda não estava familiarizado com o local ou as pessoas que nele trabalham. Antes do derrame, OJ trabalhava como vendedor de peças de televisão para lojas especializadas. Diferentemente de MS, OJ não teve ensino superior, tem dificuldade para ler (mal distingue letras isoladas) e escrever e apenas fala português.

OJ julga ter problemas de memória, não de linguagem. Quando lhe falta uma palavra, frequentemente aponta para a têmpora e diz: *cabeça, cabeça* ou *memória*. Em vários momentos OJ diz que resolve situações (como por exemplo se perder em algum lugar) *conversando, conversando, conversando*.

1.2.3. Tomografias de MS e OJ

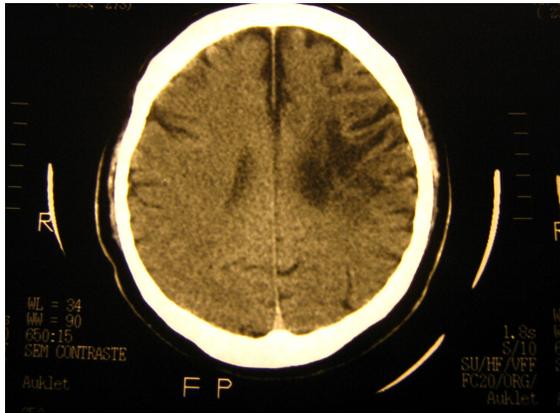


Figura MS 1 (topo da cabeça)

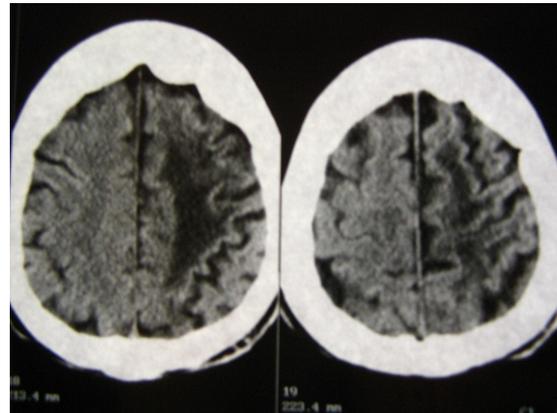


Figura OJ 1a + 1b (topo da cabeça)

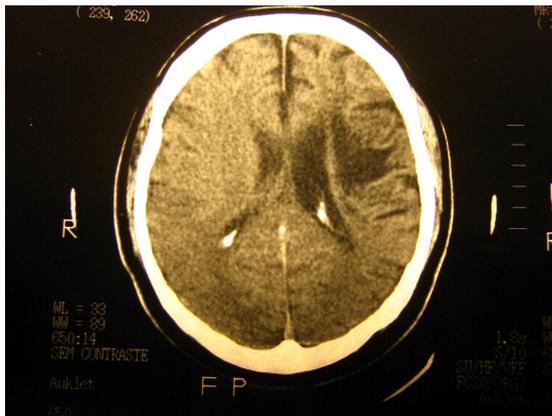


Figura MS 2

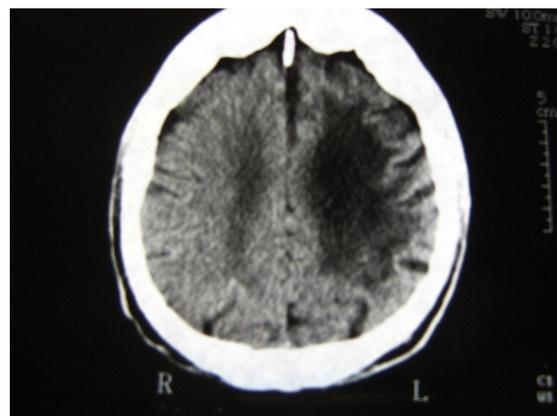


Figura OJ 2

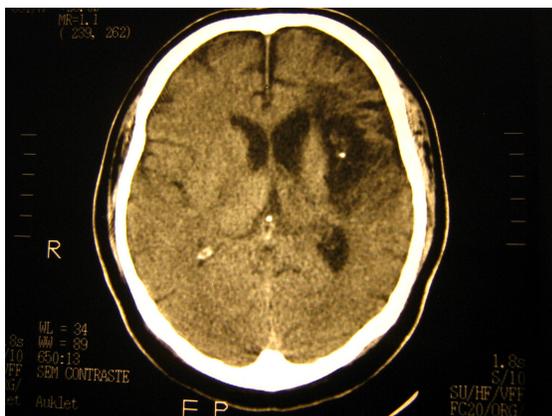


Figura MS 3

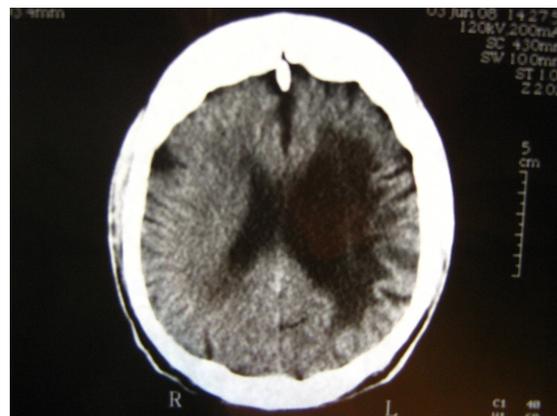


Figura OJ 3

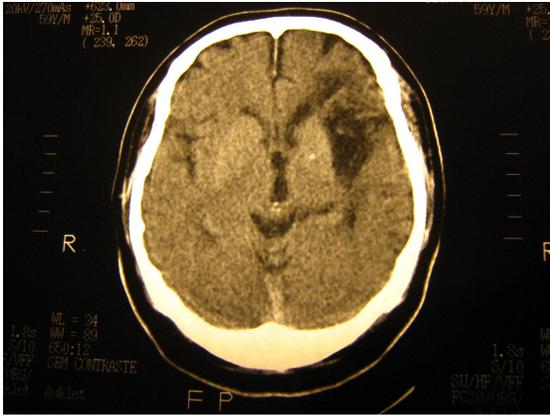


Figura MS 4

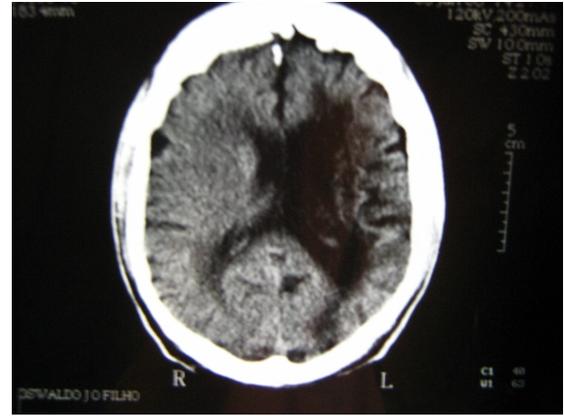


Figura OJ 4

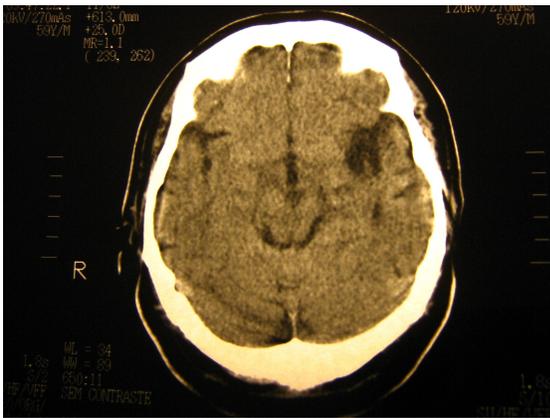


Figura MS 5 (altura de olhos e orelhas)

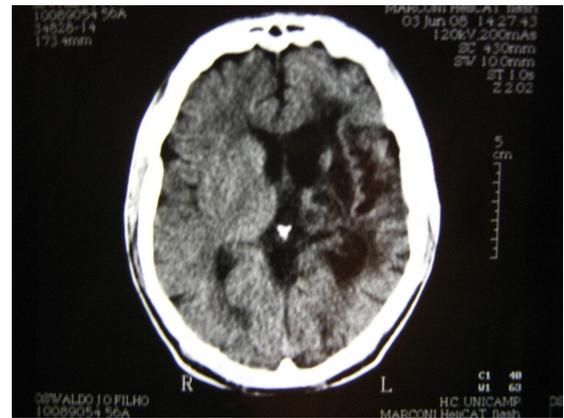


Figura OJ 5 (altura de olhos e orelhas)

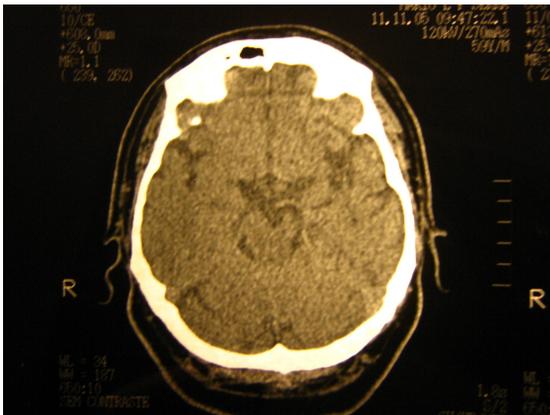


Figura MS 6

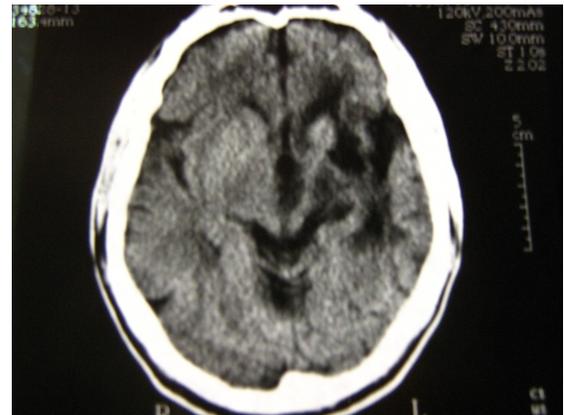


Figura OJ 6

Mostramos imagens de tomografia computadorizada de MS e OJ, por eles cedidas. À esquerda estão as imagens de tomografia de MS que datam de novembro de 2005. À direita estão as imagens de tomografia de OJ, realizada em junho de 2008. Procuramos manter o mesmo site da lesão numa mesma linha, descendo em cada coluna da região do topo da cabeça para a região

dos olhos, para facilitar a comparação das lesões de MS e OJ. As fotos das imagens de tomografia computadorizada foram feitas pela autora desta tese.

Imagens de tomografia computadorizada não são fotografias do cérebro, mas o resultado do cálculo de imagens obtidas através de raios X de diferentes ‘fatias’ do local exposto. Portanto, podemos apenas inferir, através das imagens, que MS sofreu uma lesão no lobo fronto-temporal, que aparentemente não atingiu o lobo parietal. Comparando as imagens do cérebro de OJ com as de MS, podemos notar que a lesão de OJ é muito mais difusa (é temporo-parietal, estendendo-se para o lobo frontal, poupando apenas o lobo occipital) e mais profunda (as manchas são mais escuras na imagem), de modo que no hemisfério esquerdo o seu córtex está bastante comprometido. Podemos ainda notar que, apesar de OJ ser cinco anos mais novo que MS, seu cérebro está mais atrofiado (indicado pelos sulcos profundos nas imagens 1a e 1b e no espaço entre o crânio e a massa encefálica) que o de MS. Portadores de Alzheimer apresentam imagens de tomografia do cérebro comparáveis às imagens 1a e 1b de OJ. Veremos, nos diálogos com OJ e depois na análise dos seus dados lingüísticos, que as imagens da lesão do seu cérebro não poderiam contar como único parâmetro para a descrição de sua afasia. Se nos orientássemos exclusivamente pelas imagens de OJ (especialmente 2 a 4), faríamos um prognóstico deveras pessimista de suas habilidades lingüísticas. É preciso analisar também o comportamento lingüístico do sujeito afásico para que se possa fazer afirmações sobre sua afasia.

Está claro que MS e OJ possuem lesões cerebrais de magnitudes diferentes, que têm dificuldades lingüísticas diferentes e que estabelecem uma relação diferente com a linguagem. Resta saber se recorrem aos mesmos mecanismos para se comunicarem.

1.3. Análise de diálogos

Os sujeitos cujos dados são analisados aqui estavam envolvidos em diálogos com uma ou mais interlocutoras. A análise de diálogos precisa levar em conta certas peculiaridades da linguagem oral, como resume Preti (1999):

Problemas novos, como o do turno (a macrounidade da língua falada) e suas estratégias de gestão; das leis de simetria na conversação natural; da estruturação dos tópicos ou temas; dos procedimentos de reformulação; do emprego de sinais característicos da língua oral (marcadores conversacionais); da sobreposição de vozes; do fluxo conversacional; da densidade informativa; etc. vieram mostrar que a língua falada tem suas regras próprias. (PRETI, 1999, p. 7)

A análise de diálogos com crianças e sujeitos afásicos, por sua vez, precisa levar em conta outras tantas peculiaridades, tais como a gestualidade e qualidade de voz (porque podem aparecer no lugar da palavra), ou marcas de disfluência, repetições e reformulações (por serem mais abundantes na fala heterogênea que na fala adulta não-afásica). Estas características serão discutidas na seção seguinte. Antes de abordá-las é preciso ter em mente que os diálogos são recortados para fins de análise e representados aqui como *episódios de fala*, que foram transcritos segundo uma notação que será descrita na seção 1.5.

1.4. Episódios de fala

Não apresentaremos apenas o verbo e a preposição que nos interessam, mas todo o episódio em que a preposição ocorreu. O recorte de um episódio pretende respeitar o dado, apresentando o que foi dito antes e depois do elemento que nos interessa não apenas pela criança ou afásico, mas também pelos seus interlocutores. Assim é possível retrair não apenas repetições da fala do outro, mas também esforços de reformulação de enunciados e atividades interpretativas do interlocutor. Episódios de fala não são da ordem do repetível, como os exemplos, e serão numerados com algarismos árabes ((1) a (126)). Exemplos de linguagem forjados em laboratório serão numerados com letras do alfabeto latino ((a) a (t)).

1.5. Para entender as transcrições

É preciso elucidar o que significam alguns símbolos e legendas usados nas transcrições. Os participantes dos diálogos com a criança são:

R	Raquel
M	Mãe
D	Daniela, a irmã
P	Pai
V	Verônica, uma amiga.

Os participantes dos diálogos com sujeitos afásicos são:

MS	sujeito afásico com agramatismo
OJ	sujeito afásico com agramatismo

Ilk Lou-Ann Kleppa
Irn Rosana do Carmo Novaes Pinto

Outros símbolos, adotados pelo Projeto NURC e publicados em Preti (1999), são:

/	interrupção da fala
...	pausa
::	alongamento
MARAvilha	em caixa alta estão os sons pronunciados em volume mais alto
[]	fala produzida simultaneamente por duas pessoas
(SI)	segmento ininteligível
(MIA)	movimento de inspiração audível
()	comentários de quem transcreveu os dados
(R: 3;09.04)	idade de R em anos, meses e dias
(MS: 24/03/06)	data em que o dado (de MS, no caso) foi coletado

Os episódios de fala apresentados aqui têm suas linhas numeradas, para facilitar sua referência na análise, e as partes que nos interessam diretamente estão marcadas em negrito.

Por fim, gostaríamos de atentar para o fato de que as transcrições da fala de R foram realizadas por pessoas diferentes, que adotaram sistemas simbólicos diferentes para marcar pausas (a notação '(MIA)' aparece na fala de R apenas quando a criança conta 3 anos, 3 meses e 28 dias de vida), interrupções (o sinal '/' aparece apenas no trabalho do/a último/a transcritor/a) e alongamento de vogais (o/a último/a transcritor/a duplicou vogais, ao passo que nas transcrições anteriores recorre-se ao sinal ':::'). A autora desta tese tomou a liberdade de inserir sinais de pontuação típicos do registro escrito nos episódios de fala de R, além de usar letras maiúsculas no início das sentenças.

1.6. Quantidade de dados

Gostaríamos de ressaltar ainda uma última questão metodológica. Se tivéssemos redimensionado o *corpus* de fala da criança e usado apenas uma hora de gravação de R, para que fosse comparada com uma hora de gravação de MS e uma hora de gravação de OJ, provavelmente teríamos resultados diferentes no tocante ao uso das preposições. Preferimos usar

todo o *corpus* coletado durante o curso de mestrado para ter uma amostra confiável do uso de preposições na fala de R durante o seu processo de aquisição de linguagem. Já o recorte de uma hora de gravação de MS e de OJ nos parece ser uma boa amostra de sua fala, porque os dois sujeitos já estão afásicos faz muito tempo.

O que vale mostrar aqui é que as preposições mais freqüentes na fala de R são as mais usadas por MS e as únicas empregadas por OJ. Elas têm em comum a característica de poderem ser classificadas como *mais gramaticalizadas*.

Parte II:

Literatura sobre agramatismo, aquisição e preposições

*So you give me this big story
It wakes me everyday
The challenge is to chase the sound
Just to break away
And I'm running
Yes*

2. Força motriz: o espelho invertido

*And God said: Let there be Newton
And there was Light.
Alexander Pope*

Tanto o processamento da linguagem no cérebro lesado de um adulto como a aquisição de linguagem por uma criança são processos que ainda carecem de muita pesquisa para uma descrição satisfatória, e talvez por isso mesmo sejam cercados de mistério. Vários autores, no decorrer da história da Lingüística compararam aspectos da fala de crianças (ou o sistema fonológico, ou a organização da gramática internalizada, ou determinadas unidades morfológicas, ou ainda a fala elíptica) com a fala de sujeitos afásicos. Estes estudos serão revisados na seção 4.

No âmbito da Lingüística moderna, o pioneiro deste tipo de estudos foi Roman Jakobson ([1953] 1971), que se interessou especialmente pelo sistema fonológico de crianças e sujeitos afásicos. Para descrever a dissolução do sistema fônico nos falantes afásicos, recorreu à comparação com os sons produzidos por crianças em processo de aquisição de linguagem. A hipótese elaborada por Jakobson ficou conhecida como *hipótese do espelho invertido*, “da descontinuidade, da identidade ou ainda da regressão” (Scarpa, 2005, p. 839). Vamos à imagem do espelho de Jakobson:

Há um nível de fenômenos afásicos em que notável acôrdo foi alcançado durante os últimos vinte anos entre os psiquiatras e os lingüistas que têm tratado dessas questões, a saber, a *desintegração* do sistema fônico. Essa *dissolução* apresenta uma *ordem temporal* de grande regularidade. A *regressão afásica* se revelou um *espelho da aquisição* de sons da fala pela criança; ela mostra o *desenvolvimento da criança ao inverso*. Mais ainda, a comparação entre a linguagem infantil e a afasia nos permite estabelecer diversas leis de implicação. A pesquisa sôbre a ordem das *aquisições* e das *perdas* e sôbre as leis gerais de implicação não pode ser limitada ao sistema fonológico mas deve estender-se também ao sistema gramatical. Fizaram-se apenas alguns ensaios preliminares nesse sentido, e tais esforços merecem ser continuados.

(JAKOBSON, 1971, p. 36-37, grifos meus)

Esta passagem de Jakobson, encontrada no capítulo intitulado *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* é polêmica, de maneira que alguns autores se manifestaram em relação à sua difícil sustentação:

There is no simple, elegant equation between the language system's development and dissolution, as Jakobson once (1971) contended. The adult brain and the developing brain are two different entities (Geschwind and Galaburda 1987); and aberrant development and normal development follow different paths. Uncovering the differences and their sources are among the major goals of interdisciplinary studies in language development and language breakdown; data generated in these previously disparate fields provide unique insights into both normal and atypical language processes. (GLEASON & WOLF, 1988, p. 289)

Para esta tese, a hipótese do espelho invertido é motivadora de algumas questões intrigantes: a fala afásica se dissolve, se perde? Se sim, isto significaria que a afasia é, immanentemente, um processo de perda de linguagem? Os paralelos entre aquisição e afasia são simples, como um espelho invertido? O processo de aquisição de linguagem é, indiscutivelmente, um processo de desenvolvimento?

Consideremos a primeira questão acerca da dissolução da linguagem na afasia. Se analisarmos a linguagem como um sistema funcional complexo, em que língua e memória estão embricados (é impossível separar uma da outra sem que haja prejuízos), então podemos dizer que a afasia somente evolui para a dissolução da linguagem em alguns casos: (i) quando a lesão que provoca a afasia for progressiva, como é o caso, por exemplo, de um câncer, tumor ou afasia associada à demência. Neste caso, a morte de células no cérebro afeta diretamente a linguagem e memória (dentre outras funções) do sujeito. (ii) Quando o sujeito afásico não é engajado em processos dialógicos, acontece o mesmo que se dá com qualquer falante que aprendeu uma segunda língua e depois passou um longo período de tempo sem usá-la. A falta de uso e atualização da língua faz com que ‘os laços’ entre língua e memória se afrouxem.

A grande maioria dos sujeitos afásicos com agramatismo foi vítima de uma lesão focal (normalmente um AVC), e nestes sujeitos, a linguagem não volta a ser como era antes da lesão cerebral, mas ainda assim evolui positivamente, a ponto de muitos terapeutas da linguagem intuitivamente usarem termos como ‘reaquisição de linguagem’ ou ‘recuperação da linguagem’. Neste sentido, a hipótese da regressão não procede. Ademais, é preciso notar que existem vários tipos de afasia e várias reações possíveis à lesão cerebral por parte de indivíduos diferentes.

Assumimos que Jakobson não observou, de fato, a dissolução da linguagem numa pessoa afásica, mas formulou a hipótese da regressão afásica baseado na tradição estruturalista que encara a língua como um sistema (didaticamente separado da fala), e não como um *trabalho* (Geraldí, 1991), uma atividade que se faz e se renova enquanto os falantes fazem uso dela. Numa

abordagem enunciativo-discursiva, Morato *et al.* (2002, p. 10 – 12) aponta que a afasia engloba tantos fatores (médico, social, legal, trabalhista, previdenciário, terapêutico, lingüístico e subjetivo) que passa a ser vista como uma questão social. Para Jakobson (1971, p. 34), a afasia é estritamente um “problema lingüístico”, uma “perturbação da linguagem”. Vale lembrar que os sujeitos afásicos sofrem preconceito lingüístico, entre outras formas de preconceito. Familiares e amigos não têm certeza se foram compreendidos pelo sujeito afásico, não têm paciência para esperar que formule um enunciado, completam seus enunciados, adivinhando o que quer dizer, falam por ele. Se tratado desta maneira, o sujeito afásico não é estimulado a fazer uso da linguagem verbal e assim reconstruir sua linguagem e subjetividade. Nestes casos, o ambiente em que o sujeito afásico se encontra pode fazer com que sua língua se dissolva com o tempo, o que não significa que a afasia seja, em si, uma degeneração lingüística. Nitrini, Caramelli & Mansur confirmam esta hipótese:

É claro que habilidades cognitivas comprometidas melhoram depois de lesões cerebrais, graças ao que se poderia chamar de recuperação natural. (...) Parece provável que a quantidade de recuperação natural pode ser inibida ou diminuída pela ausência de estimulação ou deixando as pessoas em ambientes de recursos escassos (Kolb, 1995). Assim, ambientes estimulantes provavelmente podem acentuar a recuperação natural (Stein, Glasier & Hoffman, 1994; Kolb, 1996). (NITRINI *et al.*, 1996, p. 317)

Contudo, não pretendemos acompanhar a *evolução* da linguagem na criança ou nos sujeitos afásicos (eles já estão afásicos há muito tempo) para testar a hipótese do espelho invertido. A hipótese do espelho invertido nos serve apenas de ponto de partida para uma reflexão sobre o uso de preposições na fala destes dois tipos de sujeito heterogêneo.

No tocante à questão do desenvolvimento, da aquisição de linguagem pela criança, gostaríamos de apresentar De Lemos, uma das poucas autoras que não tem uma visão desenvolvimentista da aquisição de linguagem. Segundo a autora, a criança não passa por fases, estágios ou níveis diferentes de aquisição, progredindo gradativamente em sua empreitada de ‘dominar’ sua língua materna. Para De Lemos, o sujeito falante é constituído através da linguagem, é efeito de linguagem. Segundo a autora, a criança passa por mudanças – não de fases, mas – de posição em relação à língua. Numa posição, incorpora em sua fala fragmentos da fala do outro; noutra relaciona-se com a língua, explorando possibilidades e investindo no que o

adulto reconhece como erro; e em outra ainda relaciona-se com a sua própria linguagem, escutando a própria fala, reformulando-a e brincando com ela.

Com efeito, não há superação de nenhuma das três posições, mas uma relação entre esses pólos que se manifesta, na primeira posição, pela dominância da fala do outro, na segunda posição, pela dominância do funcionamento da língua e, na terceira posição, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala. (DE LEMOS, 2001, p. 29)

Mesmo que não abracemos a teoria de De Lemos, estas duas noções básicas de *mudança e relação do sujeito com a língua* nos serão úteis para o desenvolvimento desta tese.

Já que não acreditamos na dissolução da linguagem verbal exclusivamente devido à afasia, nem simpatizamos com a idéia de *desenvolvimento da linguagem* da criança, precisamos interpretar o espelho invertido de outra maneira: tanto a criança como o sujeito afásico movem-se numa mesma língua⁵.

Para que possamos apreciar o contraste entre a fala de sujeitos agramáticos com a fala de uma criança, é preciso entender o que significa o *agramatismo*. No capítulo seguinte, diversas abordagens do fenômeno são cotejadas. Voltaremos ao contraste entre a fala de sujeitos com agramatismo e a fala de crianças no capítulo 4, em que revisamos a literatura produzida a respeito deste assunto.

⁵Agradeço a Ester Scarpa por esta formulação.

3. Supernova: o agramatismo⁶

*Can't keep my eyes from the circling skies
Tongue-tied and twisted, just an earth-bound misfit, I*
Pink Floyd

Antes que Roman Jakobson urgisse com os lingüistas que participassem do estudo das afasias, elas eram estudadas pela Neuropsicologia. O agramatismo, em especial, era considerado uma categoria clínica, cuja classificação era determinada com base no local em que a lesão cerebral tinha ocorrido (a área de Broca). Jakobson foi o primeiro a insistir que as afasias são uma perturbação da linguagem, e propôs critérios puramente lingüísticos para descrever e classificar as afasias.

Como veremos na subseção seguinte, grande parte das marcas de agramatismo descritas por Jakobson estão relacionadas com o nível sintático da organização da língua. O interesse pelo agramatismo tem crescido a partir da consolidação do gerativismo, modelo teórico que aposta na autonomia da Sintaxe, não distingue entre mente e cérebro e tem uma metodologia própria de coleta de dados. Os gerativistas partem, em geral, do pressuposto de que a sintaxe do falante agramático está afetada; e como não diferenciam entre mente e cérebro, alguns acreditam ser possível traçar paralelos entre subcomponentes da Sintaxe com partes do cérebro e assim localizar/ mapear a linguagem no cérebro. Como os gerativistas – de modo geral - não adotaram a prática de coletar dados de fala, mas confiam na aplicação de testes metalingüísticos, a metodologia de aplicação de testes metalingüísticos foi transposta para a descrição e classificação do agramatismo enquanto categoria clínica (portanto era esperado que se chegasse a um conjunto homogêneo de ‘sintomas’). Os resultados obtidos recebiam uma análise quantitativa, que apontava para um alto grau de variação entre sujeitos agramáticos e para um mesmo sujeito agramático. Esta variação impedia a determinação de um distúrbio num módulo da Sintaxe responsável pelo aparecimento do agramatismo, de modo que alguns pesquisadores (como por exemplo Caramazza e Badecker) preferiram desistir do agramatismo enquanto categoria.

⁶ A introdução que segue sobre o agramatismo é derivada da minha leitura de Novaes Pinto (1999) e das conversas que tive com a minha orientadora ao longo de todo o meu curso de doutorado. A responsabilidade por quaisquer erros de interpretação é minha.

Felizmente há pesquisadores de outras correntes teóricas pesquisando sobre o agramatismo, com diferentes concepções de *língua, cérebro e sujeito na linguagem*. As subseções seguintes apresentam as abordagens que consideramos relevantes para este estudo.

3.1. O agramatismo segundo Jakobson

Jakobson foi o primeiro lingüista a examinar as afasias como sendo um *distúrbio de linguagem*, o que representou uma enorme contribuição para a Afasiologia. Interessa-lhe “saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem” (Jakobson, 1971, p. 34). Estes aspectos são engendrados pelo funcionamento dos eixos *metafórico* e *metonímico*, também chamados de eixos de *similaridade* e *contigüidade*, ou ainda de *seleção* e *combinação*. Gostaríamos de exemplificar o funcionamento destes dois eixos organizadores da língua:

↑	José	comprou	uma casa	em Jardinópolis
	Jair	vendeu	um carro	para a Janete
	Jurandir	negociou	um barco	com o João
	Jefferson	roubou	um beijo	da Joana
				→

Podemos dizer que *José roubou um barco com o João*, e para dizer esta sentença, escolhemos certas palavras (em detrimento de outras) e as combinamos de tal maneira (e não de outra) que o resultado seja esta sentença. Podemos substituir alguns de seus elementos, combinando-os com os restantes, e chegar a sentenças como, por exemplo: *Jurandir vendeu um barco para a Janete*. Analisar a língua natural sob a perspectiva destes eixos nos permite perceber que algumas palavras ocupam certos lugares marcados no sintagma (um artigo, por exemplo, é selecionado antes do substantivo, uma preposição antes do artigo em português) e na sentença (a ordem canônica das palavras em português é sujeito + verbo + objeto + adjuntos). Os limites de liberdade do falante são os limites estabelecidos pelo código. Em português, a sentença * *Jefferson um da roubou beijo Joana* é considerada agramatical, por não obedecer às regras sintáticas desta língua. Cada unidade lingüística está em cadeia, sendo que a língua impõe

restrições quanto à seleção e combinação dos elementos. Em português, por exemplo, não podemos combinar mais de 5 consoantes seguidas e crer que formamos uma palavra pronunciável (a combinação de 4 consoantes⁷ já é muito rara: *monstro*, *inscrição*, *instrumento*.⁸).

No entanto, os eixos de Jakobson não correspondem exatamente aos eixos *associativo* e *sintagmático* de Saussure, porque Jakobson considera a possibilidade de concorrência entre duas acepções de um significante, ao invés de contentar-se com a substituição de um por outro e sua organização linear:

Entretanto, das duas variedades de combinação – concorrência e concatenação – somente a segunda, a seqüência temporal, foi reconhecida pelo lingüista genebrino. Malgrado sua própria intuição do fonema como um conjunto de elementos diferenciais, o mestre sucumbiu à tradicional crença no caráter linear da linguagem. (JAKOBSON, 1971, p. 40)

Apesar do autor não exemplificar como supera os eixos de Saussure, podemos pensar num recurso utilizado em piadas⁹ e anúncios publicitários: trazer à tona a concorrência entre duas acepções de uma palavra. Lembremos de uma propaganda que fez parte da campanha publicitária promovendo o nadador olímpico Gustavo Borges. O esportista perguntou aos seus patrocinadores:

- O que querem que eu faça?
- Nada.

O ouvinte/ leitor está diante de uma ambigüidade lexical, e somente quando perceber a ambigüidade (o pronome indefinido referente a *coisa nenhuma* e o verbo *nadar* no modo imperativo), poderá entender a propaganda e achar graça.

No capítulo intitulado *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, Jakobson parte desta concepção de língua organizada por dois eixos para definir dois tipos de afasia. Ele interpreta que as afasias estão distribuídas num *continuum* que possui dois pólos opostos, de acordo com os eixos da similaridade e contigüidade. O *agramatismo* é um distúrbio de

⁷ Agradeço a Beatriz Christino pela observação de que há uma diferença entre *escrita* e *fala* (pertinente para certas teorias fonológicas): nos exemplos acima, *grafamos consoantes* nasais, mas *pronunciamos vogais* nasais.

⁸ Agradeço a Luciana Lucente por pensar comigo sobre essas possibilidades combinatórias.

⁹ A melhor piada com ambigüidade lexical que consegui está em inglês:

- Do you know the story about the three great holes in the ground?
- No.
- Well, well, well.

contigüidade (o problema se dá no eixo metonímico, na combinação das palavras), e o outro tipo de afasia, completamente oposto ao agramatismo, é um distúrbio de similaridade (eixo metafórico: seleção das palavras). O agramatismo é alocado pelo autor russo num pólo, mas não há indicações de que ele admite gradações na categoria do agramatismo. Suas considerações sobre o agramatismo nos interessam:

Nesse tipo de afasia, deficiente quanto ao contexto, e que poderia ser chamada de distúrbio da contigüidade, a extensão e a variedade das frases diminuem. As regras sintáticas, que organizam as palavras em unidades mais altas, perdem-se; esta perda, chamada de *agramatismo*, tem por resultado fazer a frase degenerar num simples “monte de palavras”, para usar a imagem de Jackson. A ordem das palavras se torna caótica; os vínculos de coordenação e subordinação gramatical, quer de concordância, quer de regência, dissolvem-se. Como seria de esperar, as palavras dotadas de funções puramente gramaticais, como por exemplo as conjunções, preposições, pronomes e artigos, desaparecem em primeiro lugar para serem substituídas pelo estilo chamado “telegráfico”, ao passo que, no caso de desordem da similaridade, são as mais resistentes. Quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será a sua persistência no discurso dos afásicos com distúrbio da função de contigüidade, e tanto mais rapidamente será eliminada pelos pacientes que sofrem de distúrbios da similaridade. Assim, o sujeito, “palavra-núcleo”, é o primeiro a desaparecer da frase no caso de distúrbios da similaridade e, inversamente, o menos destrutível no tipo oposto de afasia.

(JAKOBSON, 1971, p. 51, grifos no original)

Várias questões polêmicas surgem a partir desta definição de agramatismo. Não acreditamos que um sujeito com agramatismo severo enuncie “um monte de palavras”, pois sabemos que, por mais limitada que seja a sua linguagem, o sujeito é capaz de se comunicar. Um exemplo é o pai de Goodwin (descrito em Goodwin, 1994), que apenas articula três palavras: *yes*, *no* e *and*. Decerto é preciso saber interagir com uma pessoa que produz um vocabulário tão restrito (por exemplo, oferecer uma coisa de cada vez, que pode ser aceita ou rejeitada, é mais prático que oferecer alternativas: *chocolate ou morango?*)

Igualmente não aceitamos que a ordem canônica das palavras seja a única possível. Uma forma alternativa de arranjar as palavras sintaticamente está longe de ser uma ordem caótica. Esta

ordem de palavras adotada pelos sujeitos agramáticos pode muito bem expressar relações de coordenação (ou subordinação¹⁰).

Quanto à ausência de palavras funcionais na fala de sujeitos agramáticos, recorreremos à analogia de um gramático para criar uma metáfora que nos auxilie na visualização da operação dos eixos metafórico e metonímico:

É a preposição a palavra conjuntiva por excelência – palavra admirável, verdadeiro cimento da frase, liame sensível, que ata entre si as partes do discurso; expoente das relações sintáticas; principal instrumento da clareza de um idioma. (Góis, 1957 – p. 15)

Que sejam as palavras lexicais *tijolos*, as palavras funcionais *cimento* e o discurso uma *parede*. As paredes construídas por sujeitos agramáticos não se sustentam porque os tijolos são sobrepostos sem cimento, ao passo que as paredes dos afásicos com distúrbio de similaridade são feitas de cimento, sem tijolos.

Sofrer de distúrbio de contigüidade pode significar, de acordo com o que vimos até o momento, dois movimentos: ou o sujeito seleciona bem as palavras que quer dizer, mas as organiza de maneira caótica (empilhando tijolos em pé, de lado, na diagonal etc.), ou o sujeito não é capaz de selecionar as palavras (o cimento) responsáveis pela combinatória das palavras em unidades maiores; e não é capaz de selecionar a morfologia adequada no interior de um paradigma, selecionando sempre formas não-marcadas. Se investirmos no primeiro movimento, precisaremos averiguar se a ordem das palavras selecionadas é realmente caótica na fala agramática. Se apostarmos no segundo movimento, então precisaremos contar ocorrências de preposições e qualificá-las (em que medida dependem do contexto, até que ponto são auto-suficientes¹¹). Os dados de MS e OJ confirmarão a descrição de agramatismo de Jakobson se estes sujeitos construírem sentenças gramaticalmente impossíveis e enunciarem extremamente poucas preposições, das quais a maioria terá valor semântico forte e baixo grau de gramaticalização.

De maneira geral, podemos notar que Jakobson polariza as operações de seleção e combinação/ metáfora e metonímia, dando à língua um certo senso de simetria, que é rompida pela afasia. As operações nos eixos metafórico e metonímico não são, contudo, polarizadas, mas

¹⁰ Arriscamos a generalização de que a expectativa dos pesquisadores que investigam o agramatismo é que o sujeito agramático não produza orações subordinadas, e por extensão também não expresse a relação de subordinação em qualquer outro tipo de construção.

¹¹ Agradeço a Suzana Fonseca por ter percebido que a maioria das preposições usadas por MS e OJ (e R) é do tipo *mais gramaticalizado*, ou seja, mais dependente do contexto sintático.

interdependentes: é preciso selecionar aquilo que será combinado e combinar o que é selecionado. Jakobson faz o esforço de separar estes movimentos, afirmando que o sujeito com distúrbio de contigüidade tem problemas no eixo metonímico e produz metáforas, mas não metonímias, enquanto o sujeito que sofre de distúrbio de similaridade tem problemas no eixo metafórico e produz metonímias, mas não metáforas:

À medida que o contexto se desagrega, as operações de seleção prosseguem. “Dizer o que é uma coisa, é dizer a que se assemelha”, faz notar Jackson (p.125). O doente limitado ao grupo de substituição (quando o contexto é falho) usa as similitudes, e suas identificações aproximadas são de natureza metafórica, em oposição às identificações metonímicas familiares aos afásicos do tipo oposto.

(JAKOBSON, 1971, p. 51 - 52)

Gostaríamos de lembrar que há uma visão alternativa para esta separação de metáfora e metonímia. Umberto Eco¹² afirma que a metáfora é um subtipo de metonímia, ou seja, estão numa relação de parte e todo, não numa relação de dois pólos:

(...) toda metáfora pode ser reduzida a uma cadeia subjacente de conexões metonímicas que constituem a ossatura mesma do código (...)

(Eco, 1974, p. 78)

Sigamos com a descrição de agramatismo feita por Jakobson:

Um traço típico do agramatismo é a abolição da flexão: aparecem categorias não-marcadas, como o infinito no lugar das diferentes formas conjugadas, e nas línguas dotadas de declinação, o nominativo no lugar de todos os casos oblíquos. Êsses defeitos são devidos em parte à eliminação da regência e da concordância e em parte à perda da capacidade de decompor as palavras em radical e desinência.

(JAKOBSON, 1971, p. 52)

Ora, as formas não-marcadas são as formas mais comuns, básicas, primitivas, simples e freqüentes na língua. As formas marcadas são aquelas que se destacam por serem diferentes. Que os sujeitos agramáticos recorram a formas básicas e freqüentes na língua não é exatamente indício de distúrbio de contigüidade (ou similaridade), mas pode ser encarado como indicativo de estratégia adaptativa que o falante agramático adota. Por fim, a “capacidade de decompor as

¹² Agradeço a Antonio Barros de Brito Junior por me indicar esta passagem de Umberto Eco.

palavras em radical e desinência” diz respeito a uma tarefa metalingüística, de reflexão sobre a linguagem. Existem vários graus em que se pode exercer esta atividade de refletir sobre a linguagem, e nem sempre o sujeito agramático teve condições de letramento/ escolarização que possibilitem que cumpra com sucesso a tarefa esperada por Jakobson de refletir sobre formas lingüísticas.

Por fim, não encontramos neste texto de Jakobson as classificações *fluente* x *não-fluente* para a fala afásica. Segundo a literatura vigente sobre o agramatismo, o sujeito agramático precisa de mais tempo para falar que o afásico *fluente* ou que o sujeito não-afásico. Segundo Helasvuo, Klippi & Laakso, o tempo que o falante agramático precisa para formular seus enunciados não deve ser desprezado:

The crucial difference between these contexts is the time allotted to the speakers: in elicitation and narrative the speaker is usually allowed to use time freely, whereas in conversation there are always time limitations in turn taking. This may affect the productions of aphasic speakers, particularly in Broca's aphasia. Our empirical observations suggest that in a picture description task, aphasic speakers with Broca's aphasia tend to produce grammatically more complex utterances, although the pauses between the constituents may be very long, often several seconds. In conversational settings such long pauses are usually not possible without losing the turn. This may lead Broca's aphasics to the use of short, elliptic utterances (cf. Heeschen & Schegloff, 1999).

(HELASVUO *et al.*, 2001, p. 248 - 249)

Na seção seguinte apreciaremos como se tem desenvolvido o conceito de agramatismo. Perceberemos que os autores se empenham em demonstrar certas regularidades na fala agramática e não a consideram “agramatical” (e portanto impossível numa determinada língua).

3.2. A aceção corrente de *agramatismo*

Tumiate (2007) apresenta o percurso histórico do termo *agramatismo*:

[a expressão] foi utilizada pela primeira vez por um médico Pick, A. (1913), no tempo em que vigorava um pensamento lingüístico de natureza gramatical e normativa. Foi na vigência desta tradição que o termo *agramatismo* nasceu e penetrou na literatura afasiológica. Ele parece ter sido bastante conveniente para a veiculação do raciocínio positivista e organicista da medicina. A meta é, no que diz respeito à circunscrição sintomática, localizar faltas e falhas em falas de afásicos de forma a

estabelecer correlações, que devem ser positivas, entre classes de acontecimentos sintomáticos e tipos particulares de lesão cerebral. Categorias gramaticais foram utilizadas e devem ter parecido ser um bom instrumento para abordar a fala, podemos dizer que pareceu ser um “metro bem ajustado”, para localizar o que faltava e o que falhava no andamento de uma fala. (TUMIATE, 2007, p. 3)

Novaes Pinto (1992, 1999) aponta que o agramatismo é tradicionalmente caracterizado pelo déficit. A caracterização mais resumida que pudemos localizar na literatura sobre agramatismo como déficit é a de Menn & Obler (1990):

(1) reduction of grammar through the omission of free or bound grammatical morphemes, (2) use of unmarked forms (e.g. nominatives of nouns, infinitives of verbs), (3) limited syntactic variety, and (4) near-absence of syntactic constructions indicating subordination.

(MENN & OBLER, 1990, p. 14)

É de se notar que as características observáveis no comportamento lingüístico do sujeito afásico com agramatismo não mudaram desde a definição apresentada por Jakobson. Quase todos os autores que hoje estudam o agramatismo procuram por omissões, substituições e problemas de ordem sintática na fala agramática, reforçando a idéia de que o agramatismo se define pelo déficit de fluência e elementos funcionais (tanto formas livres, como por exemplo conjunções, quanto formas presas, como por exemplo flexões verbais).

Quanto ao tempo de fala, todos os autores que estudam o agramatismo concordam que os sujeitos agramáticos produzem uma fala não-fluente. A distinção entre afasias fluentes e não-fluentes é de Geschwind, conforme nos informa o neurologista Cytowic:

Geschwind (1965) noted that the shop-worn distinction between so-called expressive and receptive aphasia was misleading, and urged its abandonment. (...) Geschwind preferred the dualism of *fluent* and *non-fluent* speech. (CYTOWIC, 1996, p. 461, grifos no original)

e mais adiante:

The speech of non-fluent aphasics is slow, labored and poorly articulated. Small grammatical endings are characteristically dropped, even when the patient attempts to repeat a correct sentence given by the examiner. Their speech is frankly telegraphic. (CYTOWIC, 1996, p. 462)

Percebemos que esta definição de não-fluência não foi elaborada por um linguísta (*small endings, correct sentence*), mas por um profissional da patologia (*the examiner*). De qualquer maneira, é consenso que o sujeito com agramatismo não fala de maneira fluente. Examinaremos marcas de disfluência na seção 6.1.

No tocante às unidades funcionais, a grande maioria dos autores consultados assume e observa que sujeitos agramáticos não produzem palavras/ morfemas gramaticais (Baum *et al.*, 1982; Baum, 1989 e 1996; Beeke *et al.*, 2007a; De Roo, 1999; De Villiers, 1974; Goodglass & Menn, 1985; Gordon & Caramazza, 1983; Grodzinsky, 1988; Hagiwara & Caplan, 1990; Menn & Obler, 1990; Ouhalla, 1993; Reznik, 1995). Já outros autores (Bastiaanse & Van Zonneveld, 2005; Halliwell, 2000; Mimouni & Jarema, 1997; Nespoulous *et al.*, 1988; Nilipour, 2000; Yiu & Worall, 1996) descrevem dois movimentos paralelos: omissão de palavras funcionais e substituição de morfemas gramaticais presos, sem, contudo, formar não-palavras. Mondini *et al.* (2005) estudaram omissões e substituições de preposições. Há autores que se concentram na ausência de verbos (Bastiaanse *et al.*, 2002; Beeke *et al.*, 2007a, b; Caramazza & Berndt, 1985; Ruigendijk & Bastiaanse, 2002; Ruigendijk & Baauw, 2007; Schneider & Thompson, 2003) ou na morfologia verbal (De Roo *et al.*, 2003; Wenzlaff & Clahsen, 2005; Yarbay Duman *et al.*, 2007) ou ainda na grade argumental de verbos (Schneider & Thompson, 2003; Thompson *et al.*, 1989; Webster *et al.*, 2001).

Quanto à ordenação de palavras, há autores que notam problemas com a ordem das palavras (cf. Bastiaanse & Van Zonneveld, 2005; Beeke *et al.*, 2007a; Caramazza & Berndt, 1985; Siple, 2006; Yiu & Worall, 1996). Hagiwara & Caplan (1990) e Halliwell (2000) são os únicos autores que, contrastando com esta ordem de palavras caótica apontada pelos demais autores, afirmam que os sujeitos agramáticos por eles testados tendem a usar estruturas canônicas. Ainda podemos agrupar os autores que apenas mencionam que a sintaxe de sujeitos agramáticos é reduzida, simplificada, 'telegráfica' (Bastiaanse & Van Zonneveld, 2005; Beeke *et al.*, 2007a; Caramazza & Berndt, 1985; De Roo *et al.*, 2003; De Villiers, 1974; Halliwell, 2000; Menn, 1990; Menn & Obler, 1990; Ouhalla, 1993).

Não há, na literatura atual, um consenso se o agramatismo é manifesto apenas na produção da fala, ou se está presente na compreensão de linguagem verbal. Kolk, Van Grunsven & Keyser (1985) por exemplo, apostam na possibilidade teórica do paralelismo entre compreensão e produção. Friederici (Friederici *et al.*, 1982; Friederici, 1982) desenvolve experimentos em torno de uma unidade lingüística (a preposição) e testa o paralelismo entre

compreensão e produção de preposições em sujeitos com agramatismo. Gordon & Caramazza (1983) traçam um paralelo entre a compreensão assintática (*asyntactic comprehension*) e freqüentes omissões de palavras funcionais. Por fim, Hagiwara & Caplan (1990) demonstram que seus sujeitos preferem estruturas canônicas tanto em atividades de compreensão como de produção de linguagem verbal.

Muitos estudos focam apenas nas capacidades de compreensão sintática de sujeitos agramáticos, aplicando experimentos dos mais variados (que vão de julgamentos de gramaticalidade a testes que envolvem habilidades de leitura). Friederici (1985), Friederici & Graetz (1987), Friederici (1988) e Friederici *et al.* (1992) segue com as preposições e sentenças passivas; Linebarger *et al.* (1983), Shankweiler *et al.* (1989) e Keurs *et al.* (1995) aplicam testes de julgamento de gramaticalidade; Ostrosky *et al.* (1999) testam a compreensão sintática através de um experimento que explora a ordem das palavras; Papagno & Genoni (2004) testam a compreensão de expressões idiomáticas; Segalowitz & Lane (2000) testam capacidades de leitura. Estes últimos são os únicos autores cujos resultados de compreensão não apontam para um paralelismo entre compreensão e produção de linguagem em sujeitos agramáticos. Os autores afirmam que seus sujeitos acessaram palavras funcionais mais rapidamente que palavras lexicais, por causa de um efeito de freqüência (palavras funcionais são mais freqüentes na língua).

As observações do comportamento lingüístico de falantes agramáticos e as categorias para descrevê-lo podem não ter mudado muito, mas mudaram as explicações para as manifestações do agramatismo. A concepção de língua destes autores não é mais sistêmica e simétrica, mas modular. As pesquisas atuais investem no exame de subpartes do que está deficiente na fala agramática (focando por exemplo na marcação de finitude verbal, ou na determinação/indeterminação de artigos). Neste sentido, desenvolveu-se a tendência de interpretar a fala agramática como um sintoma direto da lesão cerebral. Precisamos considerar que a procura por omissões e substituições (marcas de agramatismo e paragramatismo¹³) está embasada numa concepção modular do armazenamento da linguagem humana no cérebro. Nessa perspectiva, é investigado que níveis lingüísticos a lesão afetou, e o agramatismo deixa de ser um *distúrbio da fala*, para ser um *distúrbio de linguagem*.

¹³ *Grosso modo*, omissões de itens lingüísticos previstos num certo contexto sintático (por exemplo as palavras funcionais) são consideradas marcas de agramatismo, ao passo que trocas de itens lingüísticos (por exemplo palavras lexicais) são consideradas marcas de paragramatismo. Omissões e substituições também são estudadas no nível morfológico: é investigado se formas presas tendem a ser omitidas juntamente com a forma a que se prendem e se formas livres tendem a ser substituídas por outras formas livres. Para alguns autores, como por exemplo os que desenvolvem suas pesquisas no âmbito da Teoria da Adaptação, agramatismo e paragramatismo são pólos de um mesmo *continuum* e podem manifestar-se na fala de um mesmo sujeito agramático.

Durante certo tempo se discutiu se o agramatismo é uma deficiência seletiva ou central. Se o déficit causador do agramatismo for central, então a língua como um todo está ‘danificada’ em consequência da lesão cerebral. Se for seletiva, então alguns autores procuraram identificar afetações na face fonética (cf. Kean, 1979; Baum *et al.*, 1982), morfológica (Baum, 1989; De Villiers) ou sintática da linguagem (cf. Bastiaanse, 1995; Baum, 1996; Goodglass & Menn, 1985; Grodzinsky, 1988; Jonkers & Bastiaanse, 1996; Lukatela *et al.*, 1988; Schwartz *et al.*, 1994). Afunilando o conceito de sintaxe alterada, autores como Mondini *et al.* (2005), Ouhalla (1993), Petocz & Oliphant (1988) e Reznick (1995) observam que seus sujeitos (agramáticos) de pesquisa apresentam dificuldades com palavras funcionais. Há ainda autores que especulam se o agramatismo é um distúrbio de transformação de um tipo de informação em outro, como por exemplo o mapeamento dos papéis temáticos em forma sintática, (Ihara & Fujita, 2003; Schwartz *et al.*, 1994; Weinrich *et al.*, 1993; Weinrich *et al.*, 1995). Há, por fim, autores que defendem que o agramatismo é um déficit seletivo de diferentes naturezas (Martin *et al.*, 1989; Matthei & Kean, 1989; Webster *et al.*, 2004; Webster *et al.*, 2005). Em suma, apesar das disparidades teóricas, chegou-se à conclusão de que a variação observada entre os falantes agramáticos estudados era enorme. O próprio conceito de agramatismo foi problematizado (ver Miceli *et al.*, 1989) e redefinido para a Teoria da Adaptação.

As atitudes de aplicar testes padronizados que avaliam as capacidades lingüísticas do falante e de localizar a lesão cerebral em imagens do cérebro e procurar por uma relação direta com a produção lingüística do sujeito agramático, para depois classificá-lo; revelam uma concepção de língua relativamente estática por parte do pesquisador. Esta concepção de língua é criticada por autores como Novaes Pinto (1992, 1999) e Kolk e colaboradores (desde 1985). Por razões diversas, estes autores argumentam que as dificuldades do falante agramático não são ‘uma janela direta’ para a sua língua. Novaes Pinto não acredita que a língua seja representável através da concepção saussureana de sistema, mas que é, nos termos de Geraldi (1991), um *trabalho* realizado pelos falantes. Vale citar uma passagem deste autor:

... [admitir que] a língua (no sentido sociolingüístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói. (GERALDI, 1991, p. 5)

Já Kolk elaborou a Teoria da Adaptação porque está convencido de que a fala do sujeito agramático não é resultado do distúrbio lingüístico, mas uma forma do sujeito se adaptar às suas dificuldades lingüísticas. A fala agramática não é, portanto, resultado direto da lesão cerebral (se não há palavras/ morfemas funcionais na fala do sujeito agramático, isto não significa que tenham se perdido), mas de uma solução encontrada pelo falante de se comunicar num tempo de fala aceitável para o interlocutor.

3.3. O agramatismo sob o ponto de vista da Teoria da Adaptação¹⁴

A Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e colaboradores (Kolk & Van Grunsven, 1985; Kolk, Van Grunsven & Keyser, 1985; Kolk, Heling & Keyser, 1990; Kolk & Heeschen, 1990, 1992, 1996; Haarmann & Kolk, 1991*a, b*, 1994; Hofstede, 1992; Kolk & Hofstede, 1994; e Kolk, 1995, 2001*a, b*, 2006, 2007), foi, até o momento, aplicada ao estudo do agramatismo e paragramatismo em holandês, alemão e inglês. Atendendo a diferentes propósitos, a teoria já foi aplicada/ citada por autores como Bastiaanse (1995), Baum (1996), Devescovi, Bates, D'Amico, Hernandez, Marangolo & Pizzamiglio (1997), Thompson, Lange, Schneider & Shapiro (1997)¹⁵, De Roo (2003)¹⁶, Salis & Edwards (2004) e Menn, Gottfried, Holland & Garrett (2005)¹⁷. Em função do comportamento dificilmente sistematizável das preposições, por exemplo, podemos notar como alguns autores recortam partes da Teoria da Adaptação para explicar parcialmente alguns fenômenos, justificando outros fenômenos através de recortes de outras teorias, incompatíveis com a Teoria da Adaptação. É o que se observa nos textos de Bastiaanse (1995) e Salis & Edwards (2004), que recorrem à hipótese de Grodzinsky (1988) de que as preposições governadas são apagadas da fala de sujeitos agramáticos, enquanto as não-governadas são preservadas (para justificar o fato de não terem observado nenhuma preposição governada na fala de seus sujeitos). Ora, a Teoria da Adaptação argumenta fortemente contra a hipótese da perda de

¹⁴ A resenha que segue sobre a Teoria da Adaptação é fruto tanto das leituras realizadas como das conversas que a autora desta tese teve com Herman Kolk e seus orientandos: Christine Versluis, Marina Ruiter e Peter Kok.

¹⁵ Neste artigo, os autores investigam os efeitos da grade argumental do verbo sobre o sujeito agramático e seus resultados mostram que os sujeitos apresentam menos dificuldades com verbos de um ou dois argumentos que de três. As explicações cotejadas para este comportamento lingüístico são ou uma estratégia de economia (Goodglass, 1976) ou uma estratégia de adaptação (Kolk & Van Grunsven, 1985). A conclusão, contudo, aponta para uma mistura complexa de variáveis semânticas e sintáticas que influenciam a produção de sentenças.

¹⁶ Esta autora produziu sua tese sobre sintaxe no agramatismo sob orientação do Prof. Kolk, e desenvolve seus trabalhos no quadro teórico da adaptação. Ela conclui que sub-especificação (*underspecification*) é uma estratégia de reduzir o 'custo' (*load*) do processamento de uma sentença.

¹⁷ Os autores apenas fazem menção à Teoria da Adaptação.

linguagem, e sua preocupação principal não é o que *causa* o agramatismo, mas como o agramático *resolve* sua comunicação.

A grande diferença entre abordagens tradicionais e a Teoria da Adaptação é que, nesta última, a fala agramática não é vista como um sintoma da lesão cerebral, mas sim como uma estratégia adaptativa que o falante agramático encontrou para contornar o seu problema de linguagem. Nas palavras de Kolk & Van Grunsven (1985: 373): “So the theory that follows is not a theory of the impairment but of the way the patient adapts to his impairment.”

Determinar qual seria o distúrbio lingüístico se tornou uma questão de debate. Daremos uma visão geral dos desdobramentos da Teoria da Adaptação sobre a questão do distúrbio que provoca manifestações de agramatismo (*underlying grammatical impairment*) através das críticas exteriores que lhe foram feitas.

A versão de 1985 da Teoria da Adaptação foi posta à prova por Martin, Wetzel, Blossom-Stach & Feher (1989). Os autores contrastaram a hipótese da perda gramatical de Grodzinsky (uma hipótese de déficit estrutural) com a hipótese do distúrbio da memória de trabalho da Teoria da Adaptação (um distúrbio de processamento de linguagem) através da aplicação de sentenças passivas completas (que introduzem o agente da ação por um sintagma preposicionado, no caso a assim chamada *by-phrase*) e passivas truncadas (sem a *by-phrase*) a sujeitos agramáticos. Os resultados obtidos não apóiam nenhuma das duas hipóteses, porque os sujeitos agramáticos tiveram desempenho semelhante em relação aos dois tipos de construção passiva. Martin, Wetzel, Blossom-Stach & Feher propuseram que a explicação para o distúrbio agramático não pode ter a mesma fonte de déficit (ou perda estrutural ou perda da capacidade de memória de trabalho) para todos os sujeitos. A Teoria da Adaptação respondeu com a ‘hipótese da ativação lenta ou declínio rápido’ (*slow activation/fast decay*):

To conclude, the results of our syntactic-priming study fit well within a framework which assumes that Broca's aphasics restriction in parsing resources involves a temporal dimension. In particular, the finding of a late appearance of significant syntactic priming in Broca's aphasics (...) suggests that syntactic information is activated at a slower-than-normal rate in these patients. As was already pointed out in the introduction, such a slow-down might disrupt Broca's aphasics' parsing by preventing the co-activation of syntactic information (Haarmann and Kolk 1991, Kolk and Van Grunsven 1985). (HAARMANN & KOLK, 1991, p. 261)

A Teoria da Adaptação formulou o problema do distúrbio lingüístico do sujeito agramático através da *hipótese da janela temporal* (Temporal Window Hypothesis). Os trabalhos de Haarmann & Kolk (1991 *a, b*, 1994) e Kolk (1995) focam no distúrbio temporal de processamento¹⁸, que basicamente consiste numa limitação de capacidade para preencher simultaneamente os espaços sintáticos de uma oração, ou seja, um distúrbio de natureza temporal no processamento da língua a ser falada. A capacidade de processar a língua a ser produzida é afetada de tal maneira que a informação ou é ativada tardiamente ou decai antes de ser encadeada com outras informações que possam fazer emergir uma fala inteligível para o interlocutor.

Baum (1996) aplicou testes de julgamento de gramaticalidade a sujeitos agramáticos para verificar se há uma ativação lenta ou um declínio rápido de informação sintática. Seus resultados sugerem que o distúrbio lingüístico do sujeito agramático seja de outra natureza: a incapacidade de trazer à consciência seus conhecimentos metalingüísticos enquanto processa informações sintáticas.

Devescovi *et al.* (1997) apresentam três linhas argumentativas contra a hipótese do déficit central corrente na literatura. Uma delas, da preservação de julgamentos gramaticais, é atribuída a Haarmann & Kolk (1994), entre outros autores. Devescovi e colaboradores concluem que o distúrbio lingüístico do sujeito agramático seja um déficit na habilidade de integrar informação sintática em tempo real.

Voltando a uma autora que foi formada no âmbito da Teoria da Adaptação, citamos Ruitter, orientanda de Kolk:

(...) the reduced sentence production capacity in agrammatism relates to the processing of syntactic and conceptual information. That is, in producing sentences, agrammatic speakers cannot simultaneously keep the necessary representations – both conceptual and syntactic – in mind. As a result, sentence production is hampered and morphological errors, such as subject-verb agreement errors, are likely to occur.

(RUITER, 2008, p. 27)

Para a Teoria da Adaptação, a fala agramática é o resultado de uma estratégia para evitar (*avoidance behaviour*) uma sobrecarga computacional (*computational overload*). Coordenar conteúdo informacional e forma sintática simultaneamente não funciona de maneira adequada (dependendo do grau de severidade do agramatismo), portanto estruturas simplificadas são

¹⁸ Agradeço a Edson França por cobrar esta abordagem mais voltada para o *processamento* que para o *funcionamento* da linguagem, que não constava no texto apresentado para a defesa.

planejadas. Este planejamento de estruturas simplificadas não é, para a Teoria da Adaptação, um processo consciente para o falante agramático.

Pensemos numa situação de diálogo com um sujeito agramático. Produzir sentenças completas demandaria muito tempo em função do distúrbio temporal de processamento, de modo que o interlocutor do sujeito afásico ou completaria as suas sentenças, falando por ele, ou simplesmente desistiria da conversa. Como o falante agramático precisa de mais tempo que um falante não-afásico para encontrar e articular as palavras que quer produzir e tem consciência da pressão temporal a que está submetido numa situação interativa, ele produz uma fala sintaticamente simplificada. Esta fala simplificada é chamada de *fala telegráfica* ou *fala elíptica*, mas que preferimos chamar de *fala reduzida*.

A questão terminológica não é simples, mas gostaríamos de apontar que não usaremos mais o termo *fala telegráfica*, - apesar de ele ser corrente no âmbito da Teoria da Adaptação -, porque implicaria uma comparação intuitiva entre a fala de sujeitos agramáticos com a linguagem que aparece em telegramas.

Tesak & Dittmann (1991) contrastaram a estrutura de telegramas obtidos através de um experimento com sujeitos não-afásicos alemães com a estrutura da fala agramática de afásicos alemães e notaram que há mais diferenças que semelhanças entre telegramas e a fala de sujeitos agramáticos. Mais tarde, Tesak & Niemi (1997) analisaram a estrutura sintática de telegramas e da fala agramática em quatro idiomas (holandês, alemão, sueco e finlandês) e chegaram à conclusão de que o termo *fala telegráfica* não é apropriado para descrever a fala de sujeitos com agramatismo. Por fim, Kleppa (a sair) realizou um experimento em que pediu a falantes não-afásicos de português que escrevessem telegramas de acordo com situações similares às de Tesak & Dittmann (1991) e contrastou sua estrutura sintática à estrutura da fala de MS. O resultado foi a comprovação de que a fala de sujeitos agramáticos não segue as mesmas regras sintáticas que as que encontramos nos telegramas (em que observamos basicamente a ordem canônica e o apagamento de palavras funcionais). Outras diferenças entre telegramas e fala agramática dizem respeito ao registro (os telegramas foram escritos, MS falou); planejamento (quem escreve um telegrama sabe o preço de cada palavra e assim calcula o que vai escrever, ao passo que não temos evidências de que o sujeito agramático calcula o uso que faz da fala reduzida); tempo de produção (os sujeitos do experimento receberam as situações por e-mail e tiveram tempo indeterminado para elaborar seus telegramas, enquanto o sujeito afásico estava envolvido num diálogo, correndo o risco de perder o turno se demorasse muito para falar).

O termo *fala reduzida* foi criado para qualificar o conjunto de características que telegramas e a fala agramática têm em comum: comunicação eficiente de forma sintaticamente simplificada e não-finita. Neste sentido, o termo *fala reduzida* é aplicável a outras situações discursivas, como por exemplo o estilo de fala que adotamos quando nos dirigimos a crianças pequenas (*baby talk*), estrangeiros não proficientes na nossa língua materna (*foreigner talk*), alunos de língua estrangeira (*teacher talk*) e diversos gêneros discursivos, como veremos na seção 6.3.

Não usamos o termo *fala elíptica*, porque poderia aludir a omissões deliberadas de palavras de qualquer categoria. Autores como Barton (2006), Casielles (2006), Paesani (2006) e Work (2006) consideram que a elipse seja o apagamento de elementos presentes em sentenças completas. Não assumimos aqui que o sujeito afásico faça uma escolha de quais palavras enuncia e quais não, ou que execute operações de apagamento e movimento de elementos lingüísticos, como é assumido por estes autores que estudam a fala de sujeitos não-afásicos. Segundo a Teoria da Adaptação:

Agrammatic speech (...) could be the result of “avoidance behaviour”, similar to what Heeschen (1980) has proposed for agrammatic comprehension. Agrammatic omissions would then be produced when the patients no longer tried to construct complete sentences but shifted to utterance types that require less capacity.

(KOLK & HEESCHEN, 1992, p. 94)

O que a Teoria da Adaptação chama de *fala elíptica*¹⁹ aparece na fala de sujeitos com agramatismo em decorrência de um certo tipo de monitoramento da própria fala. Afásicos com agramatismo têm consciência de suas dificuldades de produção de linguagem e realizam dois tipos de correção à própria fala, que fazem aumentar o seu tempo de fala. Segundo Kolk & Van Grunsven (1985) e Kolk & Heeschen (1996), estas estratégias são:

1. *preventiva* (as pausas indicam que estão se esforçando para encontrar a palavra mais adequada) e
2. *corretiva* (as interrupções e correções da própria fala indicam que estão reformulando suas escolhas de elementos lingüísticos).

Neste sentido, o *agramatismo* é caracterizado como uma *fala elíptica num tempo de fala maior*. Para a Teoria da Adaptação, a fala elíptica é formada a partir de sentenças simplificadas

¹⁹ Seguiremos usando os termos *fala telegráfica* e *fala elíptica* para descrever a Teoria da Adaptação, apesar de não assumirmos os termos na análise, pelos motivos apresentados há pouco.

(ou incompletas) que apresentam uma característica marcante: são não-finitas (*nonfinite*). Há dois modos de não marcar finitude: ou não há verbos nas sentenças, ou não há marcas de finitude nos verbos, de modo que aparecem formas verbais no infinitivo, particípio, gerúndio ou imperativo.

Gostaríamos de ilustrar esta não-finitude na fala agramática através de episódios de fala espontânea de MS e OJ, em que há ausência de verbos (episódio (1)) ou a ausência de marcas de flexão nos verbos, (episódio (2)).

(1) Irn: Como que você tem feito com as sinopses? Você tá copiando ainda do jornal ou você faz junto com a Heloisa?

MS: Isso, é, é...não!... é, não!

(levanta o dedo indicador)

É:::loisa, maravilha. ãh...

(MS: 24/03/06)

Note-se as pausas e dificuldades de articulação de MS. Não há qualquer verbo entre *Heloisa* e *Maravilha*.

(2) OJ: São Sebastião do Paraíso? **Andando, andando.** (OJ: 15/08/06)

OJ nos apresenta um dado em que usa um verbo no gerúndio, repetidas vezes. A ordem das palavras nos enunciados acima e a função das repetições de OJ serão abordadas mais detidamente na análise de dados.

Kolk e colaboradores afirmam que a fala elíptica produzida por sujeitos afásicos e sujeitos não-afásicos (quando estes últimos escrevem telegramas, se comunicam com bebês ou estrangeiros, quando participam de experimentos em que lhes é solicitado que produzam sentenças de duas palavras, ou ainda quando estão engajados em conversas informais) apresenta características similares, e que a diferença entre sujeitos agramáticos e não-afásicos é que, em suas interações cotidianas, os sujeitos agramáticos abusam (*overuse*) de estruturas simplificadas e possíveis numa certa língua, ao passo que não-afásicos raramente recorrem a elas. Segundo Kolk (2006: 245) sujeitos não-afásicos holandeses produzem por volta de 10% de fala elíptica quando envolvidos numa conversa informal, ao passo que sujeitos agramáticos holandeses produzem cerca de 60%. Contudo, vale lembrar que a fala elíptica é um recorte que o lingüista faz da fala

do sujeito com agramatismo. Além da fala elíptica, e em menor número de ocorrências, sujeitos agramáticos também enunciam sentenças completas com verbos conjugados adequadamente.

O agramatismo, relacionado então com fatores de tempo e monitoramento, é considerado um *fenômeno variável* na abordagem da Teoria da Adaptação.

Dependendo do grau de severidade do agramatismo, o sujeito não tem muita escolha entre adaptar ou não: sujeitos com agramatismo severo recorrem à fala elíptica porque não teriam condições de executar as computações sintáticas simultâneas necessárias para a formação de sentenças completas num tempo de fala aceitável para o interlocutor.

Quando submetidos a uma situação de teste, (ver principalmente Hofstede, 1992 e Kolk & Hofstede, 1994), em que é solicitado que produzam sentenças completas e lhes é dado tempo suficiente, os sujeitos agramáticos estudados pelos pesquisadores que desenvolveram a Teoria da Adaptação são capazes de produzir os elementos lingüísticos que estão ausentes em sua fala espontânea (verbos flexionados e elementos funcionais). Neste caso de situação de teste, então, o falante agramático opta por não se adaptar às suas dificuldades, na mesma medida em que um adolescente opta por não usar gírias quando conversa com um policial. A fala elíptica é encarada como uma questão de opção que o sujeito faz. No caso do adolescente, a possibilidade de opção é dada pela capacidade metalingüística do sujeito e pelo domínio de outras variantes lingüísticas. Já no caso do sujeito afásico, temos ainda que considerar a gravidade da lesão e seu efeito sobre a produção de língua no sujeito. A teoria da Adaptação não assume que, se lhe for dado tempo suficiente, qualquer sujeito agramático poderá comunicar-se em sentenças completas, porque o distúrbio lingüístico do sujeito agramático é uma limitação do tempo de processamento da linguagem a ser enunciada. Contudo, um sujeito que tem agramatismo leve, por exemplo, e faz questão de não soar afásico, pode manter sua linguagem como era antes do episódio neurológico, produzindo sentenças longas e complexas, mas precisará de mais tempo para produzi-las (ver principalmente Kolk *et al.*, 1985 e Kolk 2007).

Há ainda estudos que investigam a variação entre a escolha de um estilo de fala elíptica e sentenças completas num mesmo sujeito agramático com interlocutores diferentes (ver Heeschen & Schegloff, 1999) e um estudo (Beeke *et al.*, 2003) que mostra que um mesmo sujeito opta por registros diferentes (fala elíptica e sentenças completas) numa mesma situação de conversa informal com o mesmo interlocutor. Ademais, a fala elíptica é resultado de uma adaptação do sujeito, portanto tem características peculiares das escolhas do sujeito agramático que a produz.

Resumindo, a Teoria da Adaptação admite um amplo leque de variáveis que influenciam a manifestação do agramatismo: o grau de severidade da lesão cerebral, o grau de formalidade da situação enunciativa, o grau de familiaridade do interlocutor e a relação do sujeito com sua afasia.

No tocante à variabilidade observada neste trabalho, podemos dizer que as imagens de tomografia computadorizada de MS e OJ nos indicam que o agramatismo de OJ é mais severo que o de MS, portanto esperamos que MS tenha mais liberdade para não se adaptar, formando um número maior de sentenças completas e finitas que OJ. Tanto MS como OJ participaram de dois tipos de prática de linguagem: conversa espontânea e jogos de linguagem que chamamos aqui de *experimentos*. Não procuramos investigar variações entre o uso da fala reduzida (ou não-uso) por parte de MS e OJ com as interlocutoras.

Em resposta aos estudos desenvolvidos no âmbito da teoria gerativa, que consideram a fala de sujeitos que predominantemente usam a fala elíptica para comunicar como sendo mal-formada, a-gramática, Hofstede (1992) e Kolk (2006) declaram que, se analisada enquanto elipse (não-finita em sua forma e contextual em seu uso: conteúdos elididos podem ser recuperados no contexto conversacional) e não partindo do pressuposto de que uma oração precisa ter um verbo flexionado como núcleo, a fala agramática é considerada bem-formada. Bem-formada, vale lembrar, não significa necessariamente normal. Significa que obedece às regras sintáticas da língua.

Apesar de considerarmos que a Teoria da Adaptação é dotada de grande beleza por levar em conta a grande variabilidade encontrada na produção agramática e por apostar num sujeito falante ativo que adapta a sua fala ao seu distúrbio lingüístico (e portanto não é um paciente passivo), percebemos que ela tem algumas limitações:

- postula que o sujeito com agramatismo se adapta lingüisticamente ao seu distúrbio lingüístico (um objeto de debate por muito tempo), mas não contempla a possibilidade do sujeito mobilizar recursos não-verbais, como por exemplo gestos, para se comunicar;
- assume que o agramatismo seja um fenômeno variável, admitindo a influência de um número indefinido de fenômenos (de naturezas diferentes). Grau de severidade da lesão, grau de formalidade da situação de fala, familiaridade do interlocutor e relação do sujeito agramático com sua afasia são variáveis muito distintas, que algumas vezes não são mensuráveis. Estas variáveis parecem cobrir qualquer tipo de manifestação agramática do sujeito;

- assume que a adaptação seja uma questão de *opção* do falante agramático, que suas sentenças seguem a um *planejamento* simplificado, e por fim que ele *monitora* a sua fala, mas afirma que esta opção não é necessariamente consciente. Consideramos que associar as palavras em itálico acima a operações inconscientes é, no mínimo, complicado. Percebemos que falta uma explicação mas detalhada de como se dá o planejamento da fala simplificada;
- assume uma postura formalista, descrevendo seus dados em termos de *erros* e contando *omissões* e *substituições*. A comparação da fala de sujeitos holandeses com agramatismo com telegramas escritos por sujeitos holandeses, publicada por Tesak (1994), evidenciou surpreendentes semelhanças no nível do sintagma, o que permite aos teóricos da Teoria da Adaptação que continuem usando termos como *fala telegráfica*, *omissões*, *fala elíptica*. Até 1994, os textos desenvolvidos no âmbito da Teoria da Adaptação referiam-se explicitamente à *reconstrução* – por parte do lingüista – de enunciados incompletos do sujeito agramático. Os resultados do experimento do telegrama de Kleppa (a sair) explicam por que a análise da fala de sujeitos agramáticos não pode ser feita em termos de omissões e substituições, nem pode ser reconstruída em laboratório, como veremos na seção 6.3;
- limita-se ao exame de sintagmas, não investigando o nível da sentença ou texto, porque tem uma grande preocupação com a ‘normalidade’. A fala não-afásica é o parâmetro para a normalidade, e no nível da sentença ou texto o sujeito agramático não produz enunciados ‘normais’. Assim, a análise lingüística desenvolvida por Kolk (ver principalmente Kolk, 2006, por ser um resumo) produz como resultado um alto número de sintagmas isolados e não permite apreciar as relações entre dois ou mais sintagmas formando um texto;
- percebe uma mudança na fala dos sujeitos agramáticos quando a situação de fala é alterada: os sujeitos agramáticos usam menos fala ‘elíptica’ em situações de teste; mas os teóricos da adaptação não contam o tempo em que se dá a fala mais completa dos sujeitos nesta situação, correlacionando assim a forma sintática da fala com o seu tempo de produção.
- demonstra grande preocupação acerca da relação do sujeito com sua própria linguagem heterogênea e a sua relação com o interlocutor, mas deixa de lado a adaptação que o sujeito realiza em relação aos seus interlocutores e em relação à imagem que tem da

própria fala. Falta, a nosso ver, uma preocupação com a atividade de interpretação da fala agramática. Se a fala agramática apresenta enunciados extremamente curtos e há omissão e substituição de palavras funcionais, então como o sujeito agramático, que escuta a própria fala, pode julgar que está comunicando algo? Como nós, interlocutores, somos capazes de interpretar a fala deste sujeito? O que a Teoria da Adaptação fez, por muito tempo, foi reconstruir a fala de seus sujeitos. Preferimos uma solução alternativa, concebida por Donald Davidson.

3.4. Paralelo convergente: os malapropismos de Davidson

Exemplos de malapropismos são: *O preço da comida no Japão é gastronômico* e *Precisamos dar umas risadas pra quebrar a monogamia*, além do título do artigo que ilumina questões sobre a interpretação da fala do outro, “A nice derangement of epitaphs”. Imediatamente percebemos que a intenção comunicativa do falante que enunciou estas sentenças não corresponde à forma em que foram enunciadas. Os preços de comida no Japão são *astronômicos*, as risadas servem para quebrar a *monotonia* e Mrs. Malaprop referia-se a um belo *arranjo* de *epígrafes*. Davidson (1986) não nos interessa apenas porque analisa malapropismos, mas porque desenvolve uma teoria da interpretação:

Malapropisms introduce expressions not covered by prior learning, or familiar expressions which cannot be interpreted by any of the abilities so far discussed [language cannot be systematic, shared and prepared]. Malapropisms fall into a different category, one that may include such things as our ability to perceive a well-formed sentence when the actual utterance was incomplete or grammatically garbled, our ability to interpret words we have never heard before, to correct slips of the tongue, or to cope with new idiolects. These phenomena threaten standard descriptions of linguistic competence (including descriptions for which I am responsible).
(DAVIDSON, 1986, p. 437)

Para Davidson, a língua não é um sistema que o falante aprende, conhece ou compartilha com os membros de sua comunidade. O que é dado é uma base comum entre falante e interpretante: o interpretante usa a sua teoria (uma base finita, no entanto recursiva de categorias e regras), chamada de *prior theory*, para compreender o falante e o falante usa a mesma base (ou equivalente) para se fazer entender. O que é compartilhado entre falante e interpretante são os ajustes necessários durante o ato comunicativo, chamados de *passing theory*. O autor é muito

cuidadoso ao definir *língua* neste texto (contudo, explicita o que ela não é), preferindo investir na compreensão da habilidade dos falantes e interpretantes de construir *passing theories* adequadas para seus interlocutores (Davidson, 1986, p. 445). A habilidade lingüística dos falantes consiste, então, na habilidade de convergir *passing theories*.

For there are no rules for arriving at passing theories, no rules in any strict sense, as opposed to strict maxims and methodological generalities. A passing theory really is like a theory at least in this, that it is derived by wit, luck and wisdom from a private vocabulary and grammar, knowledge of the ways people get their point across, and rules of thumb for figuring out what deviations from the dictionary are most likely. There is no more chance of regularizing, or teaching, this process than there is of regularizing or teaching the process of creating new theories to cope with new data in any field – for that is what this process involves.

(DAVIDSON, 1986, p. 446)

Assim podemos vislumbrar uma concepção de língua enquanto *atividade*:

I assume that the interpreter's theory has been adjusted to the evidence so far available to him: knowledge of the character, dress, role, sex of the speaker, and whatever else has been gained by observing the speaker's behaviour, linguistic or otherwise. As the speaker speaks his piece, the interpreter alters his theory, entering hypotheses about new names, altering the interpretation of familiar predicates, and revising past interpretations of particular utterances in the light of new evidence.

(DAVIDSON, 1986, p. 441)

e, mais adiante:

Let us look at the process from the speaker's side. The speaker wants to be understood, so he utters words he believes can and will be interpreted in a certain way. In order to judge how he will be interpreted, he forms, or uses, a picture of the interpreter's readiness to interpret along certain lines. Central to this picture is what the speaker believes is the starting theory of interpretation the interpreter has for him.

(DAVIDSON, 1986, p. 442)

Pelo fato de ouvir a própria fala²⁰, o sujeito agramático é tanto falante como interpretante da sua fala agramática. Seguindo os passos de Davidson, podemos dizer que o sujeito agramático ajusta a sua fala à imagem que tem de sua própria fala e às crenças sobre as categorias e regras

²⁰ Não podemos afirmar com segurança que a criança (especialmente na segunda posição, conforme De Lemos) ou afásicos fluentes (com afasia de Wernicke) escutam a própria fala.

lingüísticas que compartilha com o seu interpretante. Por não se comunicar, na maioria das vezes, através de sentenças completas e sintaticamente canônicas, o sujeito agramático demanda de seu interpretante que constantemente faça ajustes entre o que ele diz e o que pretende dizer. Deste modo, o ouvinte de um sujeito agramático não é uma figura passiva, mas uma figura ativa, que se empenha em co-construir enunciados (em específico) e o diálogo (em geral) com o sujeito agramático.

Numa conversa entre não-afásicos, este movimento de co-participação dialógica também é observável, mas acreditamos que seja possível distinguir diferentes graus de envolvimento do ouvinte (numa palestra, os ouvintes têm uma participação menor, ao passo que numa entrevista/discussão a participação do ouvinte é essencial). O que diferencia a fala agramática da fala não-afásica é o grau em que o ouvinte é envolvido a co-construir a conversa e a frequência (em parte por causa dela) com que sujeitos agramáticos e não-afásicos usam a fala reduzida. No capítulo 6 aprofundaremos mais as características da fala reduzida.

4. Revisando modelos: autores que já compararam a fala de crianças com a fala de sujeitos agramáticos

We're only at home when we're on the run
Rush

A correlação entre aquisição e perda de linguagem foi estudada por autores como Ouhalla (1993), por exemplo. Filiado ao Programa Gerativo, este autor contrasta a produção de categorias funcionais na fala de crianças e afásicos para demonstrar que as categorias funcionais constituem um módulo à parte no sistema cognitivo:

It is argued further that the deficit underlying agrammatism results in the generation of an impoverished structure of sentence, which lacks functional categories (projections) altogether. That is, a structure which consists of the projection of substantives (semantic heads) only, e.g. VP, NP... etc. Parallels are drawn with similar properties in early child language, and analyses suggested for them, with the aim of putting forward the hypothesis that functional categories constitute an autonomous component (module) of UG, and that they are represented separately from substantives in the human cognitive system.

(OUHALLA, 1993, p. 3)

É de se notar que, para este autor, o agramatismo não é um distúrbio que ilumina o *processamento* da linguagem, mas sua *armazenagem* no cérebro humano. Esta nos parece ser uma visão demasiado estática da linguagem, do cérebro e do falante. Ademais, seus dados são provenientes da literatura sobre aquisição de linguagem e afasia (ou seja, o autor não os coletou diretamente), e é bem possível que estejam misturados dados resultantes de experimentos metalingüísticos com dados de fala espontânea tanto das crianças como dos sujeitos afásicos.

Enquanto Ouhalla (1993) procura aproximar a fala de crianças com a fala de sujeitos afásicos através da ausência de palavras funcionais na Gramática Universal (UG em inglês), De Villiers (1974) examina a presença ou ausência de um conjunto de 14 morfemas gramaticais, a saber, a flexão progressiva *-ing*; a marca de terceira pessoa do singular (regular e irregular); marcas de pretérito (regular e irregular); cópula e auxiliar (contraído ou não); artigos; duas preposições: *on* e *in*; marca de plural *-s* e marca de posse em *'s*. Partindo de Brown (1973a)²¹,

²¹ *Apud* De Villiers (1974).

que examinou a recorrência destes 14 morfemas gramaticais na fala de três crianças em processo de aquisição de linguagem (inglês), De Villiers investiga o uso destes morfemas gramaticais na fala de sujeitos afásicos e estabelece uma relação dos morfemas ‘mais difíceis’ para os sujeitos afásicos. É de se notar que a comparação de dados não é homogênea: dados de fala espontânea de crianças são contrastados com dados obtidos em situações de teste com sujeitos afásicos.

De Villiers não especula sobre a organização da linguagem no cérebro de crianças e afásicos, não faz uso da dicotomia ‘aquisição x perda’, mas se propõe a descrever a ‘fala telegráfica’ destas duas populações. Os morfemas analisados têm alta distribuição e frequência na fala normal, mas o autor nota que na fala afásica estes 14 morfemas são menos frequentes que na fala infantil, porque as estruturas produzidas pelos sujeitos afásicos não prevêm a ocorrência destes morfemas:

This study has not exhausted the description of the differences between the child’s speech and aphasic’s speech, but it has provided an objective account of the differences in the so-called “telegraphic” speech they share. One other item of note is that obligatory contexts, not only the morphemes which mark them, are only gradually identifiable in the growing child’s speech, whereas aphasics provide all of the contexts in a similar manner to normal adults, though suppressed in frequency. This illustrates the problem of comparing acquisition and aphasia: inadequacies in the former reflect immaturity; in the latter they are indications of functional disorder. (DE VILLIERS, 1974, p. 52)

Kolk (2001, 2006) é outro autor que se propõe a descrever a fala ‘incompleta’, ‘telegráfica’ ou ainda ‘elíptica’ de crianças, sujeitos agramáticos e adultos não-afásicos. Este autor observa características gramaticais comuns presentes na fala elíptica (definida como *nonfinite clauses*: orações sem verbo ou com verbos sem flexão temporal) na fala destas três populações. Quando crianças, afásicos e adultos não-afásicos produzem sentenças incompletas, foi investigada a (a) distribuição dos tipos de elipse, (b) elaboração da elipse, (c) ordem das palavras, (d) omissão do sujeito gramatical, (e) frequência de pronomes clíticos e (f) tipo de verbo:

Applying this principal [regression to earlier levels of language development] to grammatical rather than phonological development – which was Jackson’s primary focus – a similarity between child, aphasic and normal ellipsis would not only support the regression hypothesis, but would also provide a rationale for such a regression: a similar adaptation to a similar capacity limitation. (KOLK, 2001, p. 343)

É preciso reconhecer que Kolk (2001) analisa um *corpus* restrito: orações elípticas (que aqui chamamos de *fala reduzida*) sem marcas de finitude verbal são raras na conversa espontânea de adultos não-afásicos (ocorrem numa proporção de 10% para todo o volume de uma conversa espontânea produzida, segundo Kolk, 2006) co-ocorrem com orações finitas na fala de crianças (dependendo da idade, a variação²² é grande, sendo que em idades menores a frequência pode chegar a 80%, enquanto que em idades mais avançadas atinge 40%, segundo Kolk, 2006) e sujeitos agramáticos (orações elípticas aparecem numa frequência média de 60% em relação ao total da fala, segundo Kolk, 2006). Um dado surpreendente é que esta pequena amostragem de dados muito particulares revela que a elipse na fala espontânea segue regras similares numa mesma língua (holandês), não dependendo de quem a usa: se a criança, o afásico ou o adulto não-afásico. Antes de confiarmos nesta informação, precisamos considerar as categorias de análise de Kolk (2006): *isolated predicate* e *subject-predicate*. Os exemplos para cada categoria evidenciam que um *predicado* corresponde a um *sintagma*, ou seja, o autor toma o sintagma como unidade de análise. Quando a sentença elíptica produzida pelo falante (não-afásico, criança ou agramático) ultrapassa os limites do sintagma, Kolk lida com construções que ele chama de *subject-predicate*, que referem à concatenação de dois sintagmas. Tal tipo de abordagem impossibilita a apreciação da ordem das palavras na sentença, porque se restringe à ordem das palavras no nível do sintagma. Assim, tal tipo de abordagem permite que se postule a boa formação (*well-formedness*) da fala elíptica.

Os estudos acima mencionados admitem possíveis falhas de interpretação dos dados, mas partem do pressuposto de que é possível fazer uma comparação direta entre aspectos da fala de crianças e sujeitos afásicos com afasia de Broca. Já outros estudos como, por exemplo Gleason & Wolf (1988) e Fonseca & Landi (2003), apontam para a impossibilidade de se contrastar a linguagem (ou aspectos dela) de crianças com a linguagem de sujeitos afásicos com agramatismo. Através de testes de nomeação, Gleason & Wolf (1988) chegam à conclusão de que certas diferenças entre os sujeitos pertencentes às populações escolhidas inviabilizam o estabelecimento de paralelos lingüísticos:

Results have revealed that, although there are some similarities, the limited language that remains accessible to an aphasic person differs from the language of a young child just acquiring language. The

²² É de se notar que Kolk examinou dados de crianças diferentes com idades diferentes, não dados da mesma criança em idades diferentes.

spontaneous vocabulary of aphasic patients, for instance, is not limited to the here-and-now items common to young children, nor does agrammatism parallel the child's emerging grammar (Gleason 1978, 1982).

Confrontation naming also evokes differences among subject groups: normally developing children's naming follows a regular pattern in which the most frequent words are the easiest to name; dyslexic children's naming ability shows an irregular pattern with no simple relationship to frequency (Wolf 1982). Aphasic patients' naming abilities bear a complex relationship to the target words; frequency, latency and diagnostic group all have an effect on the interaction (Wingfield 1966).

(GLEASON & WOLF, 1988, p. 290)

O trabalho de Fonseca & Landi (2003) aponta para as especificidades dos falantes envolvidos nesta correlação de aquisição/ dissolução. Para tanto, utilizam-se da teorização sobre a aquisição da linguagem desenvolvida por De Lemos (1982, 1992, 2002, entre outros) e de suas próprias reflexões sobre patologias de linguagem. Assim, destacam a importância da relação que o sujeito tem com a linguagem:

“(...) a criança não estranha o que diz, ela apenas diz, cede lugar ao movimento da língua. Diferentemente, (...) o afásico estranha o que diz (...) fica sob efeito do que diz.” Lier-De Vitto & Fonseca, 1998: 58.

(FONSECA & LANDI, 2003, p. 5)

Da literatura consultada, apenas Fonseca & Landi (2003) apontam para os diferentes estatutos de sujeito falante da criança e do sujeito afásico. Chegam a esta conclusão através da observação da relação que o sujeito afásico e a criança (um sujeito em formação) têm com a linguagem. A criança é *infans* em processo de constituição de sua subjetividade através da linguagem pela qual é *capturada*, segundo De Lemos. Os sujeitos afásicos são sujeitos falantes que tiveram sua subjetividade abalada por uma lesão cerebral que manifesta suas seqüelas no corpo e na fala.

Tumiate (2007) refere-se ao trabalho de Fonseca nos seguintes termos:

Fonseca produz um discurso diferenciado e relevante sobre a afasia, dizer este inédito, já que produz um revolucionário olhar para as afasias: coloca sob suspeita a relação de causalidade cérebro-linguagem, tão difundida na afasiologia, e coloca o lingüístico em lugar de destaque, não mais com efeito descritivo, mas como instrumento para reflexão do movimento da língua do sujeito.

(TUMIATE, 2007, p. 16)

A questão da constituição do sujeito pela linguagem é central na teorização sobre a reorganização da linguagem por um sujeito afásico, por dois motivos: em primeiro lugar, o sujeito agramático já é um falante e pouco do que ele produzir fugirá às normas de sua língua materna. Em segundo lugar, a mudança de sua linguagem não se dá de maneira previsível. Os sujeitos afásicos são singulares: têm diferentes históricos na sua língua materna, sofreram lesões cerebrais de gravidade diferente, acarretando conseqüências diferentes no corpo e na linguagem, que foram tratadas de maneiras diversas (ou simplesmente não foram tratadas); e apresentam diferentes modos de lidar com sua afasia. O sujeito afásico pode precisar de terapias lingüísticas – dependendo do grau de severidade da afasia – para reconstruir a sua linguagem, ao passo que a criança não precisa de instruções ou ajuda de qualquer tipo (a não ser de interação pela linguagem) para adquirir sua língua materna.

4. 1. Autores que já descreveram preposições na fala de crianças e sujeitos agramáticos

A aquisição de preposições já foi o foco de alguns estudos lingüísticos. É mais comum que estes estudos investiguem o uso de preposições locativas ou locuções prepositivas que descrevem o espaço, dispondo-as numa seqüência de aquisição. Preposições ‘conceptualmente menos complexas’ são adquiridas antes de preposições ‘conceptualmente mais complexas’. Neste sentido, trabalhos como o de Pereira (1977), Pinker (1981), Perronard (1985) e Tomasello (1987) discutem o desenvolvimento cognitivo da criança paralelamente à construção de regras gramaticais na linguagem da criança, assumindo que a linguagem das crianças reflete graus de maturação cognitiva. Os dados coletados são longitudinais e referentes a conversas espontâneas.

Estudos que não seguem esta linha desenvolvimentista são trabalhos como os de Cook (1976), Stenzel (1996), Perroni (1999) e Strömquist & Ragnarsdóttir (2000). Cook (1976) discute resultados de um experimento que testava a aceitabilidade/ compreensão de crianças falantes de inglês de sentenças em que a ordem dos objetos é alternada (objeto indireto preposicionado depois de objeto direto, como em *John gave the bicycle to Jacqueline* ou objeto indireto sem preposição antes do objeto direto, como em *John gave Jacqueline the bicycle*). Já Strömquist & Ragnarsdóttir (2000) descrevem o desenvolvimento e distribuição de sintagmas preposicionados ligados a verbos na fala espontânea de crianças escandinavas através de assimilação de mecanismos sintáticos e pragmáticos.

Perroni (1999) descreve o funcionamento de uma única preposição, **para**, na fala espontânea de uma criança brasileira (coincidentalmente, trata-se de R, a criança cujo *corpus* é usado aqui) e discute o estatuto categorial de item lexical/ funcional da preposição que tomou como objeto de análise. Conclui que não há grandes diferenças qualitativas entre a gramática da criança e do adulto: a preposição **para** atribui papel temático de *beneficiário* ao sintagma nominal adjacente, e introduz um *objetivo, meta* ou *fim*. Estas funções da mesma preposição apontam para uma recategorização da preposição **para**. Perroni (1999) sugere a distinção entre preposição (lexical) e preposição/ complementador.

Por fim, Stenzel (1996) separa as preposições funcionais das preposições lexicais e afirma que as preposições funcionais são omitidas mais freqüentemente na fala espontânea de uma criança bilíngüe.

Esta separação entre preposições *funcionais* e *lexicais* é corriqueira na literatura. Autores como Friederici (1982, 1985) e Friederici *et al.* (1982) classificam-nas como *lexicais* e *obrigatórias*. Grodzinsky (1988), Tesak & Dittmann (1991), Tesak (1994) e Bastiaanse (1995) classificam-nas como *governed* e *ungoverned*. Nespoulous *et al.* (1988) e Rauh (1993, 2002) as classificam como *lexicais* e *não-lexicais*. Lonzi & Luzzatti (1995) separam *locativas* de *obrigatórias*, e Guindaste (1996) e Berg (1998) dividem as preposições em *lexicais* e *funcionais*. Desta maneira, assume-se que as preposições possam ser selecionadas ora semanticamente (quando, por exemplo, introduzirem adjuntos do verbo: *de noite, de Pindamonhangaba, de bicicleta*) ora sintaticamente (quando, por exemplo, introduzirem argumentos ou complementos do verbo: *cuida de crianças*, do substantivo: *dependência de chocolate*, ou do adjetivo: *fácil de esquecer*). Assim, um mesmo elemento pode ser ‘lexical’ num contexto e ‘funcional’ em outro.

Esta distinção das preposições tem uma aplicação prática: partindo da assunção de que a fala de sujeitos afásicos é deficitária, muitos autores usaram classificações de preposições como estas elencadas acima para descrever quais preposições estariam ‘preservadas’ na fala agramática e quais estariam ‘prejudicadas’, quando são omitidas e quando são substituídas. De uma maneira geral, é defendido que quando as preposições forem unidades morfológicamente independentes, as *preposições lexicais* (ou *locativas* ou ainda *não-governadas*) estão preservadas na fala agramática, ao passo que as *obrigatórias* (ou *funcionais, não-lexicais* ou ainda *governadas*) são omitidas na fala agramática. Quando amalgamadas a outros itens lingüísticos, as preposições são mais facilmente substituídas, segundo Friederici *et al.* (1992), Halliwell (2000), Menn & Obler (1990) e Nillipour (2000).

Para a Teoria da Adaptação é crucial distinguir os tipos de dados de afasia (coletados durante conversas espontâneas ou situações de teste) em que há preposições. Segundo esta teoria, faz muita diferença afirmar que não há preposições em dados de fala espontânea ou em dados obtidos a partir de experimentos que tinham como proposta evocar preposições (principalmente locativas) na fala de sujeitos afásicos. Citamos Hofstede, que toca exatamente neste ponto:

They represent forms of agrammatic speech that differ in quality. Therefore, it seems to be of critical importance to distinguish between samples of agrammatic speech that are obtained in different types of task situation, instead of treating them all as instances of agrammatism. However, that is what is typically done. See, for example, Menn and Obler (1990). Speech produced in a wide range of narrative tasks varying from free conversation, story telling, story retelling to several types of picture description tasks is all classified as 'agrammatic speech'. Its heterogeneous character may, at least partly, be due to this task variation. Before rejecting the category 'agrammatism' as a pre-theoretical construct as Badecker and Caramazza (1985) do, we need to study further the effects of different types of task situation on the character of agrammatic speech. (HOFSTEDE, 1992, p. 86)

Dos autores citados acima, Friederici *et al.* (1982), Friederici (1982, 1985), Grodzinsky (1988), Nespoulous *et al.* (1988) e Lonzi & Luzzatti (1995) aplicaram experimentos que deliberadamente evocavam preposições (testes orais de produção, em que é pedido ao participante que complete a sentença com uma preposição, testes orais de compreensão em que o participante julga qual é a melhor preposição, repetição oral de sentenças que contêm preposições, e assim adiante). Tesak (1994) e Bastiaanse (1995), em contrapartida, analisaram dados de fala espontânea. Já Tesak & Dittmann (1991) e Guindaste (1996) não diferenciam seus dados de fala espontânea daqueles obtidos através de testes metalingüísticos.

Não encontramos nenhum estudo que trata exclusivamente do contraste de uso de preposições na fala de crianças e sujeitos afásicos num mesmo registro (ou fala espontânea ou o mesmo experimento). É de se compreender que talvez não faça sentido aplicar um mesmo experimento para uma criança e um sujeito afásico, quando se espera que ambos produzam fala reduzida, porque a criança que faz uso freqüente da fala reduzida pode ainda não ser capaz de compreender as instruções do experimento e participar da pesquisa da mesma maneira que o sujeito afásico, que (via de regra) compreende o que é esperado dele na situação de teste; mas nem sempre há garantias de que o sujeito agramático compreendeu a instrução de um experimento ou teste.

5. Onda-partícula: preposições ligadas a verbos

*Essa é a famosa dualidade onda-partícula da luz;
a luz pode se comportar como onda ou como partícula,
dependendo da natureza do experimento.
Se o experimento testar suas propriedades ondulatórias,
como padrões de interferência, a luz se manifestará como onda;
e se o experimento testar suas propriedades de partícula,
como colisões com outras partículas, a luz se comportará como partícula.
Portanto, a luz não é partícula ou onda, mas, de certa forma, ambas!
Tudo depende de como nós decidimos investigar suas propriedades.*
Marcelo Gleiser

Um grande problema de qualquer análise que assume que o distúrbio lingüístico do sujeito agramático seletivamente afeta as palavras funcionais é imposto pela própria natureza de uma classe de palavras em particular: as preposições. Uma descrição mais abrangente das preposições pode ser encontrada em um capítulo sobre a preposição inserido na Gramática do Português Falado sobre as classes de palavras (a sair), de Castilho *et al.* Segundo os autores, as preposições, se tomadas como um conjunto, não podem ser atribuídas à categoria das palavras funcionais porque (i) algumas possuem valor semântico saliente e (ii) algumas sofrem mudanças na forma quando são amalgamadas com outros itens lingüísticos. Também não podem ser alocadas, como um conjunto, na categoria das palavras lexicais porque (iii) não referem a entidades e/ou eventos no mundo, mas estabelecem relações entre entidades e/ou eventos no mundo (ver Perini, 2006); (iv) constituem um inventário relativamente fechado e (v) são selecionadas por outros constituintes da sentença. Em suma, as preposições estão situadas na divisa entre os campos da sintaxe e da semântica. Examinemos mais detidamente os pontos (i) – (v):

- i. Podemos notar que algumas preposições são semanticamente unívocas: possuem um valor semântico específico (por exemplo **até** sempre expressará a idéia de *limite*). Outras, em contrapartida, assumem seu valor semântico a depender do contexto em que se inserem (por exemplo as preposições **de** ou **em**, que são definidas através de exemplos em alguns dicionários (ver Kleppa, 2008). Quanto mais exemplos, mais valores semânticos a preposição assume).
- ii. Algumas preposições podem ser contraídas com outros itens lingüísticos (**em** + a = **na**), ao passo que outras sempre terão sua forma constante (**até**, **contra**, **entre**, **sem**, **sob**, **sobre**). Para mais detalhes, ver Kleppa (2005b).

- iii. Elementos lexicais apontam para entidades e/ou eventos no mundo, podendo assim receber papéis temáticos (agente, paciente, experienciador, tema, instrumento etc.), que são funções semânticas (ver Perini, 2006 e Castilho *et al.*, a sair). As preposições, no entanto, não referem a entidades e/ou eventos no mundo, mas estabelecem relações semânticas entre entidades e/ou eventos, de modo que atribuem papéis temáticos.
- iv. Inventar uma nova preposição parece uma tarefa muito mais complicada do que inventar um novo substantivo, verbo ou advérbio. Todavia, adotar uma preposição de outra língua não é tão difícil: basta pensarmos na forma *via*, que não consta nas listas de preposições apresentadas nas gramáticas e é definida como substantivo feminino nos dicionários, mas é aceita como sendo uma preposição importada diretamente do latim (observável, por exemplo, na plaqueta no vidro do ônibus: ‘São Paulo – Poços de Caldas **via** Campinas’). Para uma análise mais refinada, ver Castilho *et al.* (a sair).
- v. As preposições preenchem um espaço na sentença que foi aberto por um núcleo de um sintagma da oração. Contudo, a escolha de qual preposição preencherá este espaço recai sobre sintagmas diferentes. Preposições introdutoras de argumentos de verbos são selecionadas pelo verbo (*gostar de livros*, *gostar de ler*), ao passo que preposições introdutoras de adjuntos do verbo serão selecionadas pelo sintagma nominal que constitui o adjunto, obedecendo a critérios semânticos (*chegar em Olinda*, *chegar de Olinda*, *chegar até Olinda*). Para mais detalhes, ver Kleppa (2005a).

Diante destes padrões de comportamento semântico, sintático e morfológico diferentes, surge a pergunta: como se comportam as preposições ligadas a verbos na fala de um afásico agramático? Haverá diferenças significativas no tocante à preposição quando contrastarmos a fala de MS e OJ em situações de conversa espontânea e situações experimentais em que as preposições são elicitadas? Outra pergunta que motiva esta investigação diz respeito à correlação entre a fala de dois sujeitos afásicos com agramatismo e a fala de uma criança: é possível confirmar a hipótese do espelho invertido?

Sabemos que a maior parte da fala agramática é composta por fala reduzida, com sintagmas ou orações sem verbo ou sem flexões verbais, então não podemos contar com muitas preposições ligadas a verbos. Contudo, os sujeitos com agramatismo não se comunicam exclusivamente através de fala reduzida, ademais é possível recuperar o verbo não enunciado pelo sujeito agramático no contexto do diálogo. Os dados de conversa espontânea e situações

experimentais dos sujeitos MS e OJ serão analisados à procura de preposições ligadas a verbos, não importando se o verbo a que se ligam é flexionado ou não. Os dados da criança R são apenas de conversa espontânea, e todos os que foram selecionados para o estudo em Kleppa (2005a) serão analisados aqui. O comportamento das seguintes preposições encontradas no *corpus* será analisado:

em, para, de, com, por, sem, até, a, sobre, contra, desde

O que segue é um breve resumo do comportamento das preposições listadas acima, observado em Kleppa (2005a). Examinemos as possíveis constelações em que preposições podem aparecer ligadas a verbos na fala de crianças e sujeitos com agramatismo. Do ponto de vista sintático, as preposições podem introduzir tanto argumentos como adjuntos de verbos. A diferenciação entre argumentos e adjuntos ainda é bastante discutida na literatura, e os critérios para tanto não são homogêneos²³. Intuitivamente, podemos afirmar que argumentos são os sintagmas que preenchem as valências do verbo. O número de valências é especificado lexicalmente e pode ou não ser sintaticamente saturado. Tomemos como exemplo um verbo (*comer*) com duas valências (*alguém/ algo*) usado intransitivamente, numa situação de diálogo:

- a) - Josiane, sua festa está ótima!
 - Obrigada. Você comeu?

Um critério (intuitivo, é certo) para diferenciar argumentos de adjuntos é o da completeza de significado que os argumentos dão à oração e o caráter descartável dos adjuntos. Todos os adjuntos (entre colchetes) na sentença abaixo podem ser eliminados, sem afetar a aceitabilidade da sentença:

- b) Júlia comeu sushi [**de** garfo e faca] [**na** praça central] [**às** duas da tarde].

Na sentença apresentada em c) o argumento entre colchetes não pode ser omitido²⁴, porque completa a valência do verbo:

²³Agradeço a Renato Basso por nossas longas conversas sobre argumentos e adjuntos.

²⁴A não ser que se trate de uma sentença elíptica, proferida num diálogo, como em a), de modo que os elementos elididos possam ser facilmente recuperados no contexto.

c) Jordano quebrou [a minha xícara preferida]

Se um verbo for bivalente (ver Borba, 1996; Kleppa, 2005a; Ilari & Basso, a sair na Gramática do Português Falado), seu segundo argumento pode ser um sintagma preposicional. Nesta posição, os sintagmas preposicionais (representados entre colchetes: [SP]) podem ser formados por uma preposição e um sintagma nominal (assim: [SP (Prep + SN)]) ou por uma preposição e um verbo infinitivo (assim: [SP (Prep + Vinf)]). Se o verbo for trivalente, três argumentos (sujeito, objeto direto e indireto) estarão ligados a ele, sendo que somente o terceiro argumento será introduzido por preposição. Verbos com quatro argumentos (ex: *vender*, *comprar*, *traduzir*) são muito raros na língua portuguesa e não tiveram todos os seus argumentos preenchidos simultaneamente em nenhum dos registros examinados. Portanto, as preposições analisadas ocupam as seguintes posições:

[V] + Arg [Prep + SN]	(+ Adj [Prep + SN])
[gosto] [da minha bicicleta]	[de verdade]

[V] + Arg [Prep + Vinf]	(+ Adj [Prep + SN])
[gosto] [de pedalar]	[de noite]

[V] + Arg [SN] + Arg [Prep + SN]	(+ Adj [Prep + SN])
[ganhei] [este capacete] [do meu amigo]	[no Natal]

A análise dos dados, no entanto, evidenciará que nem todos os elementos acima estarão preenchidos, de maneira que haverá casos de [V] + [Prep], [Prep + SN], [Prep + Vinf] e assim adiante.

Se tentarmos coadunar funções sintáticas de argumentos e adjuntos com funções semânticas, notaremos que os argumentos concernem os *participantes* da ação, enquanto os adjuntos expressam *circunstâncias* da ação. Assim, adjuntos possuem valor adverbial e apresentam informações acerca do tempo, espaço e modo como a ação se dá. A identificação de sintagmas que recortam o ‘tempo’ e ‘espaço’ não é problemática, mas a definição de ‘modo’ não é satisfatória, porque é feita por exclusão: o que não for concernente a ‘tempo’ ou ‘espaço’ e é

dispensável, é adjunto de modo. Poderíamos substituir, em *b)*, os adjuntos expressos por SPs por advérbios de modo, espaço e tempo, tal qual:

b) Júlia comeu sushi [apressadamente] [ali] [ontem].

É possível perceber que as preposições atribuem funções semânticas aos SNs que introduzem em SPs²⁵. Teorias de Casos ocupam-se de atribuir papéis temáticos aos adjuntos e argumentos de um verbo. As definições dos papéis temáticos variam de teoria para teoria, como aponta Parsons (1995), mas algumas categorias constantes são: *agente, paciente, experienciador, beneficiário, tema, instrumento, local*. As definições de cada uma destas categorias é bastante intuitiva e sua identificação nos *corpora* é pouco problemática, exceto a categoria ‘tema’, como veremos adiante. Sem adotar nenhuma Teoria de Casos em específico, porque a decisão por qualquer uma delas seria, para os interesses do presente trabalho, arbitrária, lançaremos mão das seguintes categorias, definidas para os propósitos desta tese, para qualificar os sintagmas preposicionais detectados nos *corpora* de R, MS e OJ:

Participantes:

1. *Paciente* é aquele que é alvo da ação do agente, como em:

d) Janaína falou horrores **para** a Judite

2. *Experienciador* é aquele que sofre a ação do agente, como em

e) Jorge bateu **no** Júlio

3. *Beneficiário* é aquele que se beneficia da ação do agente, como em:

f) Julieta deu uma festa **para** Jamili

Circunstâncias:

4. *Tema* pode ser um objeto inanimado envolvido na descrição, como em:

g) Jonas está brincando **de** carrinho.

mas também pode ser um conceito

h) Jilian está brincando **de** esconde-esconde.

²⁵É possível interpretar que as orações infinitivas (expressas aqui por Vinf) tenham estatuto de sintagma ou oração nominal, mas aqui preferimos tratar os elementos introduzidos pela preposição (sintagmas nominais e verbos infinitivos) separadamente. Assim, notaremos quais verbos se ligam a preposições que introduzem verbos infinitivos e atribuiremos papéis temáticos aos sintagmas nominais introduzidos por preposições ligadas a verbos.

5. *Instrumento* é o objeto com o qual se desenrolou a ação, como em:
 - i) Júnior abriu a garrafa **com** um isqueiro
6. *Local* é a descrição espacial de um cenário, como em:
 - j) Jucimara correu **até** a esquina
7. *Tempo* é o recorte temporal da descrição, como em:
 - k) Joyce dorme **de** tarde.

Através da caracterização dos papéis temáticos será possível observar que certas preposições se prestam a identificar certos tipos de papel temático. **Para**, por exemplo, introduz participantes que desempenham o papel de *beneficiário*, **com** introduz *instrumentos* e assim adiante. Assumimos que os sintagmas preposicionais que descrevem as circunstâncias de um evento sempre serão adjuntos do verbo, mas isso não significa que os participantes serão automaticamente seus argumentos. Exemplos de participante (beneficiário) que não funciona como argumento do verbo são retirados do *corpus* de R:

- | | | | | |
|-----|---|----|---|--------------|
| (3) | 1 | R: | Tila tá mim? | |
| | 2 | M: | Tiro. | (R: 1;11.03) |
| (4) | 1 | R: | Abe pa mim , abe? | (R: 2;05.15) |
| (5) | 1 | R: | Mais papelziiinhos (MIA) ai (SI) corta aqui pra mim , mã?
Esses dois, quatro. | (R: 4;04.01) |

O beneficiário não faz parte da grade argumental dos verbos *tirar*, *abrir* e *cortar*, como faz parte da grade argumental dos verbos *dar*, *vender* e *perguntar*.

No presente trabalho, usamos um outro critério de categorização das preposições que aquele utilizado pelos autores citados na seção 4.1. (ou seja, não separamos as *funcionais* das *lexicais*, *governadas* das *não-governadas*, *locativas* das *obrigatórias* etc.). Evitando a tarefa de categorizar a preposição de modo a alocá-la no conjunto das palavras lexicais ou funcionais, Kleppa (2005a) adotou a Hipótese da Gramaticalização e classificou as preposições de acordo com o seu grau de gramaticalização, dispondo-as num *continuum* numa abordagem sincrônica²⁶.

²⁶ A novidade é a perspectiva sincrônica. Há alguns estudos diacrônicos que examinam a gramaticalização de preposições, dentre eles Di Meola (2001, 2002, 2004) e Poggio (2002).

Os critérios que estabelecem os graus de gramaticalização das preposições analisadas são (i) sua frequência na língua; (ii) a possibilidade de amalgamar-se com outro item lingüístico; (iii) seu valor semântico; (iv) sua distribuição sintática. Segundo a autora, as preposições mais gramaticalizadas são muito freqüentes, podem ser contraídas com outros itens lingüísticos, não são semanticamente auto-suficientes (ou seja, são semanticamente indeterminadas), e introduzem tanto argumentos como adjuntos, enquanto as preposições menos gramaticalizadas são menos freqüentes, sempre mantêm a mesma forma, possuem um valor semântico identificável e específico, e são apenas introdutoras de adjuntos. As seguintes preposições são consideradas mais gramaticalizadas: **de, em, para, a, com e por**. As preposições menos gramaticalizadas são **até, sobre, entre e contra**. Esta divisão entre preposições mais e menos gramaticalizadas mostrou-se pertinente quando as definições de preposições em dicionários escolares foram examinadas em Kleppa (2008). As definições de preposições menos gramaticalizadas consistiam em traduções por outras preposições ou locuções preposicionais. As preposições mais gramaticalizadas eram definidas, com base em exemplos, como estabelecedoras de diversas relações (por exemplo relação de lugar, tempo, fim, meio, preço etc.).

Pretendemos examinar se as seguintes variáveis nos demonstram comportamentos diferenciados de preposições na fala de R, MS e OJ:

- preposições mais e menos gramaticalizadas
- preposições introdutoras de argumentos e adjuntos
- dados de fala espontânea e situação de experimento na fala afásica

Por fim, pretendemos comparar o comportamento das preposições ligadas a verbos na fala de sujeitos afásicos e de uma criança para tecer considerações sobre a relação do falante com sua língua materna, a linguagem enquanto objeto de conhecimento e a capacidade do interlocutor de interpretar a fala heterogênea da criança ou do sujeito afásico com agramatismo.

Parte III:

Análise dos dados

*Um experimento simples pode demonstrar esse fato.
(Se você não puder executá-lo, simplesmente acredite em mim.)*
Marcelo Gleiser.

6. Características da fala espontânea de R, MS e OJ

*Everybody's got mixed feelings
About the function and the form
Everybody's got to deviate from the norm*
Rush

Já que MS e OJ são cotidianamente mais freqüentemente engajados em conversas informais que em situações de experimento, consideramos importante explorar mais a fundo as características próprias da fala espontânea destes sujeitos quando envolvidos em conversas informais no CCA. Com possíveis distorções, os dados de fala espontânea de MS e OJ retratam o modo como estes sujeitos se expressam diariamente. Todavia, não retratam sua fala natural, devido à situação da conversa: nas sessões individuais, estão numa sala pequena com uma pessoa desconhecida e uma professora de Lingüística da Unicamp, com uma câmera apontada para si, ao passo que nas sessões em grupo estão cercados por afásicos menos falantes que eles.

Apesar de focarmos a análise na fala de R, MS e OJ, é importante lembrar que estas pessoas foram gravadas em situações dialógicas. Isto significa que estes sujeitos dirigiram suas falas a um interlocutor. Citando Bakhtin ([1979] 2000), podemos lembrar que o interlocutor não é um ouvinte passivo:

(...) o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 2000, p. 290)

Devemos lembrar também que a linguagem falada tem um caráter fragmentário:

A linguagem falada recorre muito a elementos do contexto, justamente porque se realiza com o receptor e o emissor presentes, em geral sabendo algo um do outro. Isso facilita a expressão, pois já não é necessário explicitar um mundo de coisas que na escrita precisam ser expressas. Mas, por outro lado, esse caráter um tanto fragmentário do texto falado levanta problemas de compreensão: o texto é fragmentário, mas a compreensão precisa ser completa. A solução é lançar mão de conhecimentos extralingüísticos, tais como elementos do contexto físico (*esse negócio aí* – o falante aponta com o dedo), do conhecimento pessoal entre emissor e

receptor (*a Leda* – que o receptor sabe que é a esposa do emissor), do contexto do discurso (*o papel ficou impossível* – dito por um fotógrafo comentando o preço do material usado em sua atividade), do contexto cultural (*isso só em dezembro* – dito por uma pessoa para explicar que só vai ter folga financeira quando receber o 13º salário).

(PERINI, 2006, p. 198 - 199)

É sabido que o diálogo apresenta peculiaridades como por exemplo a disputa de turnos²⁷, a sobreposição de vozes, gestos ou as constantes reformulações e repetições de enunciados. Na literatura afasiológica há poucas descrições dos gestos de sujeitos agramáticos, porque os pesquisadores focam sua atenção no material lingüístico (que falta) na afasia. Neste capítulo observaremos alguns gestos de MS e OJ, marcas de disfluência através de repetições e outros marcadores, e faremos um exame mais detalhado da fala reduzida. Gostaríamos de chamar atenção para três características peculiares encontradas nos dados de fala espontânea: (i) as repetições de palavras ou enunciados que não necessariamente marcam a disfluência; (ii) os gestos que são muito freqüentes (como não tivemos acesso às gravações em vídeo de R, somente os gestos de MS e OJ serão descritos aqui) e por vezes aparecem no lugar da fala; (iii) a fala reduzida que marcadamente caracteriza a fala espontânea dos sujeitos afásicos MS e OJ e aparece muito esporadicamente nas gravações de R (portanto não será abordada aqui).

Ao analisarmos estes três aspectos na fala espontânea de nossos sujeitos, podemos observar o comportamento das preposições: (i) a criança repete preposições, os sujeitos agramáticos não; (ii) um dos sujeitos agramáticos (MS) usa gestos no lugar de preposições; (iii) a organização sintática de tópico-comentário que caracteriza a fala reduzida de MS e OJ favorece a não-realização de preposições.

6.1. Repetições e disfluência

Segundo a Teoria da Adaptação, o agramatismo é caracterizado por uma fala que chamamos de *reduzida* e não-fluente. Scarpa (1995) discute a noção de fluência (e disfluência) na fala de crianças e adultos, pautada nos diferentes indicadores de fluência utilizados por fonoaudiólogos e lingüistas. Como exemplo de disfluência no sentido usado por terapeutas da linguagem, podemos pensar na gagueira. A disfluência no sentido dos lingüistas estaria mais

²⁷O *turno* é a macro-unidade adotada por analistas da conversação. Seus limites circunscrevem toda vez que um dos participantes se manifesta, alternando-se com os outros participantes, mesmo que seja com *mh*, *ah* ou outro sinal de suporte.

relacionada à desenvoltura de um falante. Basta lembrar, por exemplo, dos cursos de idioma que prometem *inglês fluente*.

Segundo a compilação de traços que servem de base para fonoaudiólogos classificarem a fala patológica como disfluente apresentada por Scarpa, a disfluência se revela nas

- interjeições;
- repetição de parte de palavra;
- repetição de palavra de uma sílaba;
- frase incompleta ou retomada;
- fonação disrítmica;
- pausa tensa (isto é, preenchida);
- repetição de palavra polissilábica;
- repetição de frase ou sintagma. (SCARPA, 1995, p. 165)

Como podemos notar, as repetições parecem ser forte indicio de disfluência na fala patológica. Para qualificar a fala de MS e OJ como disfluente, foram contadas as palavras produzidas por minuto em seus dados de fala espontânea (uma sessão de MS de aproximadamente 59 minutos; e trechos de 6, 13, 9, 6, 6, 3, 5 e 10 minutos, totalizando 58 minutos, recortados de seis sessões de OJ). Os indicadores de disfluência de MS e OJ foram (i) repetições (tanto de palavras como de sintagmas), (ii) *fillers* não-lexicais ou pausas preenchidas (*é:::hm*) que corresponderiam à ‘pausa tensa’ e (iii) falsos começos que chamamos de *tentativas articulatórias* (*móa ... éh... ãh... na..mo..ra..do*).

Em toda a sessão de conversa espontânea, MS produziu uma média de 15,6 palavras, 16,3 *fillers* não-lexicais, 1,7 repetições de palavras próprias e 4,7 tentativas articulatórias de palavras por minuto.

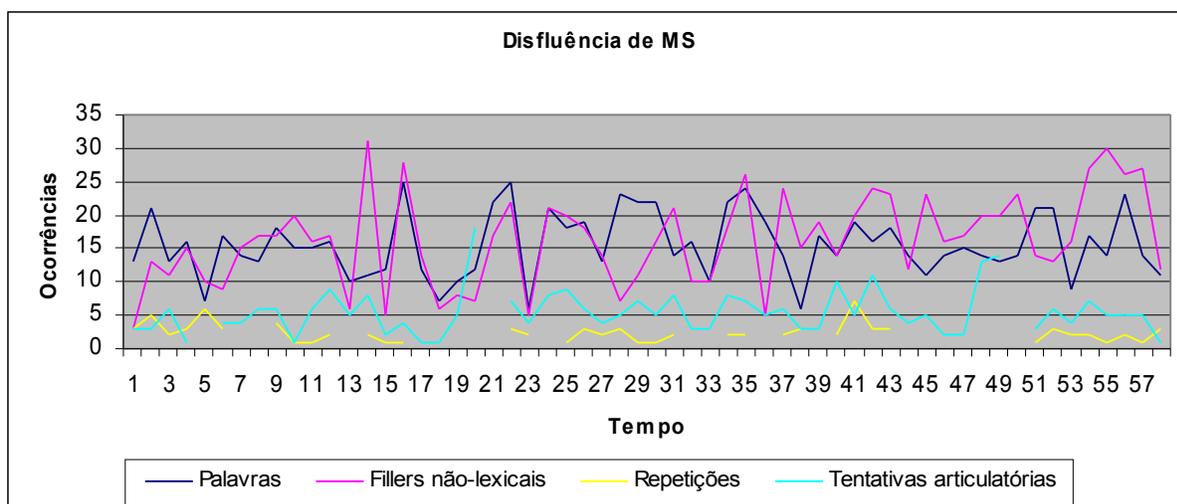


Gráfico 1: Caracterização da disfluência de MS

É possível observar um aumento abrupto de *fillers* a partir da marca dos 14 minutos de gravação. Esta observação coincide com o fato de que MS foi, por volta dos 13 minutos, convocado por Irn a contar para Ilk como sucedeu a excursão do grupo de afásicos ao cinema. MS não está mais respondendo perguntas, mas engajado numa narrativa, e mantém o seu turno com *fillers* até encontrar a palavra que procura. Afinal, ele precisa disputar o seu turno com duas interlocutoras que constantemente tentam adivinhar o que MS quer dizer. Observamos também uma produção mais vasta de *fillers* do que de palavras a partir da marca dos 35 minutos, o que pode indicar fadiga.

A análise dos dados de OJ será mais fragmentária, por se tratar de trechos recortados de sessões no grupo de afásicos. Optamos por apresentar a caracterização da disfluência de OJ em gráficos separados, para evidenciar que não se trata do mesmo diálogo. Quando há dois trechos numa mesma sessão, eles são apresentados num mesmo gráfico.

O primeiro trecho foi recortado da primeira sessão de grupo de que OJ participou no CCA. OJ havia trazido fotos de sua família e as descreve no trecho de 6 minutos que foi recortado para esta análise. Neste trecho, OJ produziu uma média de 9,8 palavras por minuto, 1,3 *fillers* não-lexicais por minuto, 3 repetições por minuto e 0,8 tentativas articulatórias por minuto.

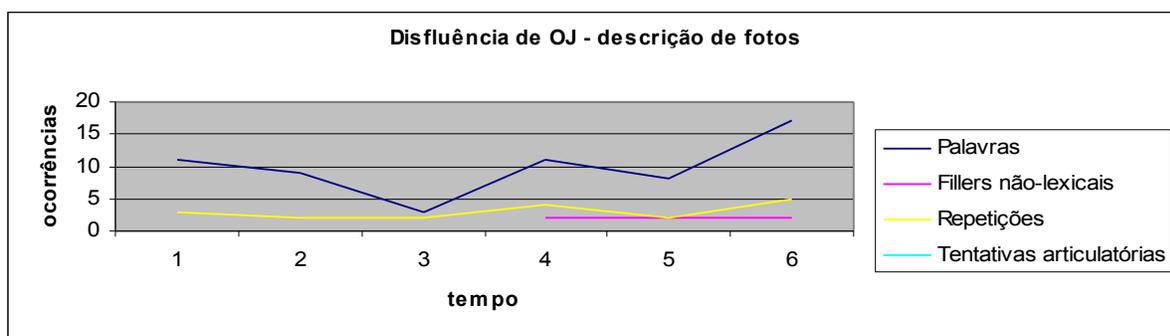


Gráfico 2: Caracterização parcial da disfluência de OJ

Os dois trechos seguintes, de 13 e 9 minutos, respectivamente, foram recortados de uma mesma sessão, igualmente gravada em 15 de agosto de 2006. Trata-se de uma sessão individual de OJ com Ilk e Irn. As lacunas no gráfico são referentes a experimentos aplicados. Nestes trechos, OJ apresenta uma média de 14,3 palavras, 3,6 *fillers* não-lexicais, 4,2 repetições de palavras próprias e 0,6 tentativas articulatórias de palavras.

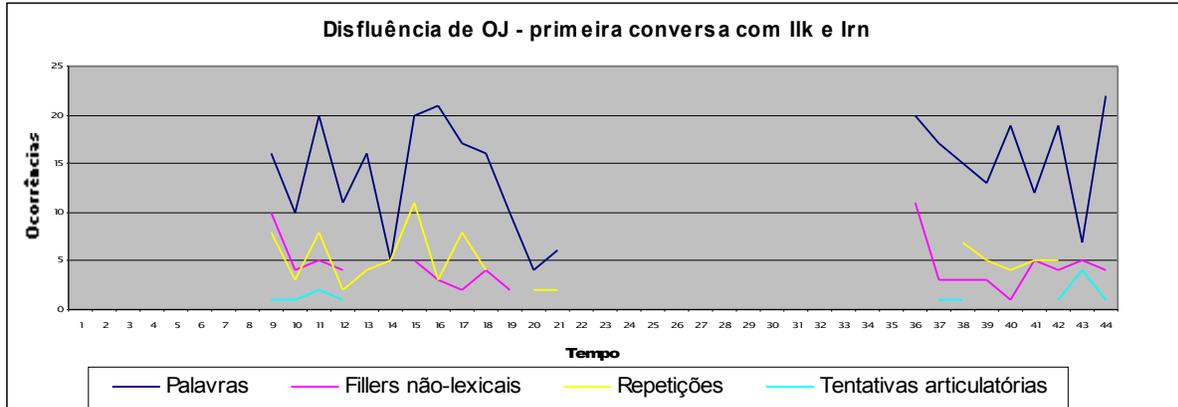


Gráfico 3: Caracterização parcial da disfluência de OJ

No trecho seguinte, recortado da sessão de 26 de setembro de 2006, OJ conta para o grupo por que não tinha vindo à sessão anterior: tinha ficado doente. Neste trecho, OJ produz uma média de 12,8 palavras por minuto, 0,3 *fillers* não-lexicais por minuto, 8,2 repetições por minuto e nenhuma tentativa articulatória.

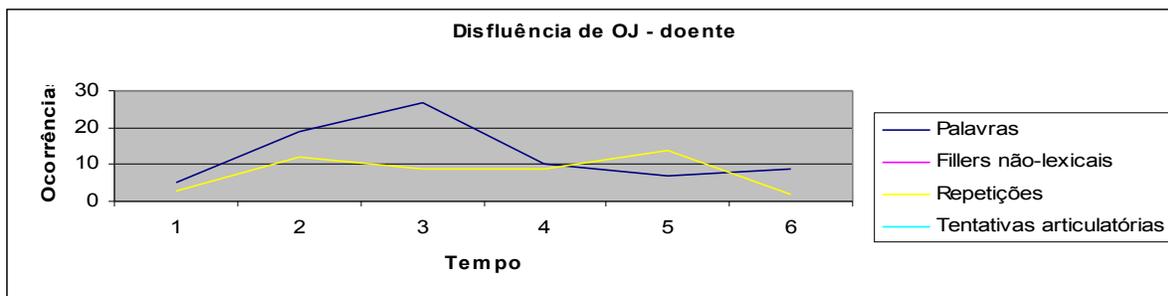


Gráfico 4: Caracterização parcial da disfluência de OJ

No trecho seguinte, recortado da sessão gravada em 17 de outubro de 2006, OJ conta ao grupo que foi assaltado em São Paulo. Neste trecho, OJ produz 15,5 palavras por minuto, 1,5 *fillers* não-lexicais por minuto, 5,2 repetições por minuto e 0,8 tentativas articulatórias.

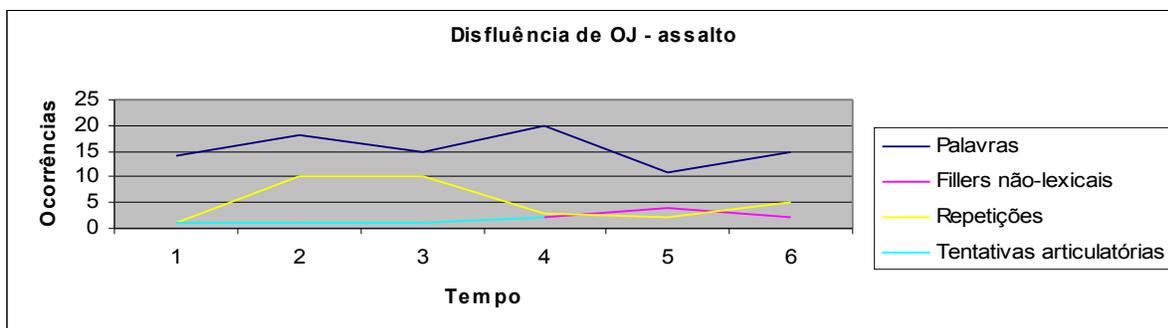


Gráfico 5: Caracterização parcial da disfluência de OJ

No trecho seguinte, de apenas 3 minutos, recortado de uma sessão de grupo gravada no dia 12 de dezembro de 2006, OJ descreve características de seu amigo secreto. OJ produziu uma média de 10,7 palavras por minuto e 5 repetições por minuto (nenhum *filler* e nenhuma tentativa articulatória).

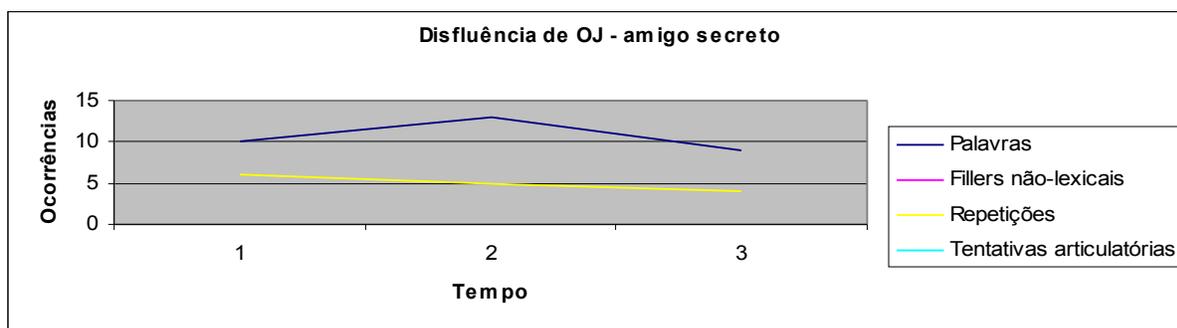


Gráfico 6: Caracterização parcial da disfluência de OJ

No trecho abaixo, de 5 minutos, OJ está compartilhando com o grupo a sua opinião sobre o jogador de futebol Romário querer fazer mil gols. Este trecho foi recortado de uma sessão gravada no dia 27 de março de 2007. OJ produziu uma média de 9,2 palavras por minuto, 0,6 *fillers* não-lexicais por minuto, 4,8 repetições por minuto e 0,4 tentativas articulatórias por minuto.

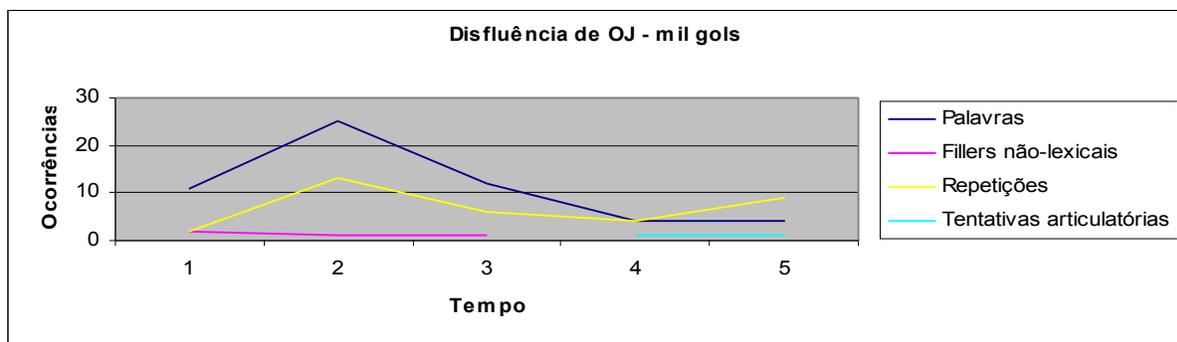


Gráfico 7: Caracterização parcial da disfluência de OJ

No último trecho de OJ, abaixo, ele conversa com Irn (no grupo) sobre a sua ida ao hospital, onde se perdeu. Os 10 minutos foram recortados de uma sessão de grupo que foi gravada no dia 19 de maio de 2008. Neste trecho, OJ produziu uma média de 16,4 palavras por minuto, 1,7 *fillers* não-lexicais por minuto, 7,8 repetições por minuto e 0,8 tentativas articulatórias.

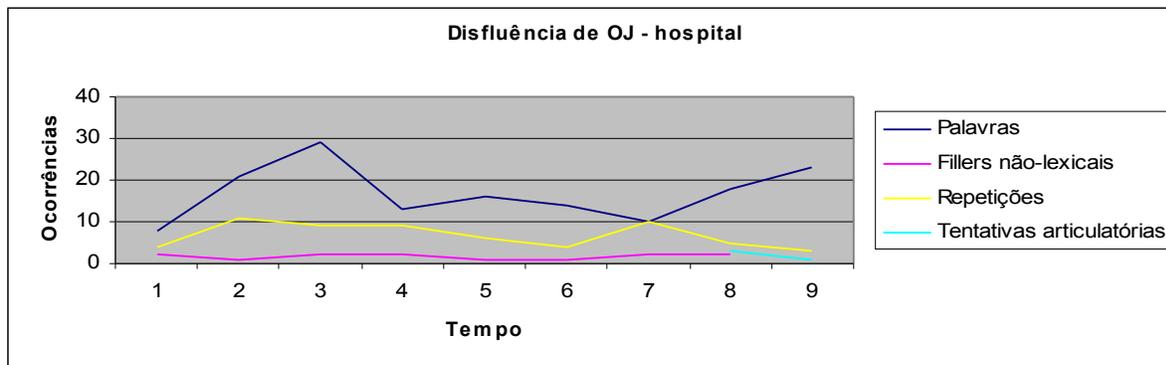


Gráfico 8: Caracterização parcial da disfluência de OJ

É possível notar que a disfluência de OJ é de outra natureza que a de MS. OJ não recorre a *fillers* para manter o seu turno, como faz MS. O número de repetições identificadas nos trechos de fala espontânea de OJ é expressivamente maior que o número de repetições feitas por MS. Em média, OJ produz duas palavras para cada repetição, daí a suposição de que ele gerencia o seu turno através das repetições. Por fim, as tentativas articulatórias de OJ são estatisticamente irrelevantes, mas marcam a fala de MS, principalmente depois de muito tempo de diálogo.

Até o momento tratamos as repetições de forma indiscriminada. A repetição de enunciados próprios e alheios é um mecanismo que se manifesta com alta frequência em dados de fala infantil e afásica. Contudo, a repetição de enunciados desempenha várias funções num diálogo com uma criança e várias outras funções num diálogo com um sujeito afásico. É preciso distinguir agora tipos diferentes de repetições, porque não consideramos que todas sejam marcas de disfluência. Entendemos que as repetições podem ser interpretadas como (i) marcas de sintonia com o interlocutor; (ii) marcadoras de intensidade ou iteratividade e (iii) uma forma de não-progressão do discurso, ou seja, uma forma de disfluência.

Tomemos primeiramente os dados de fala de criança. É de se notar que enunciados inteiros proferidos pela mãe são repetidos por R e vice-versa. Observemos os episódios (6) a (10), em que há uma certa sintonia entre os participantes do diálogo, não necessariamente uma não-progressão discursiva:

- (6) 1 R: Mas tá choveeeendo.
 2 M: Será?
 3 R: Tááá, sim.
 4 M: **Acho que parou de chovê (SI)**

5 R: Então **parô de chovê**, eu **acho**. (R: 4;01.24)

Podemos observar que na linha 5 R repete quase todas as palavras que M enunciou na linha anterior, alterando sua ordem. Já no episódio seguinte, R é confrontada com uma nova expressão e a repete:

(7) 1 M: Fiquei linda?
2 R: Ficô. Pode (SI) levá pra casa, o meu espelho?
3 M: Seu espelho fica, **é de graça** a sombra?
4 R: É/ é o quê?
5 M: **É de graça?**
6 R: Quê que é **de/ é/** quê que **é graça?**
7 M: **De graça?** Quer dizer que não precisa pagar nada.
8 R: (murmura) **É de graça**. (R: 3;10.15)

Para perguntar o que significa a nova expressão, R tenta repeti-la na linha 6. Depois de ouvi-la novamente (linha 7), repete-a na linha 8. No episódio seguinte ilustramos R repetindo a fala de seus interlocutores e vice-versa, num jogo de especularidade.

(8) 1 M: Olha a Cinderela. **Com o quê** que ela tá na mão?
2 R: **Com o quê?** Hum, hum, ... **num sei**.
3 M: **Num sabe?** O quê é isso que tem na mão dela?
4 P: Eu sei. **É de varrê**. Mas o que é?
5 R: **De varrê. Bassola**.
6 M: **Bassola**, isso mesmo. (ri) (R: 2;01.23)

Neste episódio, R ecoa a pergunta de sua mãe na linha 2 e a pista dada por seu pai na linha 5. A mãe, por sua vez, repete a fala de R nas linhas 3 e 6; ora incentivando-a, ora recompensando-a. Já nos episódios seguintes, M repete a fala de R (linha 5) para demonstrar seu estranhamento:

(9) 1 M: Três chiclete? Cê não quer tirar o chiclete da boca pra gente
2 gravar melhor?

- 3 R: Gravaaaah, mãe?! Esperaí, qual que (SI) lá em cima do leão
 4 tinha o copo de Bá e daí morreu, eu vou com chiclete, **sem da boca.**
 5 M: **Sem da boca?**
 6 R: [(SI)]
 7 M: [Aaaah] Tirou o chicle da boca? Ótimo. (R: 3;07.29)

No episódio seguinte ilustramos como M repete um enunciado da interlocutora para corrigir a fala da criança:

- (10) 1 M: Tem o postinho! Vamo brincar com o postinho?
 2 R: Hã, **tá de dulo pegá.** (barulho de brinquedos)
 3 M: **Tá duro de pegar?** Vamo! Força! (R: 2;04.19)

Em todos os dados ilustrados acima podemos perceber um certo grau de sintonia, simpatia (no sentido etimológico, de ‘sentir/ sofrer junto’) ou cooperação entre os participantes do diálogo. A fala do interlocutor é retomada através da repetição como meio de co-construir o diálogo. A repetição de enunciados garante que estejam em sintonia um com o outro e não pode ser interpretada como indício de disfluência.

Dados em que podemos interpretar uma certa não-progressão discursiva (e portanto disfluência) são aqueles em que a criança repete ou reformula um item lingüístico. Nos episódios (11) a (14) a preposição é repetida:

- (11) 1 R: Pato? ... Pato?
 (barulho de R telefonando)
 2 Pato, eu que lo falá **com, com** você. Fala uma coisa, **dooo, dooo,**
 3 **do** pato. Vai na casa do pato?
 4 M: Quem? (R: 2;03.06)

Neste episódio, R repete duas preposições (*com* e *do*), como podemos verificar nas linhas 2 e 3. É possível que através da repetição de um item lingüístico R esteja ganhando tempo para selecionar as palavras mais adequadas aos seus propósitos comunicativos, sem, contudo, perder o turno.

- (12) 1 R: Eu puis.
 2 M: Cê pois no pé.
 3 R: Pedinho, pejinho dela. Que amô, né?
 4 M: É um amor mesmo.
 5 R: (suspira) Vô pô ôto sapatinho **no, no pedinho, no pezinho** dela.
 6 M: Então põe.
 7 R: Vai ficá, vai ficá ôto amoi. (R: 2;03.28)

Notamos que na linha 5 R reformula o sintagma preposicional em função do núcleo do SN (*pedinho* > *pezinho*) que precisa ser reformulado.

- (13) M: (virando a página do livro)
 1 Hãrã. Então vamo vê o quê que aconteceu aqui, ó?
 2 R: Ó aqui. Pinóquio segou **da** es – co – la (estacando)
 3 dá um bezo.
 4 M: Hum?
 5 R: Ele está durmindo **na** casa **da, da, da, na** casa **dele** (ri).
 6 M: Na caixa dele? Caixa de fósforo?
 7 R: É. Caixa de fósforo. Pêso na gaiola. (R: 2;02.19)

Podemos observar que R reformula o amálgama da preposição com outro item lingüístico na linha 5 (*da* > *dele*). Por fim, observamos como R reformula uma preposição, trocando uma por outra (*sem* > *com* > *sem*):

- (14) 1 R: Vam trocá de lápis?
 2 M: Já volto. Trocar de lápis por quê?
 3 R: Porque tá tudo (SI) esse lápis.
 4 M: Ah, tá tudo o quê?
 5 R: **Sem** lápis.
 6 M: Sem lápis?
 7 R: Cê/ cê tá **cum** q/ s/ **seeem** ponta que é (SI) **sem** ponta é melhor, óh.
 8 M: Ah. Precisa apontar, em vez de trocar de lápis. (R: 3;09.27)

Neste episódio é possível observar ainda como M repete fragmentos da fala de R nas linhas 2 (*trocar de lápis*) e 4 (*tá tudo*) e um enunciado inteiro, demonstrando seu estranhamento na linha 6 (*sem lápis?*). Este tipo de repetição já foi observado nos episódios (8) e (9). Interessa perceber agora que as repetições (e algumas poucas reformulações), como as observáveis nos episódios (11) a (13), em que a criança repete uma preposição sem ligá-la a um sintagma que a siga, são mais numerosas que as repetições (e algumas reformulações) de sintagmas preposicionais inteiros, como foi exemplificado no episódio (12). A tabela abaixo mostra a frequência de repetições e reformulações de preposições e sintagmas preposicionais na fala de R. Note-se que a esmagadora maioria das preposições repetidas é do tipo *mais gramaticalizada*:

Preposições	em	de	para	com	até	sem
Não-formadoras de SP	70	54	42	42	5	1
Formadoras de SP	24	9	15	10		

Tabela 1: Repetições e reformulações de preposições na fala de R

Passemos aos dados de fala afásica. Os sujeitos afásicos não repetem preposições. OJ apresenta três padrões de repetição na sessão de conversa espontânea: repete (i) enunciados de sua interlocutora, (ii) enunciados próprios em turnos diferentes e (iii) seguidamente algumas palavras. Acreditamos que estes diferentes padrões de repetição servem a diferentes propósitos, e para discriminá-los, chamaremos as repetições descritas em (i) de *especularidade* (relativo a *espelho*), as descritas em (ii) de *repetições-filler* e as descritas em (iii) de *marcadores de intensidade ou iteratividade*. Ilustraremos estes padrões nos episódios a seguir, começando pelo primeiro tipo:

- (15) 1 OJ: como se sãma?
(desenha um semi-círculo)
- 2 Ilk: **mapa?**
- 3 OJ: **mapa!** (OJ: 15/08/06)

No episódio acima podemos observar como OJ confirma a fala de sua interlocutora, retomando-a. O que OJ fez foi espelhar a fala de sua interlocutora através de uma complementaridade entonacional. No episódio seguinte, os dois participantes do diálogo estavam já havia um bom tempo tentando chegar ao nome de uma cidade em que OJ tinha trabalhado, e a

única indicação que ele verbalizara era que a cidade fica situada a 100 quilômetros de Campinas. Ilk tentou ajudar, estimando distâncias e sugerindo nomes de cidades localizadas em volta de Campinas. Quando OJ lembrou o nome de uma rodovia que leva à cidade, o nome surgiu e foi muitas vezes repetido:

- (16) (OJ está há 3 minutos tentando lembrar do nome de uma cidade)
- 1 OJ: Raposo Tavares!
- 2 Ilk: **Sorocaba!**
- 3 OJ: **Sorocaba!**
(risada)
- 4 Ilk: ah, é:::::?
- 5 OJ: **Sorocaba.**
- 6 Ilk: ã:::::::::::::h
- 7 OJ: **Sorocaba.**
- 8 Ilk: pelo caminho é mais fácil, né?
- 9 OJ: I:::sso.
(olha para baixo, com as mãos no colo)
- 10 **Solocaba.** (OJ: 15/08/06)

Na linha 3, podemos observar que OJ espelha a fala de sua interlocutora, enunciando o nome da cidade que sua interlocutora usou. Nas linhas 5, 7 e 10 já não podemos mais contar com o princípio de especularidade como motivador das repetições de OJ. Podemos pensar que ele esteja repetindo uma palavra para ganhar tempo e/ ou para preencher seu turno. Assim, a palavra repetida assumiria o *status* de *filler* ou *pausa preenchida*. No episódio seguinte é possível perceber como OJ repete palavras consecutivamente. Este tipo de repetição tem a função de marcar intensidade ou iteratividade:

- (17) 1 OJ: (levanta a mão por cima do ombro)
antes, antes, antes?
(movimenta os dedos sobre a mesa, afastando a mão de si) 2
andando, andado.... é/ derrame?
(performa saltos com os dedos)
- 3 **andando, andando.**

- 4 Ilk: ah, então o senhor gosta de caminhá?
 5 OJ: **muito, muito.** (OJ: 15/08/06)

Parece razoável admitir que OJ marca intensidade (*antes, antes, antes* = ‘muitos anos atrás’ e *muito, muito* = ‘adoro caminhar’) e iteratividade (*andando, andando* = ‘tenho o hábito de caminhar’) através deste tipo de repetições. Marcar *j*) intensidade e *k*) iteratividade através de repetições de palavras é uma estratégia amplamente adotada pelos falantes do português, haja vista exemplos como:

- l) Jerônimo disse que queria muito, muito, muito, muito te conhecer.
 m) Janussa come, come, come, come, mas não engorda.

Por fim, voltemos nossa atenção às repetições de MS. Em sua fala, a repetição de *maravilha* é notória. Esta palavra aparece, em toda a sessão de conversa espontânea, 48 vezes (como parâmetro, podemos mencionar que há 85 verbos nesta mesma sessão). Por vezes ela é repetida consecutivamente:

- (18) 1 Ilk: Mh. A:::h, “Mulheres do Brasil” eu não vi.
 MS: (encosta a mão no braço de Ilk e levanta o seu braço, num gesto longo)
 2 **MA:::::RA::::vilha! Maravilha!** Éh, mh mh.
 (MS: 24/03/06)

No entanto, é mais freqüentemente usada como predicado:

- (19) MS: (faz gestos efusivos, reclina a cabeça para trás)
 1 Bel!
 2 Irn: A Bel pelo jeito é a ...
 3 MS: Me:::::l... éhm **maravilha** (MS: 24/03/06)

Com base nos dados de fala espontânea de nossos sujeitos, podemos concluir que a repetição de enunciados é um traço comum à interação dialógica com R, MS e OJ. Contudo, a repetição tem qualidades e funções diferentes na fala da criança e na fala de sujeitos afásicos.

Enquanto as repetições de sintagmas/ enunciados observadas na fala da criança extrapolam o turno, de modo que a criança repete o que seu interlocutor diz, ou tem sua fala repetida pelo adulto, os sujeitos MS e OJ repetem mais freqüentemente unidades lingüísticas que eles mesmos disseram (naquele ou em outro turno). Estas repetições exercem diferentes funções no discurso: de modo geral, podemos dizer que quando OJ repete palavras de sua interlocutora, espelhando sua fala, confirma o enunciado dela; quando repete palavras em turnos diferentes, está preenchendo seu turno, como se a palavra repetida fosse um *filler*, suspendendo assim a progressão do discurso; quando repete palavras em seqüência, lhes imprime um sentido de iteratividade ou intensidade. MS faz o mesmo, mas em menor grau, e sua característica mais marcante (no tocante às repetições) é ter elegido uma palavra como sua preferida (*maravilha!*).

As pausas preenchidas de MS e OJ e as preposições repetidas por R para ganhar tempo e assim manter o turno ou para reformular seus sintagmas preposicionais são tomados como indicadores de disfluência. Na fala de R, o alto número de preposições repetidas que não chegam a formar um constituinte indica que as repetições não têm a função de marcar iteratividade, intensidade ou especularidade; mas de ganhar tempo. É possível que R repita mais preposições mais gramaticalizadas que menos gramaticalizadas pelo fato de serem mais freqüentes na língua.

Não comparamos as marcas de disfluência encontradas nos *corpora* com aquelas que permeiam a fala do sujeito 'normal', comprovando se diferem apenas quantitativamente ou se também apresentam uma qualidade diferente de não-progressão da que pode ser encontrada na fala de sujeitos não-afásicos.

6.2. Gestos de MS e OJ

Feyereisen *et al.* (1988) e Le May *et al.* (1988), dentre outros poucos pesquisadores, tomaram os gestos de sujeitos afásicos como objeto de análise. É consenso que, mesmo com os movimentos da mão direita restritos devido à hemiplegia, os sujeitos afásicos produzem um alto número de gestos corporais. Os gestos não são apenas manuais e faciais: dependendo do grau de desinibição do falante afásico, o corpo todo é usado para expressar emoções e dramatizar encenações. Os gestos em geral expressam as emoções do falante (por exemplo os braços abertos e o sorriso de MS demonstram contentamento) e referem-se ao próprio ato de fala (por exemplo a mão aberta com a palma voltada para o interlocutor, pedindo calma enquanto a palavra procurada não vem) ou a objetos ou eventos sobre os quais se fala (por exemplo o punho fechado batendo contra a palma da outra mão para indicar uma colisão). Há, contudo, gestos menos icônicos que

são culturalmente convencionados. Exemplos são os gestos que sustentam o enunciado ‘ele é louco’. Alemães levantariam a mão com a palma voltada para o rosto e a moveriam para os lados. Brasileiros esticariam o dedo indicador e girariam a mão a partir do punho na altura de uma das têmporas. Franceses tocariam a têmpora com a ponta do dedo indicador repetidas vezes. Para demonstrar aprovação, estadunidenses apontam com o indicador para o interlocutor, ao passo que brasileiros levantam o polegar e europeus formam um círculo unindo a ponta do polegar com a ponta do indicador. Gestos convencionados como estes podem ser produzidos na ausência da fala, mas geralmente apenas sustentam a fala.

De maneira geral, os sujeitos afásicos recorrem mais aos gestos que sujeitos não-afásicos (Le May *et al.*, 1988) para se fazer entender. Nos vídeos, podemos ver MS dançando rumba e OJ apertando parafusos, por exemplo. Estes gestos são amplos, representam uma cena e são acompanhados de sons: *tchãñãñã* (MS dançando) e *tchk, tchk* (OJ apertando parafusos). É possível que sujeitos não-afásicos preferissem expressar verbalmente que se divertiram em Cuba ou que gostam de fazer reparos na casa, ao invés de usar gestos.

Além destes gestos usados para encenar situações, MS e OJ fazem uso de outros gestos das mãos e expressão facial que sustentam seus enunciados. Para expressar números, mostram um número determinado de dedos; para demonstrar reprovção ou asco, contraem os músculos do rosto e balançam a cabeça (MS, em particular, tampa o nariz com o indicador e polegar); para expressar negativas, balançam a cabeça e o dedo indicador; para sustentar positivas, acenam com a cabeça e levantam o polegar. MS e OJ usam os mesmos gestos que sujeitos não-afásicos usariam para sustentar sua fala, e quando usam gestos singulares (como por exemplo tampar o nariz para demonstrar reprovção), são facilmente interpretáveis. Um fenômeno não muito freqüente na conversa informal entre não-afásicos é o uso de alguns gestos no lugar das palavras, o que ocorre com certa freqüência em interações com sujeitos afásicos.

Na sessão de conversa espontânea de MS pudemos identificar vários tipos de gestos, dentre eles gestos ostensivos que apontam para um objeto e gestos que representam ações e poderiam ser substituídos por preposições:

(20) (sobre a mesa está um CD com imagens de obras renascentistas)

MS: **(conta nos dedos)**

1 Na ... ah... diigi....âh... a/atuei....

(aponta para o Cd)

2 ChO:::ro. (MS: 24/03/06)

(21) (sobre a mesa está um CD com imagens de obras renascentistas)

1 MS: Computador?
(aponta para o CD)

2 E/e/eu gos..ta..ria... (MS: 24/03/06)

(22) 1 MS: Ah, a:::h.... e:::eu b/ ah... fi:::culdade pra
(mostra pra a agenda)

2 Ilk: escrevê.

3 MS: M:::h. (MS: 24/03/06)

Estes exemplos ilustram como o interlocutor de MS não é um ouvinte passivo. É preciso participar ativamente do diálogo, interpretando não apenas os seus enunciados, mas também os seus gestos. No episódio (20), MS explica que se emociona (*choro*) ao ver obras de pintores renascentistas (*aponta para o CD*). No episódio seguinte, pergunta por um computador em que possa mostrar às suas interlocutoras as imagens compiladas no CD. Já no episódio (22), MS completa a sua fala através de um gesto. Ilk completa a sua sentença com o verbo (*escrever*) cuja ação MS indica através de seu gesto de apontar para a agenda, um lugar em que se escreve. Os gestos seguintes não apontam para um objeto, mas encenam um evento:

(23) (MS está contando da vez em que esteve no Chile)

1 MS: E/ eu... tive... que ... saiR
(faz o movimento da mão acompanhando as oscilações de uma pessoa num caminho)

2 Ah.. ah.. Puru.

3 Ilk: Pelo Peru?

4 MS: Isso, é. (MS: 24/03/06)

(24) (Ilk havia perguntado se MS já tinha viajado de navio)

1 Ilk: De:::/de Santos?

2 MS: Éh n/ não... ãh...ãh...ãh..mh...ãhm...ãhm...ãhm... éhm... SA:::ntos

- (fecha as pontas dos dedos numa gota e aponta para um lugar sobre a mesa)
- 3 M:::.....h
(movimenta a palma da mão espalmada verticalmente, levantando e baixando as pontas dos dedos)
- 4 Mh.. ah... ahm.. Paris.
(fecha os dedos numa concha e movimenta o braço da esquerda pra direita, num movimento longo) (MS: 24/03/06)

Nos episódios (23) e (24), MS expressa através de gestos o que sua interlocutora expressa(ria) através de preposições: *Tive que sair pelo Peru e De Santos a Paris*.

Já OJ apresenta duas maneiras de lidar com seus próprios gestos: a maioria deles apenas sustenta seus enunciados e provavelmente são automáticos; contudo grande parte de seus gestos é anunciada através da expressão *aqui, ó*, que por vezes alterna com *e aqui*:

- (25) 1 OJ: antes, antes, antes?
(movimenta a mão esquerda em sua direção repetidas vezes)
- 2 Ilk: mh, mh.
- 3 OJ: e aqui
(passa a mão na boca, da direita para a esquerda, fazendo “boca de siri”)
- 4 m:::udo.
- 5 Ilk: mh, hm (OJ: 15/08/06)
- (26) (Irn tinha pedido a OJ para trazer um mapa de sua cidade no encontro seguinte)
- 1 OJ: e::u
(aponta para si)
- 2 aqui, ó.
(estica a mão com a palma aberta voltada para cima e a abre e fecha)
- 3 Irn: cê tem um monte?
- 4 OJ: monte, monte. (OJ: 15/08/06)

Os gestos anunciados pela expressão *aqui, ó* em (25) e (26) são convencionados no Brasil, e compõem expressões cristalizadas. No episódio (26), o gesto acontece no lugar do enunciado que normalmente o acompanharia. É sua interlocutora quem interpreta o gesto e verbaliza a expressão. Já no episódio (27), o gesto ilustra a palavra que OJ está tentando lembrar:

- (27) 1 OJ: feinda? ... ô?
(leva o braço para a direita)
- 2 seinda, ou?
(repousa a mão sobre a mesa, olhando para baixo. Abre a mão e se reclina para trás)
- 3 esqueceu. quê que é? Que cê falô?
(faz o gesto de escrever)
- 4 genda, **aqui ó.**
- 5 Irn: a::::h, na agenda!
- 6 OJ: i::::sso. (OJ: 15/08/06)

Neste episódio em especial, a expressão *aqui ó* não anuncia o gesto, mas parece comemorar o fato de OJ ter lembrado da palavra que estava procurando.

Optamos por descrever alguns gestos de MS e OJ para demonstrar como podem, ocasionalmente, tomar o lugar da palavra, figurando assim como uma estratégia adaptativa do falante agramático. No tocante às preposições, apenas MS usa gestos no lugar de espaços que sua interlocutora/ pesquisadora preencheria com preposições.

6.3. Fala reduzida em MS e OJ

Já foi mencionado que a fala reduzida é caracterizada por não marcar finitude (ou através da ausência de verbos ou através da ausência de marcas flexionais nos verbos) e por ser não-fluente. A questão da disfluência foi discutida na seção 6.1. e a questão da não-finitude será discutida em maiores detalhes na subseção 6.3.1, abaixo. A ordem das palavras na sentença, considerada caótica por muitos autores²⁸, também será discutida a seguir.

²⁸No âmbito da Teoria da Adaptação, apenas a posição final do verbo não-finito em holandês é abordada, mas não a ordem das outras palavras na sentença.

6.3.1. Não-finitude

Geralmente é assumido que ocorrem poucos verbos na fala produzida por sujeitos com agramatismo. Exemplos de estudos que assumem a escassez de verbos na fala de sujeitos com agramatismo são Bastiaanse (1995) que trata de *preverbal messages* (mensagens preverbais); Bastiaanse & Jonkers (1988, p. 953) que afirmam que *agrammatics produce fewer verbs* (agramáticos produzem menos verbos); Bastiaanse *et al.* (2002, p. 239) assumindo que sujeitos agramáticos apresentam *problems with verbs* (problemas com verbos); Beeke *et al.* (2007b) que mencionam *underuse of verbs* (subutilização de verbos); Jonkers & Bastiaanse (1996, p. 38) discutindo *problems in action naming* (problemas para nomear ações); Ruigendijk & Bastiaanse (2002, p. 383) e Schneider & Thompson (2003, p. 213) que mencionam *problems with the production of verbs* (problemas com a produção de verbos) e *difficulty producing verbs when naming and generating sentences* (dificuldade para produzir verbos quando envolvidos em tarefas de nomeação e construção de sentenças); e por fim Thompson *et al.* (1995, p. 130) notando que *approximately half of the utterances produced by aphasic subjects contained verbs* (aproximadamente metade das sentenças produzidas por sujeitos afásicos continha verbos). Em decorrência desta assunção de que a categoria verbal está comprometida nos sujeitos com agramatismo, vários tratamentos terapêuticos, como por exemplo os descritos em Byng (1988), Schwatz *et al.* (1994), Schneider & Thompson (2003) e Webster *et al.* (2005) foram desenvolvidos com enfoque na retenção e produção de formas verbais.

Todavia, nem todos os estudos apontam para o que falta na fala de sujeitos com agramatismo. Alguns descrevem o que de fato é produzido na fala agramática. Beeke *et al.* (2007a, p. 257) apontam para o fato de que *in severe cases, output can be limited to a series of nouns* (em casos severos, a produção de linguagem pode ser limitada a uma série de substantivos); Caramazza & Berndt (1985, p. 32) abordam a *omission or nominalization of main verbs* (omissão ou nominalização de verbos lexicais); Menn (1990, p. 121), ao descrever os dados de um sujeito afásico, constata que *nouns were, as expected, the largest category of words used* (os substantivos foram, como esperado, a categoria de palavras mais utilizada); Nitri *et al.* (1996, p. 188) descrevem a fala agramática como uma tendência à abolição de *marcas morfológicas e temporais e tendendo à substantivação de formas verbais ou redução ao infinitivo*; Tesak & Dittmann (1991, p. 1129) registram *overusage of isolated Ns and NPs* (abuso de substantivos e sintagmas nominais isolados).

A contrapartida aos sujeitos agramáticos que não produzem verbos é descrita em alguns estudos com afásicos de Broca alemães (Wenzlaff & Clahsen, 2005), holandeses (De Roo, 2003) e turcos (Yarbay Duman *et al.*, 2007), que investigam a abundância de verbos no infinitivo na fala de sujeitos com agramatismo. Nas línguas em que o verbo sempre ocupa a segunda posição na sentença (línguas V2), como é o caso de alemão e holandês, foi observado que aparece apenas um verbo nas sentenças produzidas por sujeitos afásicos com agramatismo: não-flexionado e em posição final da sentença. Dois contextos diferentes possibilitam mecanismos variados: quando há apenas um verbo previsto na sentença, ocupando a segunda posição, ele perde sua flexão e é movido para a posição final. Quando há previsão para dois verbos na sentença, um flexionado ocupando a segunda posição e um não-flexionado ocupando a posição final, o verbo flexionado é elidido e o verbo não-flexionado mantém sua posição natural.

Falantes agramáticos de turco e inglês (não são línguas V2) apresentam alto número de verbos não-flexionados em sua fala. Siple (2006, p. 261) explica a abundância de verbos infinitos em inglês através de um *increased use of infinitives for finite verb forms* (aumento de substituições do verbo finito pelo infinitivo).

Em suma, notamos que a não-finitude, marcada ou pela ausência de verbos, ou pela ausência de marcações de flexão verbal, é um traço distintivo da fala agramática. Contudo, podemos identificar a *fala reduzida* em vários gêneros discursivos: (i) receitas culinárias, que apresentam basicamente formas imperativas de verbos; (ii) alguns slogans; (iii) telegramas, que predominantemente recorrem a formas nominais e verbos no infinitivo, imperativo e particípio; (iv) manchetes de jornal, que usam muitos verbos no particípio, além do presente do indicativo; (v) comentários do narrador de um jogo de futebol (especialmente quando os atacantes se aproximam do gol), que apresentam sentenças sem verbos; (vi) repostas imediatas a perguntas em conversas informais entre sujeitos não-afásicos, que podem apresentar formas diferentes de não-finitude.

- (i) **Misture** numa tigela o leite de côco, o leite e o leite condensado. **Reserve**²⁹.
- (ii) **Keep walking**³⁰.
- (iii) Emergência. **Preso** fronteira Brasil-Bolívia. **Vender** fusca e **pagar** fiança³¹.
- (iv) **Morto** Saddam, violência **explode**³².

²⁹ Receita de bolo retirada da Internet.

³⁰ Slogan do whisky da marca Johnnie Walker.

³¹ Telegrama produzido em situação experimental. Ver Kleppa (a sair).

³² Manchete retirada do Estado de São Paulo, 31/12/06.

- (v) Botou na frente pra Carlitos, ele vem contra a marcação de Leonardo, domina junto a lateral do campo. **Grande finta em cima do Leonardo.** Vem Ricardinho. Vem Nilmar. Ele bateu, é gol, e que golaço! **Gooooooooooooooooo do Corinthians! Carlitos Tevez, camisa 10**³³.
- (vi) Como cê vai pra Piracicaba?
Pedalando³⁴.

Contudo, é preciso fazer duas distinções entre a fala reduzida produzida por sujeitos agramáticos e sujeitos não-afásicos. A primeira diz respeito à *frequência* da fala reduzida no agramatismo e já foi abordada na seção 3. A outra diz respeito ao *planejamento* da fala reduzida produzida por sujeitos com agramatismo.

Em relação ao planejamento, é plausível que telegramas e manchetes de jornal sejam elaborados com base em operações de apagamento. Enquanto o preço do telegrama for alto e enquanto as palavras não couberem no espaço reservado para a manchete de jornal, palavras serão apagadas das sentenças, resultando no *estilo reduzido*. Parece plausível que receitas culinárias (por escrito) e slogans igualmente sejam ‘lapidados’ até chegarem à sua forma final. Esta estratégia de planejamento parece não se aplicar ao sujeito agramático:

Of course we do not want to believe that such an elliptical utterance is generated by an aphasic as a complete utterance form that is then partially deleted. The elliptical strategy would not prevent computational overload in such a case. Rather, we assume that an elliptical utterance is *directly* produced in its incomplete form. (HOFSTEDE 1992, p. 23 – 24)

Este planejamento direto da fala reduzida parece acontecer não apenas na fala de sujeitos com agramatismo, mas também em interações informais entre sujeitos não-afásicos, como exemplificado em (vi), em que o contexto discursivo é compartilhado pelos participantes do diálogo. Neste sentido há uma certa abertura para elipses: elementos ausentes na fala de um sujeito podem ser recuperados na fala do outro participante do diálogo.

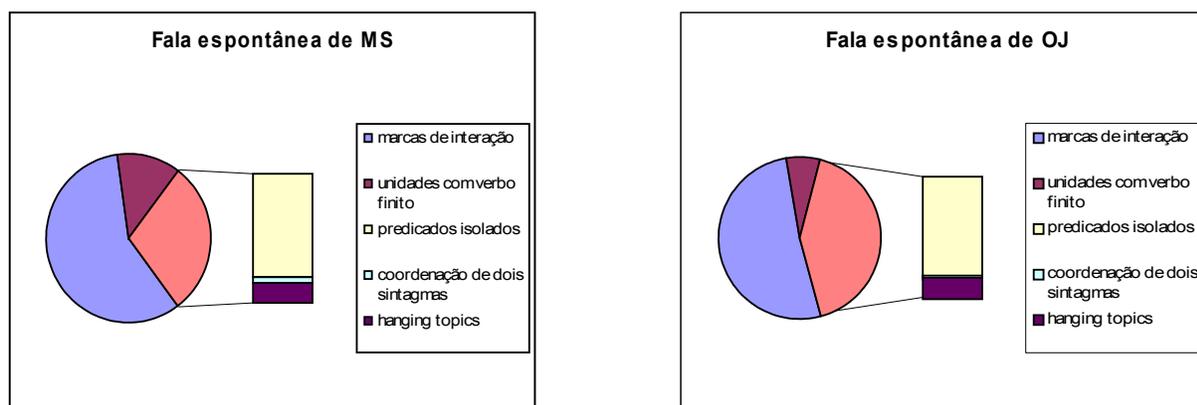
Não assumimos, portanto, que os sujeitos com agramatismo apresentem uma fala não-finita por terem ‘problemas com verbos’ ou porque ‘substituem’ verbos finitos por verbos não-flexionados. Assumimos que os sujeitos agramáticos produzam fala não-finita por uma questão de adaptação: planejam enunciados simples porque são incapazes de preencher simultaneamente

³³ Narração de José Silvério

³⁴ Diálogo possível, que serve como exemplo.

os espaços sintáticos de uma sentença e para não perderem o turno na conversa. Grande parte destes enunciados segue uma organização comum à encontrada nas construções de tópico.

Os gráficos abaixo apresentam as proporções de *marcas de interação dialógica* (em azul), *unidades com verbo finito* (em roxo) e *unidades não-finitas* (em abóbora). Estas últimas são subdivididas em *predicados isolados*, *coordenação de dois sintagmas* e *hanging topics*, categorias que serão discutidas mais detalhadamente nas seções 6.3.3 e 6.3.4. É interessante notar que 30% da fala de MS (gravada em uma sessão de uma hora, aproximadamente, em 24 de março de 2006) é não-finita, ao passo que apenas 12% é finita. Em relação à fala de OJ, (gravada em vários momentos, totalizando uma hora de gravação), podemos constatar que 41% de sua fala - que não for uma reação direta à fala de seu(s) interlocutor(es) - é não-finita, contra 7% de fala finita.



Gráficos 9 e 10: Caracterização da fala espontânea de MS e OJ

Adiantamos aqui resultados discutidos mais adiante, para mostrar como a não-finitude (em abóbora) é freqüente na fala de MS e OJ.

6.3.2. Tópico-comentário

Aliada à questão do planejamento simplificado da fala, está a questão da ordem das palavras na sentença. Observamos, a partir dos dados de MS e OJ, que a fala reduzida apresenta a ordenação das palavras em estruturas de tópico-comentário ou *hanging topics*. Através do experimento dos telegramas (ver Kleppa, a sair), pudemos observar que a ordem das palavras dos telegramas é sempre (à exceção de 1 entre 70 telegramas) a ordem canônica, ou seja, Sujeito – Verbo – Objeto – Adjuntos (SVO + Adj) e que algumas palavras funcionais são omitidas deste esqueleto sintático. A organização da fala em construções de tópico-comentário é uma

característica da fala reduzida de MS e OJ que não é prevista pela Teoria da Adaptação, porque esta toma como unidade de análise o sintagma.

Pontes (1987) foi provavelmente a primeira a afirmar que o português brasileiro é tanto uma língua de ordem S V O como de tópico-comentário, em que qualquer constituinte pode figurar como um tópico e nos casos prototípicos o comentário é constituído de uma sentença em ordem S V O. Segundo Jacobs (2001), há uma separação formal entre o tópico e o comentário (uma pausa, entonação ascendente no final do tópico, ou sinais gráficos, como por exemplo dois pontos, ponto final, ponto e vírgula, vírgula, ou mesmo uma linha em branco). Maslova & Bernini (2006) apontam para duas estratégias conceptuais de se codificar tópicos: ou figuram como ponto de referência, estabelecendo uma relação de ‘sobre isto tenho a dizer o seguinte’ (*aboutness*); ou apontam para o cenário em que se dá a proposição expressa no comentário, no sentido de ‘aqui aconteceu o seguinte’ (*frame-setting*).

Belford (2006) comprovou através de dados do NURC (Norma Urbana Regional Culta) que as estruturas de tópico-comentário são bastante freqüentes na fala carioca, mas não tão comuns como esperava. De qualquer maneira, quando Pontes e Belford se referem a construções de tópico, têm em mente estruturas em que há um certo grau mínimo de integração sintática entre o tópico e o comentário, ou seja, é possível atribuir um papel sintático ao tópico em relação ao comentário. Podemos citar como exemplo um dado retirado do Projeto NURC, recortado de um artigo de Kleppa (a sair):

Meu sítio, volta e meia eu faço uma festa junina.

Podemos atribuir ao tópico (*meu sítio*) o papel sintático de adjunto que descreve o espaço. Este adjunto, porém, não vem introduzido de preposição, o que, conforme Belford, é uma tendência comum: objetos/ adjuntos deslocados não apresentam a preposição que os introduziria se estivessem em sua posição pós-verbal. Perini (2006) chama este tipo de construção de tópico, em que há um certo grau de integração sintática entre o tópico e o comentário de *tópico sentencial*.

6.3.3. Hanging topics

Em *hanging topics* também há uma separação formal entre o tópico e o comentário e o tópico é ou um ponto de referência ou criador de uma cena para o comentário. A diferença entre

as duas formas sintáticas é que não há integração sintática, mas semântica, pragmática e discursiva entre o tópico e o comentário. Perini (2006) chama este tipo de construção de tópico de *tópico discursivo*. Vale citar uma passagem do autor:

Como se vê, a interpretação nesses casos é menos dependente da estrutura lingüística do que nos casos “clássicos” que examinamos nos outros capítulos. Depende em grande medida dos conhecimentos, expectativas e crenças que o emissor e o receptor têm em comum, somados a inferências lógicas e simples bom senso. Para isso, o papel do tópico discursivo é crucial, porque limita as possibilidades, facilitando a interpretação do restante do comentário. Ao estudarmos o tópico discursivo, estamos na verdade transpondo as fronteiras entre o estudo da língua e das condições de uso da língua, chamado **pragmática**. (PERINI, 2006, p. 198)

Dois exemplos ilustrativos de *hanging topics* (um de cada função conceptual de tópico) podem ser encontrados nos episódios (19) e (25), retomados abaixo:

Bel. Maravilha.

Antes, antes, antes? Mudo.

Notamos que a recorrência de nosso objeto de estudo será extremamente baixa nos dados de fala afásica, pelo fato de não haver muitos verbos na fala reduzida, e pelo fato da estrutura de *hanging topics*, muito produtiva na fala reduzida de MS e OJ, favorecer a não-realização de preposições. Como MS e OJ se apóiam principalmente na fala reduzida para se comunicarem, o número de preposições ligadas a verbos em toda a sua fala espontânea será baixo, como veremos adiante. OJ chega a organizar suas narrativas em estruturas *de hanging topics*:

(28) (o assunto era a marca dos mil gols que o jogador Romário pretendia alcançar)

- | | | |
|---|-----|---|
| 1 | Irn | uai, todo mundo fala dos mil gols do Pelé até hoje |
| | OJ | (inclina-se na direção de Irn, com o braço estendido e a palma da mão aberta) |
| 2 | | Antes, antes, antes?
(joga a mão para trás) |
| 3 | | dez, vinte, trinta
(conta nos dedos) |
| 4 | | quarenta anos atrás |
| 5 | Irn | mh |

- 6 OJ **Pelé mu:::ito bom**
(junta as pontas do dedo e passa a mão na altura da boca, num gesto largo)
- 7 **mil gols**
(abre a palma da mão)
- 8 **depois?**
(faz movimentos circulares com a mão a partir do punho)
- 9 **ôtros.**
- 10 Irn qual que é o problema do Romário querê fazê mil gols a qualqué
11 custo?
- 12 OJ nô SEI
(abaixa o braço um gesto definitivo)
- 13 Irn porque por exemplo
- 14 OJ NÔ SEI
(repete o gesto de desprezo)

Grupo (risadas)

(OJ: 27/03/07)

Neste episódio, a pergunta expressa na linha 2 (*antes, antes, antes?*) não é direcionada à interlocutora, mas respondida por OJ, na linha 4 (*quarenta anos atrás*). O par de pergunta e resposta serve como tópico para o enunciado na linha 6, ambientando a cena a ser descrita num tempo remoto. Na linha 6, *Pelé* serve de tópico para o comentário *muito bom*, no sentido de estabelecer o referente. Um adendo, ou *afterthought*³⁵, é acrescentado, explicando por que Pelé era considerado muito bom: *mil gols*. Através de uma pergunta (*depois?*) OJ move-se deste cenário para outro, temporalmente posterior ao primeiro. A este tópico que estabelece uma referência temporal segue a resposta: *outros*. Pela conversa, percebemos que OJ não é fã do futebol carioca ou do Romário, e preferiria que qualquer outro jogador (sãopaulino, de preferência) alcançasse a marca dos mil gols. Seus gestos e volume de voz permitem tal interpretação.

6.3.4. Visão geral

A *Tabela 2* foi gerada para que se tenha uma visão geral da fala espontânea de MS e OJ. Ela obedece a três principais divisões que orientam a caracterização da fala de MS e OJ em

³⁵ Explicado na seção seguinte.

interações informais, a saber: marcas da interação dialógica, unidades sem verbo finito e unidades com verbo finito.

	MS	OJ
Duração da conversa espontânea	58' 48''	58' 15''
Número de turnos	600	575
Marcas da interação dialógica	387	350
Respostas positivas ou negativas	180	267
Marcadores conversacionais	82	19
Não-palavras e <i>fillers</i>	125	64
Unidades sem verbo finito	201	277
Predicados isolados	160	226
Coordenação de dois sintagmas	11	7
<i>Hanging topics</i>	30	44
Unidades com verbo finito	84	47
Sentenças completas	53	30
	31 SVO	18 SVO
	16 TC	12 TC
	6 VP	-
Sentenças incompletas	24	15
Sentenças com <i>afterthought</i>	3	1
Sentenças abortadas	4	1

Tabela 2: Caracterização da fala espontânea de MS e OJ

Na categoria *respostas positivas ou negativas* estão agrupadas unidades em que o sujeito afásico confirma ou nega a afirmação do interlocutor através de *não*, *isso* ou *sim*, ou ainda repetindo a assunção do interlocutor, como em Ilk: *também?* OJ: *também*. Além do mais, pequenos reparos à fala do outro, como por exemplo *não*, *cinco* também figuram nesta categoria. Na categoria *marcadores conversacionais* estão agrupadas unidades como por exemplo *mh* ou *é*, que exercem a função de mostrar ao interlocutor que estão acompanhando o diálogo. Por fim, no conjunto das *não-palavras e fillers* estão todas as tentativas articulatórias além de *fillers* como *ãh* e *é::hm* ou *os aqui, ó* de OJ. *Predicados isolados* corresponde a sintagmas isolados (por exemplo *maravilha!* de MS). Vale lembrar que repetições de um sintagma isolado em turnos diferentes são contadas separadamente, ao passo que repetições seguidas, como por exemplo as de OJ: *antes, antes, antes* são desconsideradas na tabela acima. Uma última observação concernente a esta categoria é que não consideramos todos os números que OJ enumera até chegar no algarismo desejado, como vimos no episódio anterior. Nestes casos, apenas o número-alvo conta. *Coordenação de dois sintagmas* corresponde à junção de dois predicados isolados, sejam eles do mesmo tipo (SN, por exemplo, como no enunciado de MS: *Santos (movimenta a mão, mostrando*

que está seguindo um caminho) Paris.) ou não (como por exemplo neste enunciado de MS: *Sempre numa sexta-feira*). *Hanging topics* são a versão elíptica de estruturas de tópico-comentário. Exemplos de MS e OJ, respectivamente, são *Heloísa, maravilha* e *Açúcar? Nada*. *Sentenças completas* apenas são completas porque tomamos o verbo flexionado como núcleo de sentença. Dado que a língua portuguesa é *pro-drop*, ou seja, permite que pronomes pessoais em posição de sujeito sejam omitidos, já que as marcas de concordância de pessoa e número estão codificadas na flexão verbal, sentenças como por exemplo a exclamação de MS *Melhorei!* ou a constatação de OJ: *não sei* foram consideradas ‘completas’. Estruturas de tópico-comentário (TC), em que o tópico geralmente anuncia um referente sobre o qual se faz um comentário, como por exemplo o enunciado de MS *Colômbia. Fui.* ou o de OJ *derrame? acabou* igualmente figuram como ‘sentenças completas’. Por fim, sentenças que obedecem à ordem canônica do português (SVO), como por exemplo o enunciado de MS *Eu casei com ela* ou de OJ *Campinas é aqui* integram o grupo de ‘sentenças completas’. *Sentenças incompletas* são aquelas que os sujeitos afásicos estavam formulando, mas deixaram incompletas porque foram interrompidos por suas interlocutoras que tentam adivinhar o que querem dizer. Igualmente são consideradas incompletas as sentenças em que elementos funcionais esperados estão ausentes, como por exemplo a sentença de MS *Eu acho que desvendar muito*. Por fim, respostas curtas como por exemplo de MS: *Eu não podia* ou OJ: *esqueceu* são consideradas incompletas porque a grade argumental do verbo não está preenchida e o elemento ausente precisa ser recuperado no enunciado do interlocutor. *Afterthought* é uma estrutura pouco descrita na literatura, e corresponde, formalmente, a uma estrutura de tópico-comentário às avessas, também chamada de *anti topic* (Chafe, 1976: 54), como por exemplo acontece no episódio anterior e no enunciado de MS: *Eu tenho um filho. Trinta anos*. Por fim, as *sentenças abortadas* são aquelas que foram interrompidas pelo falante e são seguidas de tentativas articulatórias, pausas ou reformulações.

Se quisermos comparar a fala espontânea de MS e OJ com outros gêneros discursivos em que a fala reduzida se faz notoriamente presente, devemos desconsiderar todas as marcas interacionais do diálogo, porque estas não estão presentes em telegramas, receitas culinárias, manchetes de jornal etc. Se focarmos a atenção apenas nos enunciados com e sem verbo finito, perceberíamos que a não-finitude é bastante produtiva para os dois sujeitos afásicos cuja fala é examinada aqui. Se tomarmos o total de 285 sentenças de MS (201 + 84), notaremos que 70,5% de sua fala espontânea é composta pelo que chamamos de fala reduzida. Se aplicarmos o mesmo cálculo para OJ, tomando o total de 324 sentenças (277 + 47), notaremos que 85,5% de sua fala

espontânea é composta pelo que chamamos de fala reduzida. Estes valores podem indicar uma atitude mais adaptativa de OJ que de MS, que produz um número maior de sentenças que obedecem à ordem canônica das palavras.

Reduzindo o foco para as sentenças não-finitas, ou seja, a fala reduzida, percebemos que para os dois sujeitos afásicos a enunciação de sintagmas isolados (principalmente SNs) é muito produtiva (ver *Gráficos 9 e 10*). Assim, nomes de pessoas ou lugares se tornam pontos de referência tanto para o falante como para o ouvinte, que é convidado a co-construir o diálogo, tendo como ponto de partida o conhecimento compartilhado com o enunciador.

7. Preposições na fala espontânea de R, MS e OJ

Eppur si muove.
Galileu Galilei

As ocorrências de preposições ligadas a verbos serão organizadas segundo os contextos em que foram realizadas. Como a evolução, na linha do tempo, do uso das preposições tanto na fala da criança como dos sujeitos afásicos não nos interessa, apresentamos todas as preposições encontradas em seus *corpora*. Uma primeira divisão a ser feita é entre argumentos e adjuntos de verbos. Divisões subseqüentes são resultado das combinações de verbos, preposições e sintagmas nominais ou verbais encontradas nos *corpora*. A tabela abaixo dá uma visão geral dos contextos em que foram detectadas preposições ligadas a verbos na fala espontânea de R, MS e OJ.

		R	MS	OJ
Argumentos	V Prep SN	309	8	
	V Prep Vinf	104	3	
	V Prep	14	1	
	Prep SN	17		
	Prep Vinf	2		
Adjuntos	V Prep SN	1.783	6	
	V Prep Vinf	17		
	V Prep	33		
	Prep SN	442	5	18
	Prep Vinf	9		
Cópula	V Prep SN	178		
	V Prep Vinf	9		
	V Prep	2		
	Prep SN	12		
	Prep Vinf	5		

Tabela 3: Contextos em que há preposições³⁶ ligadas a verbos na fala espontânea de R, MS e OJ.

A tabela acima nos revela que a criança enuncia preposições ligadas a verbos em contextos sintáticos mais variados³⁷ que MS e OJ. É preciso lembrar que a criança foi gravada por quatro anos, ao passo que MS e OJ foram gravados por aproximadamente uma hora, o que explica a notória diferença quantitativa de preposições nos dados. Não obstante, os contextos que

³⁶ Type, não token. As repetições e reformulações estão contabilizadas na Tabela 1.

³⁷ Na seção 7.1, serão abordadas as preposições ligadas a verbos de ligação (cópula).

apresentam números disparadamente mais altos na fala de R também apresentam preposições na fala de MS, que usou mais preposições que OJ.

Como podemos observar a partir da tabela acima, apenas em um contexto sintático na fala tanto de R como de MS e OJ foram detectadas preposições: Prep SN. Os verbos podem sempre ser recuperados na fala do interlocutor. Estas foram as únicas preposições enunciadas por OJ na situação de conversa informal. É de se notar que ele apenas enuncia o sintagma preposicional, não o verbo a que está subordinado.

É possível notar que uma mesma preposição pode estabelecer diferentes relações entre o verbo e seu adjunto. **Em**, a preposição mais freqüente na constelação Prep SN nos dados de R e MS, estabelece mais freqüentemente a relação locativa entre o verbo e seu adjunto. Focando na preposição **de**, podemos notar que a criança a usa mais freqüentemente para estabelecer a relação de tema e menos freqüentemente para estabelecer a relação de tempo, ao passo que OJ a usa predominantemente para marcar a relação de tempo. É de se notar ainda que neste contexto sintático a preposição **a** somente é enunciada por OJ, e sempre marca relações de tempo. Na sessão de MS ela não aparece e na fala de R ela aparece introduzindo verbos no infinitivo.

Prep SN	R	MS	OJ
em	151 - (126 loc) (21 th) (4 exp)	3 - (2 loc) (1 tp)	4 - (loc)
para	109 - (75 ben) (27 loc) (6 exp) (1 tp)		
de	91 - (57 th) (13 inst) (9 loc) (8 exp) (4 tp)	1 - (th)	5 - (4 tp) (1 th)
com	78 - (40 exp) (30 th) (8 inst)		
sem	7 - (th)	1 - (th)	
até	4 - (2 th) (2tp)		
sobre	2 - (th)		
a			9 - (tp)

Tabela 4: Caracterização das preposições introdutoras de adjuntos na constelação Prep SN

Legenda: Loc – locativa, tp – tempo, th – tema, exp – experienciador, ben – beneficiário, inst – instrumental, pat – paciente;

Esgotadas as preposições na fala espontânea de OJ, seguimos com a análise dos dados em que há preposições tanto na fala de R como na de MS, a começar do topo da *Tabela 3*: argumentos de verbos na configuração V Prep SN. As preposições usadas por MS neste contexto sintático têm os mesmos papéis temáticos que as preposições mais freqüentemente usadas por R no mesmo contexto. *Tema* é o papel temático mais comum nos dados de R neste contexto

sintático e *experenciador* é o papel temático mais freqüentemente usado por R no mesmo contexto de V Prep SN.

V Prep SN	R	MS
para	150 – (72 ben) (53 pat) (23 exp) (2 th)	
de	109 – (67 th) (33 pat) (9 exp)	5 – (th)
em	25 – (19 exp) (6 th)	
com	23 – (22 exp) (1 pat)	3 – (exp)
por	1 – (exp)	

Tabela 5: Preposições introdutoras de argumentos na constelação V Prep SN na fala espontânea de R e MS

Não poderemos apreciar papéis temáticos na tabela seguinte, porque verbos no infinitivo não possuem papel temático. Assim, explicitaremos qual foi o verbo que subordinou o sintagma preposicional:

V Prep Vinf	R	MS
de	78 - acabar/ parar/ gostar/ cansar/ esquecer/ lembrar/ chegar/ ter	2 - gostar
a	20 - aprender/ ajudar/ começar/ continuar/ ensinar	
para	13 - dar	1 - ter

Tabela 6: Verbos que regem preposições introdutoras de verbos infinitivos na fala espontânea de R e MS

MS enunciou muito poucas preposições neste contexto sintático para que se possa tirar conclusões relevantes. A seguir, apreciamos um contexto em que MS produziu apenas uma preposição:

V Prep	R	MS
de	11 – gostar/ esquecer/ ganhar	1 - gostar
para	3 – dar/ mentir	

Tabela 7: Preposições usadas intransitivamente na fala espontânea de MS e R

Examinemos mais de perto esta constelação. Trata-se de um verbo que subordina uma preposição que não cumpre a sua função de relacionar dois elementos lingüísticos. As preposições identificadas nesta posição intransitiva não correspondem ao comportamento prototípico das preposições em português³⁸, todavia seguem o mesmo padrão na fala de R e MS:

³⁸ Em inglês, são categorizadas como preposition-stranding: *That's the guy I have been looking for!*

- (29) 1 MS: Ih, ih. ih, n/ éh mara/... cinema... verdadeiramente ãh ãh
 2 **GÓ:::sto de/ de ...** MA::rivilha.
 3 Ilk: Quantas vezes o senhor vai no cinema por semana?
 (MS: 24/03/06)

- (30) (Vendo um lencinho)
 1 R: Quem pintou?
 2 M: Alguém bordou ele. Lá na Suíça.
 3 R: Eu **gosto de/** a foizinha dele é bonitinha.
 4 M: Uma graça, né, Raquel? (R: 2;05.15)

O fato de MS ter pronunciado a palavra ‘cinema’ poucos segundos antes de deixar seu espaço em aberto pode significar que a palavra não foi preenchida propositalmente, já que havia sido mencionada antes, ou que ele sofre de anomia e tem dificuldade de acessar a palavra que acabara de enunciar. Assim como é difícil determinar as causas para o não-preenchimento de ‘cinema’ no episódio (29), é impossível determinar o que causou a desistência da sentença no episódio (30): se foi a palavra certa que não veio em tempo ou se R apenas embarcou numa digressão. Nos episódios seguintes, é possível especular que a criança esteja pedindo a cooperação de sua interlocutora quando não conclui a sentença, já que a mãe completa as frases de R:

- (31) (Olhando para o desenho inacabado)
 1 R: Cê **esqueceu de...**
 2 M: De acabar?
 3 R: É ... de acabá.
 4 M: O cabelo dela?
 5 R: É. (R: 3;03.29)

- (32) 1 R: Ela **mentiu pra ...**
 2 M: Pra Glória.
 3 R: Pra Gló/ pra G (SI)
 4 M: E quê que aconteceu aqui, que é mais importante da estória?
 (R: 4;01.24)

Por fim, analisamos o contexto em que R produziu mais preposições ligadas a verbos: adjuntos na constelação de V Prep SN:

V Prep SN	R	MS
em	756 – (668 loc) (40 th) (37 exp) (11 tp)	1 – (loc)
para	379 – (212 loc) (143 ben) (12 pat) (6 exp) (5 tp) (1 th)	1 – (loc)
com	324 – (159 th) (126 exp) (31 instr) (5 loc) (3 pat)	3 – (2 exp) (1 th)
de	254 – (135 loc) (41 th) (27 tp) (25 exp) (1 instr)	
por	32 – (31 loc) (1 tp)	
sem	20 – (th)	
até	17 – (14 loc) (3 tp)	
desde	1 – (loc)	
contra		1 – (th)

Tabela 8: Preposições introdutoras de adjuntos na constelação de V Prep SN na fala espontânea de R e MS

Novamente um dos sujeitos afásicos usa uma preposição que a criança não usa num determinado contexto sintático. De fato, a preposição **contra** não aparece nas gravações de R. Quando narra cenas de luta, por exemplo contra a bruxa ou o dragão, usa a expressão *lutar com*.

Os papéis temáticos dos adjuntos de MS correspondem aos mais freqüentes na fala de R, exceto no caso da preposição **com**. Contudo, o que diferencia experienciadores (em *n*) de temas (em *o*) enquanto adjuntos é o traço [+animado]. Experienciadores são seres portadores do traço [+animado], ao passo que temas são portadores do traço [-animado]:

- n) Jandira passeia com Jairo.
- o) Jennifer passeia com um tubo de oxigênio.

Tomando a fala espontânea de R, MS e OJ, é de se notar que a perspectiva discursiva que adotamos aqui permite resgatar o verbo ao qual a preposição está ligada na fala do interlocutor do sujeito. Dessa maneira, a fala espontânea do sujeito analisado (R, MS ou OJ) não apresenta o verbo, apenas o sintagma preposicional. Que tal resgate se dê mais comumente com adjuntos que argumentos é uma contingência, que contribui para o aumento significativo de preposições na constelação Prep SN e Prep Vinf introdutoras de adjuntos verbais nos nossos *corpora*. É provável que sintagmas preposicionais que são argumentos do verbo estejam mais condicionados à presença do verbo (imediatamente antes do SP). Pelo fato de MS e OJ produzirem poucos verbos em geral, as ocorrências de preposições introdutoras de argumentos são menos numerosas que as de preposições introdutoras de adjuntos ligados a verbos enunciados pelo interlocutor.

		R	MS	OJ
Argumentos	V Prep SN	299	8	
	V Prep Vinf	104	3	
	V Prep	14	1	
	Prep SN	17		
	Prep Vinf	2		
Adjuntos	V Prep SN	1.783	6	
	V Prep Vinf	17		
	V Prep	33		
	Prep SN	442	5	18
	Prep Vinf	9		

Retomada adaptada da Tabela 3

A tabela acima, adaptada à questão pontual das preposições introdutoras de argumentos e adjuntos, reflete exatamente a hipótese levantada no parágrafo anterior. Se observarmos a quantidade de sintagmas preposicionais sem o verbo que funcionam como argumento e adjunto nas falas de R, MS e OJ, notaremos que os sujeitos afásicos não produzem sintagmas preposicionados isolados que funcionem como argumentos verbais. A criança produz alguns, mas são comparativamente idiossincráticos (tanto quanto a constelação de V Prep). Analisando a ocorrência de sintagmas preposicionais desacompanhados do verbo que funcionam como adjuntos do verbo, podemos notar que são de alta frequência nos dois tipos de sujeito analisados aqui. Estes dados apontam para o fato de que o diálogo é construído em parceria, e que é mais comum que adjuntos sejam adicionados ao tecido da conversação sob a forma de sintagmas preposicionais que argumentos.

A tabela revela também que MS produziu quase o mesmo número de preposições introdutoras de argumentos e de adjuntos, o que contradiz os resultados de estudos que apontam para a deficiência de preposições *governadas*, ou *funcionais*, ou ainda introdutoras de argumentos verbais. OJ, no entanto, ao enunciar apenas preposições introdutoras de adjuntos, confirma os resultados daqueles estudos.

Se atentarmos para o grau de gramaticalização das preposições (*type*, não *token*), podemos notar que as frequências das preposições de R, MS e OJ refletem (com algumas discrepâncias) a distribuição das preposições num *continuum* de gramaticalização. As preposições mais frequentes nos dados de fala espontânea de R, MS e OJ são as mais gramaticalizadas. Se lembrarmos das repetições de preposições na fala de R, confirmaremos que as mais gramaticalizadas são as mais frequentemente repetidas na fala da criança.

Tomando R como parâmetro - porque produziu mais preposições, já que foi gravada por mais tempo - podemos notar que as preposições mais frequentes em sua fala não são exatamente as mais frequentes na fala de MS e OJ. A seguir, apresentamos os mesmos dados de duas maneiras distintas: na *Tabela 9* são apresentados os números de ocorrências (type) e nos *Gráficos 11, 12 e 13* são apresentadas as porcentagens de uso destas preposições. Assim é possível visualizar com mais clareza qual é a relação das preposições (mais gramaticalizadas em relação às menos gramaticalizadas) na fala de cada um dos sujeitos:

	R	MS	OJ
em	932	4	4
para	654	2	
de	543	9	5
com	425	6	
por	33		
sem	27	1	
até	21		
a	20		9
sobre	2		
desde	1		
contra		1	

Tabela 9: Frequência das preposições na fala espontânea de R, MS e OJ



Gráfico 11: Preposições na fala espontânea de R



Gráficos 12 e 13: Preposições na fala espontânea de MS e OJ, respectivamente

Todas as preposições produzidas por OJ são mais gramaticalizadas. Todas as preposições produzidas por MS, exceto duas (**sem** e **contra**), são mais gramaticalizadas. Todas as preposições notoriamente mais freqüentes na fala espontânea de R (**em**, **para**, **de** e **com**) são mais gramaticalizadas.

Resumindo, se tomarmos as preposições que os três falantes examinados produziram nos mesmos contextos sintáticos nas sessões em que foram gravados fazendo uso da fala espontânea, notaremos uma enorme diferença quantitativa, mas não qualitativa. Exceto por duas preposições (**a** e **contra**), os sujeitos afásicos produziram as mesmas preposições, ligadas aos mesmos verbos e papéis temáticos que a criança nos mesmos contextos sintáticos. Esta constatação confirma a hipótese de que a criança e o sujeito agramático movem-se na mesma língua. Podemos fazer uma analogia com o jogo de montar chamado *Lego*. Tanto a criança como os sujeitos afásicos utilizam as mesmas peças para construir suas casas, mas suas casas são diferentes: a criança produz algumas ousadas arquitetônicas, enquanto os sujeitos afásicos usam o mínimo necessário para esboçar uma casa.

Ainda não contemplamos todas as preposições na fala espontânea de R.

7.1. Exclusividades de R

Observamos que apenas R subordina preposições (**de** e **para**) a verbos de ligação. É possível que os sujeitos agramáticos também o façam, mas não encontramos dados deste tipo nos *corpora* deles. Definições (*isso é de varrer*), relações de posse (*esse é da Lela*) e beneficiários (*isso é pra mim*) são expressos através desta combinação. Nas situações em que aparecem

preposições ligadas apenas a SNs ou Vinfs, R está respondendo a perguntas de sua mãe ou completando a fala de sua interlocutora, fazendo uso da fala reduzida. Por fim, as preposições introdutoras de adjunto na constelação V Prep Vinf igualmente não evidenciam nenhuma idiossincrasia.

A seguir são apresentados dados de R que já foram discutidos em Kleppa (2005a) e serão usados aqui para evidenciar que a maior diferença entre R e os sujeitos afásicos MS e OJ é sua condição de falante, e, por conseqüência, sua relação com a língua: a criança produz seqüências desviantes, ao passo que MS e OJ estão submetidos ao funcionamento da língua e não produzem nenhuma das seqüências descritas nas subseções 7.1.1. a 7.1.6.

7.1.1. Os limites da unidade

R recorta as unidades lingüísticas de forma inesperada quando enuncia duas estruturas do tipo V Prep (em que a preposição é introdutora de adjunto) em que não parece acontecer o que havia sido observado nos episódios (31) e (32):

- (33) 1 R: Um cach/ cachorrinho tá, um/ um cachorrinho tá, tá, tá, tá, tá lá
2 na casinha.
3 M: O cachorrinho tá lá na casinha?
4 R: Tá **na!**
5 M: Hum. (R: 2;01.16)

- (34) 1 V: Tá peladinha?
2 M: Tá só de saia.
3 R: Tá só **de.** (R: 2;10.14)

Combinações deste tipo não são esperadas na fala de MS e OJ, porque eles são falantes proficientes de português e possuem o suficiente de conhecimento sobre sua língua materna para impedi-los de encerrar sentenças em preposições deliberadamente intransitivas.

7.1.2. Combinação de duas preposições

A combinação de duas preposições tampouco aconteceu na fala de MS e OJ. Combinar duas preposições não é, em si, uma operação incomum em português:

- (35) 1 R: Eu não quero í **pra de** manhã, eu quero ficá nessa mesma (SI)
 2 M: Na sua classe mesmo?
 3 R: É, porque (MIA) porque é muito chato de manhã.
 (R: 4;03.16)
- (36) 1 R: A gente faz isso com ela, parece que ela é brincalhona.
 2 M: Mas assim vocês estragam a Emília, não estragam?
 3 R: Aí o cabelo dela bate **até no** chão.
 4 M: Conta uma coisa. E conta aí como é que foi esse passeio aí na
 5 casa da Bárbara. (R: 4;06.17)

Algumas combinações de preposições são aceitas em determinados dialetos:

- (37) 1 R: Eu quero i no pesqueiro.
 2 M: Hã?
 3 R: Quero ir no pesqueiro.
 4 M: Mas nós estamos sem carro.
 5 R: Eu quero.
 6 M: Uai! É longe, filha!
 7 R: Vamo **de a** pé.
 8 M: Como, vamo de a pé?
 9 R: No carro do vovô Zamil.
 10 M: No carro do vô Jamil não pode. É muito longe o pesqueiro,
 11 minha filha. Cento e cinqüenta quilômetros, não é daqui ali.
 12 R: Vamo! (R; 2;02.20)

Outras combinações de preposições são inesperadas e requerem esforço para serem interpretadas. Combinações como a ilustrada no episódio (9), retomado abaixo não são esperadas na fala de MS ou OJ, por serem idiossincráticas:

- 1 M: Três chiclete? Cê não quer tirar o chiclete da boca pra gente
 2 gravar melhor?

- 3 R: Gravaaaah, mãe?! Esperaí, qual que (SI) lá em cima do leão
 4 tinha o copo de Bá e daí morreu, eu vou com chiclete, **sem da**
 boca.
 5 M: Sem da boca?
 6 R: [(SI)]
 7 M: [Aaaah] Tirou o chicle da boca? Ótimo. (R: 3;07.29)

7.1.3. Contração desviante

Segundo achados de Kleppa (2005a), R deixou de amalgamar uma preposição com um outro item lingüístico sete vezes, e duas vezes ela produziu amálgamas inesperados. Exemplos ilustrativos são:

- (38) 1 R: Eu que u/ (MIA) eu quero começá **por o** do café.
 2 M: Não/ não, qué vê? Eu tô perguntando o seguinte: essa estorinha
 3 aqui da lâ começa/ começa com a vovozinha fazendo a blusa de
 4 lâ? Ou começa com algum outro quadriiinho?
 (R: 4;05.04)
- (39) 1 R: Chegou.
 2 M: Aonde?
 3 R: Segou **na** Alalaquala.
 4 M: E daí? (R: 2;03.12)

Novamente, este tipo de construção não é esperado na fala de MS ou OJ, porque são falantes proficientes de português e têm intuições sobre quais substantivos pedem um artigo e quais não ou quando a preposição é amalgamada com um outro elemento lingüístico.

7.1.4. Concordância desviante

A não-concordância entre o amálgama da preposição com um determinante e o substantivo é até certo ponto aceitável em português, segundo estudos desenvolvidos no campo

da Sociolinguística. A marcação do plural no determinante - mas não nos elementos subsequentes - é considerada uma variante e ocorreu três vezes no *corpus* de R. Um exemplo ilustrativo é:

- (40) 1 R: (SI) faz de conta que é/ que é **dos carro** do ... de polícia, tá?
2 M: Dos carro de polícia?
3 R: Que eu tô contano!
4 M: Vai, manda vê! (R: 3;01.10)

A marcação de plural no substantivo - mas não no determinante - não está prevista em português, mas aconteceu cinco vezes no *corpus* de R. Um exemplo ilustrativo é:

- (41) 1 R: Mimi ficava triiiste, pensando **numa coisas**.
2 M: Ques coisas?
3 R: Essas.
4 M: Essas que tão aí (ri) escrita aí? (ri)
5 R: É. (R: 4;01.24)

Já a concordância de gênero entre o amálgama da preposição com um determinante e o substantivo conseqüente é necessária em português, mas não aconteceu duas vezes, nas duas direções, em todo o *corpus* de R:

- (42) 1 R: Depois eu ponho **no bulaquinha** tchiiih!
2 M: Buraquinho do posto?
3 R: [Tsiih!]
4 M: [Tá enchendo] a, a (SI), o carro de gasolina? (R: 2;06.19)
- (43) 1 R: Na festa, né, Lela, naquela festa di ontem ... de oooontem ...
2 sabe o que aconteceu?
3 D: Onte/ de ontem?
4 R: A amiga da mamãe falou assim: (MIA) pronto, ela vai fazê xixi,
5 pô pijama, i **pa carra**, i **po carra** e ... êh ... ah ... ê ... e o amigo
6 da mamãe errô, e a mamãe falô: não/ não/ não/ não é pra Raquel
7 ir fazer xixi, pô pijama e ir pra cama.
8 D: (rindo) ai, que engraçado. (R: 4;08.05)

7.1.5. Excessos de preposição

Foram constatados 26 excessos de preposições, como os ilustrados abaixo. Estes excessos são singulares e eventuais, de modo que não é possível atribuir-lhes nenhuma sistematicidade:

- (44) 1 R: Malévala.
2 M: Da Malévola?
3 R: É. Vai pegá **com** livlo.
4 M: Eu vô pegá o livro procê, mas quem vai contá é você!
5 R: Tá. (R: 2;06.19)
- (45) 1 R: Eu vô te jogá ... isso daqui, viu?
2 M: Por quê?
3 R: Porque ocê falô **de** mal **de** mim.
4 M: Eu não falei mal de você.
5 R: Falôôôô! (R: 3;01.10)
- (46) 1 R: A minha casa era lá em Rio de Janeiro ... nós já combinamo
2 **disso, né?** ... Ah, é, esqueci de enxugá.
3 D: Agora eu tô em Campinas. (R: 3;07.16)
- (47) 1 R: Maaaanhêêê?
2 M: Oi, querida!
3 R: Eu té/ eu quero sabê ondê que foi pará **desse** joguinho aqui.
4 M: Dominó? (R: 4;08.20)

Nos episódios (44) e (45) é possível observar como a mãe repete os enunciados divergentes de R sem a preposição excedente. Já nos episódios (46) e (47) os interlocutores de R não chamam sua atenção para os seus enunciados. Note-se que as preposições excedentes são *mais gramaticalizadas*. Em relação à fala de sujeitos afásicos, não esperamos que produzam preposições excedentes, mas antes que evitem a produção de preposições.

7.1.6. Substituições de preposição

Trocas de uma preposição por outra podem afetar o sentido do enunciado: uma *caixa de bombom* não é a mesma coisa que uma *caixa com bombom*, porque uma *caixa de bombom* pode estar vazia, enquanto uma *caixa com bombons* precisa, por definição, conter bombons. Vários exemplos deste tipo podem ser evocados: *brincar de médico* não é a mesma coisa que *brincar com médico*; *andar no ônibus* é diferente de *andar de ônibus* e assim adiante. Nos episódios acima não estamos diante de trocas deste tipo. Os verbos *brincar* e *andar* são intransitivos, aceitando adjuntos. A preposição que introduz o adjunto é selecionada pelo adjunto, não pelo verbo, que é intransitivo. Os verbos *continuar* e *parar* podem ser usados como perífrases fasais (descrevem a fase de uma ação: *acabar*, *começar*, *terminar* são outros exemplos), e neste contexto são ligados a verbos infinitivos através de preposições específicas, selecionadas pelos verbos que descrevem a fase da ação:

- p) Jeremias não quer continuar a jogar futebol.
- q) Janaína vai parar de fumar.
- r) Jaime ainda não acabou de ler o livro
- s) Jussara já começou a procurar emprego.
- t) Josias terminou de fazer a lista.

Quando estes verbos estiverem ligados a sintagmas nominais, podem subordinar outras preposições, mas não estas, porque introduzem exclusivamente orações infinitivas. No episódio (48) a preposição **a** era esperada, porque o que segue é um verbo no infinitivo e verbos infinitivos ligados ao verbo *continuar* são intermediados pela preposição **a**. Já no episódio (49) temos a preposição **de** ligada ao verbo **parar**. Esta constelação tem, via de regra, uma oração infinitiva como complemento, mas há um sintagma nominal em seu lugar.

- (48) 1 R: (SI) então vamo continuá?
2 M: Continuar o quê?
3 R: Continué **de** bincá.
4 M: De brincá? (rindo) Vamo. Mas eu quero te contar uma coisa.
(quem transcreveu, sublinhou) (R: 2;08.24)

- (49) 1 R: Manhê? Vamo pará **desse** assunto e vamo gravá?
2 M: Uai? Nó/ nós tamó gravando! (R: 4;04.23)

Esta regra combinatória não é explícita ou consciente para os falantes de Português, exceto para estudiosos da língua, que expressamente tomam a língua como um objeto de conhecimento e estudo. Todavia, os falantes de português possuem intuições lingüísticas que fazem com que estranhem construções como as apresentadas acima (como a mãe de R o fez em (48)). Por serem falantes proficientes de português, é pouco provável que MS e OJ façam substituições de preposições em situações de fala espontânea. Isto não exclui a possibilidade de cometerem trocas de uma preposição por outra em situações de teste, em que a pressão para cumprir uma dada tarefa lingüística é maior.

8. Situações experimentais com MS e OJ

*The sun is shining
The weather is sweet
Make you wanna move
Your dancing feet
Bob Marley*

Pesquisas desenvolvidas no âmbito da Teoria da Adaptação observaram uma certa variabilidade do uso da ‘fala telegráfica’ de acordo com a situação em que o sujeito agramático se encontrava: ela aparecia mais freqüentemente em situações de fala espontânea que em situações de fala elicitada. Propusemos jogos de linguagem aos sujeitos, que chamamos aqui de *experimentos*. Os dados de fala espontânea de MS e OJ somam aproximadamente uma hora para cada sujeito, e os de situações experimentais também. Se somarmos os tempos que MS e OJ levaram para completar as tarefas propostas nos experimentos de que os dois sujeitos participaram, temos que MS precisou de 1:12’43’’ (uma hora, doze minutos e quarenta e três segundos) e OJ precisou de 1:04’23’’ (uma hora, quatro minutos e vinte e três segundos). Temos então, tempos de fala compatíveis para comparar a produção de preposições ligadas a verbos na fala espontânea de MS e OJ e quando estes sujeitos estão envolvidos em situações experimentais.

O jogo de completar provérbios e a tarefa de julgar a gramaticalidade de sentenças são experimentos com variáveis controladas (ou a formulação do sujeito correspondia ao que era esperado ou não) e não demandaram muito tempo dos sujeitos. Já os outros experimentos envolviam o manuseio de cartões ou cartas, ativação da memória para nomes de cores, animais e partes do corpo, e as variáveis eram completamente abertas (qualquer formulação do sujeito que fosse capaz de resolver a tarefa proposta era boa). Por seu caráter mais lúdico, estes experimentos abriram brechas para digressões e pausas, demandando mais tempo dos sujeitos agramáticos para realizá-los.

Por fim, gostaríamos de lembrar que MS realizou dois experimentos que não foram propostos a OJ, porque envolviam a habilidade de leitura, que causa desconforto a OJ. Nestes dois experimentos, MS demorou 22’40’’ e 38’00’’, totalizando uma hora e quarenta segundos.

8.1. Completando provérbios

Este experimento consistia de uma lista de 34 provérbios retirados de um jogo de adivinhação de provérbios chamado *Quem sabe ... sabe!* lançado pela *Pais & Filhos®*. A aplicação do experimento se deu de tal forma que Ilk falava parte do provérbio, esperando que o sujeito o completasse (Cada macaco?). Se ele não conseguisse completar o provérbio, ela lhe diria as palavras seguintes do provérbio (no seu?).

Um grupo controle composto de onze pessoas com idades entre 52 e 83 anos participou do experimento completando os provérbios, e foi verificado que quatro dos provérbios eram completamente desconhecidos por todos os sujeitos controle. Outros quatro provérbios eram conhecidos por menos da metade dos sujeitos controle. Sendo assim, estes oito provérbios foram desconsiderados na análise de dados de MS e OJ. Considerando apenas os 26 provérbios listados abaixo, MS precisou de 5'30'' (cinco minutos e trinta segundos) para completar os provérbios, ao passo que OJ precisou de 5'06'' (cinco minutos e seis segundos). Podemos especular que OJ tenha demorado menos tempo que MS por não completar tantos provérbios e limitar-se a balançar a cabeça ou apontar para a tampa, indicando que não se lembrava do provérbio.

Neste experimento será verificado se a enunciação da preposição facilita a tarefa do sujeito afásico de completar o provérbio. Os provérbios selecionados são:

1. Olho **por** olho dente **por** dente
2. Sorte **no** jogo azar **no** amor
3. Quem **com** ferro ferir **com** ferro será ferido
4. Cada um **por** si e Deus **por** todos
5. **Em** briga **de** marido e mulher, ninguém mete a colher
6. **De** noite todos os gatos são pardos
7. **Em** casa **de** ferreiro o espeto é **de** pau
8. **Em** terra **de** cego que tem olho é rei
9. **De** médico e **de** louco todo mundo tem um pouco
10. **De** boas intenções o inferno está cheio
11. **De** grão **em** grão a galinha enche o papo
12. Não adianta chorar **sobre** o leite derramado
13. Cada um puxa a brasa **pra** sua sardinha
14. Não se fazem omeletes **sem** quebrar os ovos

15. Deus escreve reto **por** linhas tortas
16. Cada macaco **no** seu galho
17. Um homem prevenido vale **por** dois
18. A pressa é inimiga **da** perfeição
19. O sol nasce **para** todos
20. Quem não tem cão caça **com** gato
21. Devagar se vai **ao** longe
22. Água mole **em** pedra dura tanto bate **até** que fura
23. Quem brinca **com** fogo é pra se queimar
24. Quem está **na** chuva é pra se molhar
25. Mais vale um pássaro **na** mão **do** que dois voando
26. Antes tarde **do** que nunca

Os 26 provérbios avaliados aqui são de conhecimento de pessoas da mesma geração de MS e OJ. Por serem estruturas fixas, temos um maior controle sobre as variáveis: ou os elementos esperados são fornecidos pelo sujeito afásico ou não. Mesmo assim, não é simples avaliar os resultados obtidos. Notamos que MS e OJ tiveram desempenhos muito diferentes no teste e que mencionar apenas o número de provérbios completados corretamente não revela muito sobre suas estratégias adaptativas. A informação de que MS completou 24 provérbios ao passo que OJ completou seis provérbios (com uma ressalva) diz muito sobre sua memória e anomia que compõem o seu quadro de afasia.

MS tem dificuldades articulatórias, de modo que três preposições foram distorcidas. Em itálico está o que MS disse, em parênteses apresentamos uma tentativa de interpretação:

- (50) Cada um **por** si e *Deus fwu* (por) *todos*;
- (51) Cada macaco **ni** (no) *seu galho*;
- (52) Antes tarde **no** (do) *que nunca*.

Estas preposições foram consideradas corretas, porque os sons produzidos são muito próximos dos sons esperados. Dois provérbios foram considerados incorretos por causa de trocas lexicais:

- (53) Sorte **no** jogo, *feliz* (azar) **no** amor

(54) Não adianta chorar **sobre** *prantos* (o leite) *derramados*.

Dois verbos de ligação e um pronome relativo não foram enunciados por MS, o que não desqualificou o provérbio:

(55) Quem está **na** chuva (é) *pra se molhar*;

(56) Quem brinca **com** fogo (é) *pra se queimar*;

(57) Água mole **em** pedra dura *tanto bate até* (que) *fura*.

OJ apenas usou mais de uma palavra para completar os provérbios em cinco ocasiões. Completou 13 provérbios com uma única palavra, balançou a cabeça seis vezes em sinal de que não lembrava do provérbio e respondeu que não sabia completar o provérbio duas vezes. Assim como MS, OJ também tem dificuldades articulatórias e seus enunciados saíram distorcidos, mas foram considerados, devido à proximidade sonora com o que era esperado. Especialmente nas respostas apresentadas em (58) e (59), OJ completou o provérbio num impulso, como se seguisse um ritmo, não como quem procura por palavras isoladas:

(58) Olho **por** olho, *dent piric dentch* (dente por dente);

(59) Quem está **na** chuva é *awis molhá* (pra se molhar);

(60) **Em** briga **de** marido e mulher *barthe ulér* (bota colher).

Esta última não foi considerada completa. Tampouco foram considerados completos os provérbios em que OJ apenas enuncia a última palavra do provérbio. Estas respostas condizem com sua fala reduzida, em que apenas as palavras-chave, os pontos de referência são enunciados:

(61) **Em** casa **de** ferreiro *pau*;

(62) Deus escreve reto *torta*;

(63) Um homem prevenido vale *dois*;

(64) Quem não tem cão *gato*.

OJ completou alguns provérbios baseado em pistas semânticas:

(65) **De** noite todos os gatos *miau*;

(66) O sol nasce **pra** *lua*;

(67) **De** médico e **de** louco todo mundo *louco*;

- (68) Quem brinca **com** fogo *molhado*;
 (69) Mais vale um pássaro **na** mão *voa*;
 (70) **De** grão **em** grão *voa*.

É possível organizar os dados de duas maneiras: se contarmos as preposições ligadas a verbos que foram produzidas por MS e OJ neste experimento, chegaremos ao resultado de que MS produziu 10 (type, token são 11) e OJ apenas 1. Contudo, se considerarmos o tanto de material lingüístico que foi preciso fornecer para que MS e OJ completassem os provérbios, podemos considerar três categorias: (i) casos em que as preposições são dadas por Ilk (ou porque estão no início do provérbio ou porque ela avança até elas); (ii) casos em que o provérbio segue uma estrutura paralelística e as duas preposições são iguais, sendo que uma é dada, a outra esperada; (iii) casos em que a preposição não é dada.

		MS	OJ
Estruturas paralelísticas	corretos	3	1
	incorretos	1	3
Preposição dada	corretos	7	3
	incorretos	1	10
Preposição esperada	corretos	14	2
	incorretos		7

Tabela 10: Preposições nos provérbios de MS e OJ

Duas ressalvas à tabela precisam ser feitas: MS não completou uma estrutura paralelística corretamente, mas usou a preposição adequada (ver (53)). A outra ressalva é que um dos provérbios de OJ que consideramos completo não está de fato totalmente preenchido: faltam um determinante e a marca de plural no substantivo:

- (71) Não se fazem omeletes **sem** quebrar *ovo*.

No mais, é possível notar que OJ precisou de mais material lingüístico (está incluída aí a preposição) que MS para cumprir a tarefa de completar os provérbios. MS completou cinco provérbios depois de ouvir apenas duas palavras de Ilk (*De noite/ Cada macaco/ A pressa/ O sol/ Antes tarde*) e um depois de ouvir uma única palavra (*Devagar*). Esta prontidão para completar provérbios pode estar ligada ao fato de MS estar bem familiarizado com o gênero (provérbio) e gostar deste tipo de jogos de linguagem.

O mínimo de palavras necessárias para OJ foi três, o que aconteceu apenas duas vezes (*Deus escreve reto/ Devagar se vai*), das quais teve sucesso uma vez. Não está excluída a possibilidade de que o elemento facilitador da tarefa para OJ seja o verbo explicitado, não a preposição, mas nossos números são inconclusivos: três vezes Ilk avançou até o verbo e três vezes ela avançou até a preposição. Em ambos os casos OJ cometeu um erro e dois acertos. Podemos ainda especular que OJ não tenha muita familiaridade com o gênero (provérbio), ou que este tipo de jogo, que confia muito na memória, não seja do agrado de OJ.

8.2. Julgamento de gramaticalidade

52 sentenças retiradas de Novaes Pinto (1992) foram apresentadas oralmente a MS e OJ, para que julgassem a sua aceitabilidade. Foi dito aos sujeitos que atentassem para a formação da frase, não para a veracidade dos fatos (como aconteceu em 20, quando MS rejeitou a sentença porque não correspondia à verdade). MS precisou de 7'03'' (sete minutos e três segundos) para julgar as sentenças que lhe foram apresentadas oralmente, ao passo que OJ precisou de 10'47'' (dez minutos e quarenta e sete segundos). A diferença de tempo pode ser explicada pelo fato das entrevistadoras insistirem constantemente que OJ reavaliasse seus julgamentos de gramaticalidade.

À esquerda da *Tabela 11* estão as sentenças, sendo que as sentenças gramaticalmente mal-formadas estão em itálico. À direita estão os julgamentos de MS e OJ. O sinal de '+' indica que a sentença foi considerada aceitável, ao passo que o sinal '-' indica que a sentença não foi considerada aceitável. As situações em que os sujeitos pediam para repetir a sentença estão marcadas pelo sinal '?'. O julgamento dos sujeitos afásicos foi questionado por uma de suas interlocutoras mais de uma vez, o que fez com que mudassem seu julgamento. A mudança é indicada pelo sinal '>'. Eventuais comentários foram anotados. Estes comentários foram tanto espontâneos como respostas ao que os sujeitos consideraram inadequado na sentença que lhes foi lida em voz alta por Ilk .

	MS	OJ
1. A professora comeu uma maçã rapidamente.	+	+
2. <i>Francisco gostaria de Paulo conseguir o emprego.</i>	- gostar	Paulo? > + > -
3. Paula ganhou flores de Paulo.	+	-
4. Eu quero um pouco de arroz e feijão.	+	+ muito

		bom, arroz, feijão, bife
5. <i>Que tipo de comida você acha que gostaria de comer o arroz?</i>	- arroz	+ > -
6. O Pedro lembrava (de) mim.	-	+
7. <i>O mágico queria João fazer uma mágica muito difícil.</i>	-	+
8. A polícia precisava prender o ladrão.	+	+
9. <i>A professora comeu de uma maçã.</i>	-	+
10. O aposentado recebeu do governo o pagamento.	+ graças a Deus	+
11. <i>Ele veio minha casa às 6 horas.</i>	-	+
12. <i>Qual deles você acha que o João merece o prêmio?</i>	-	+
13. O ladrão tentou escapar pela janela.	+	+
14. <i>O pintor acabou para o serviço.</i>	-	+
15. <i>O João saiu casa pela manhã.</i>	-	-
16. Eu não lembrava mais do Pedro.	+	+
17. <i>O menino precisa a menina estudar para o exame.</i>	-	+
18. <i>Maria chegou cidade ontem.</i>	-	? > -
19. <i>As meninas dançavam nas festas que eram promovidas as danças pelo comitê.</i>	-	+
20. O carro do meu pai é novinho.	- foi novinho > +	+ novo
21. A mesa, o João usa para estudar.	-	-
22. <i>Eles viram vocês mesmos refletidos na água.</i>	+	-
23. Os garotos nos falaram sobre vocês.	-	+
24. O presente para a minha mãe não é muito bonito.	+	+
25. O aluno fez a lição que o professor pediu.	+	+
26. <i>O presente minha mãe recebeu não é muito bonito.</i>	-	-
27. <i>Nós ajudamos eles mesmos a fazer o trabalho.</i>	- eles mesmos?	+
28. A tarefa que a professora mandou é difícil.	+	+ difícil
29. <i>O homem, seu carro está lavando.</i>	- péssima	+
30. <i>Clara comprou as flores que Maria viu na feira as crianças.</i>	-	... > -
31. <i>O livro a estante eu preciso ler.</i>	-	-
32. Seu carro está lavando.	+	+
33. <i>Eu nos vi refletido no espelho.</i>	-	-
34. <i>O caderno João está em cima da mesa.</i>	-	-
35. <i>A carta estava cheia erros.</i>	- De! Erros!	? > - erro? >
36. <i>Os alunos realizaram os exames que as professoras pediram os testes.</i>	-	+
37. <i>Eu se surpreendi com a rapidez do atendimento.</i>	-	+
38. Eles nos viram numa situação delicada.	+ delicadíssima	+
39. O gato, o cachorro corre atrás.	-	+

40. Gosto dos partidos políticos que o Pedro gosta dos candidatos.	-	+
41. O presente minha mãe é muito bonito.	-	+ bonito
42. Maria comeu o pão que eu fiz um bolo.	-	+ > + > +
43. As crianças, hoje em dia, parecem mais espertas do que antigamente, não pareço?	-	+ parece
44. Bons tempos aqueles em que o dinheiro valia alguma coisa, não serão?	-	+
45. João construiu a casa que Pedro comprou.	+	+
46. O vaso estava repleto flores.	- nada! De flores!	+
47. A tarefa a professora mandou é difícil.	-	+ difícil
48. A menina fez a tarefa que a professora mandou.	+	+
49. A mesa, o João usa para estudar.	-	+
50. Quebrou o vaso que estava repleto de flores?	Flores? > +	? > -
51. Eles se surpreenderam com o serviço.	+	+
52. Você me surpreendeu você mesmo com a rapidez do serviço.	-	+

Tabela 11: Resultados do julgamento de gramaticalidade de MS e OJ.

É preciso avisar que a entrevistadora (Ilk) cometeu dois lapsos: a sentença 6 foi lida sem a preposição para MS (que portanto a considerou inaceitável) e com a preposição para OJ (que a considerou aceitável). Além disso, a sentença 21 foi acidentalmente repetida em 49. Interessante notar que evocou respostas diferentes em OJ.

Ouvir e julgar tantas sentenças, sendo que mais da metade delas é gramaticalmente inaceitável, é uma tarefa altamente cansativa e causadora de confusão, podendo influenciar o julgamento das sentenças testadas. Gostaríamos de enfatizar que as preposições não são o foco deste experimento, e que o experimento verifica a compreensão de linguagem, não sua produção.

Em cinza estão marcadas as respostas que não correspondem ao que era esperado. Quatro vezes MS rejeitou sentenças que falantes não-afásicos considerariam aceitáveis (das quais duas – 21 (=49) e 39 - são estruturas de *tópico-cometário*, que é relativamente produtiva na fala de MS) e uma vez ele aceitou uma sentença inaceitável. Já OJ rejeitou três sentenças gramaticalmente aceitáveis e aceitou 21 sentenças gramaticalmente mal-formadas. É impossível determinar quais critérios OJ empregou para aceitar sentenças agramaticais: é possível que tenha se orientado pela semântica de palavras esparsas, e esteja concordando com as proposições expressas nas sentenças, como indicam os comentários em 4 (*muito bom, arroz, feijão, bife*), 28 e 47 (*difícil*), 35 (*erro? Não*), 41 (*bonito*), 43 (*parece*). É possível que OJ esteja analisando relações semânticas no interior da sentença, associando *mágica* a *dificuldade* em 7, *maçã* a *professora* em 9, *pintores*

a *acabar o serviço* em 14, *estudar a exames* em 17, *dançar a festas* em 19, *alunos a exames* em 36, *comer a pão e bolo* em 42, *bons tempos a dinheiro valia alguma coisa* em 44, *mesa a estudar* em 49. É ainda possível que OJ considerasse que as sentenças que ele aceitou eram compreensíveis, assim como as sentenças agramaticais de estrangeiros são consideradas aceitáveis³⁹ porque são compreendidas. Por fim, comparando estas hipóteses com o que foi descrito no jogo dos provérbios, é possível especular que OJ empregue estratégias semelhantes na produção e compreensão de linguagem.

Apenas onze sentenças das apresentadas acima focam a preposição (2, 9, 11, 14, 15, 18, 31, 34, 35, 41 e 46). Em oito delas, a preposição foi elidida. Na sentença 31, a preposição foi omitida, mas o determinante foi mantido. Nas sentenças 11, 18, 34 e 41 o amálgama da preposição com o determinante foi elidido. Nas sentenças 15, 35 e 46 apenas a preposição foi elidida, porque o nome que elas introduziriam não é precedido de determinante. Foi em duas destas sentenças que MS completou a preposição ausente. As respostas de MS indicam que ele é sensível à ausência de preposições, enquanto as respostas de OJ indicam que ele também é sensível – mas em menor grau - à ausência de preposições (deixou de acusar três). As sentenças 9 e 14 exibiam preposições excedentes, às quais MS foi sensível, mas OJ não. Por fim, a sentença 2 apresenta o preenchimento de um espaço que deveria ser vazio (*Francisco gostaria de conseguir o emprego*) através de um substantivo: *Francisco gostaria de **Paulo** conseguir o emprego*. MS foi sensível a este preenchimento imprevisto na língua, OJ não.

Precisávamos desenvolver um experimento em que os sujeitos fossem compelidos a produzir preposições ligadas a verbos.

8.3. Experimento do mapa

O mapa de uma cidade imaginária foi confeccionado numa cartolina e lápis de cor. Nesta cidade havia vários estabelecimentos comerciais (padaria, banco, cinema, peixaria etc.) ruas e avenidas, semáforos e pontos de ônibus, que, num primeiro momento, foram identificados pelo sujeito afásico. Escritas em 10 cartões havia missões a serem cumpridas, como por exemplo, *sacar dinheiro*, *postar uma carta* ou *comprar remédio*. Eles precisariam decidir para qual estabelecimento ir e com que meio de transporte. Além de poderem optar por ir a pé, escolhendo uma figura de um homem, os sujeitos podiam escolher um dentre os seguintes meios de

³⁹ Para ilustrar esta situação, imaginemos o seguinte diálogo entre um brasileiro e um estrangeiro:

- **Teoreticamente** está certo?

- Não, mas eu entendi o que você quer dizer.

transporte: um ônibus amarelo, um carrinho de corrida branco e uma bicicleta cor de rosa. Ao fim de uma missão, podiam trocar de meio de transporte para completar a missão seguinte.

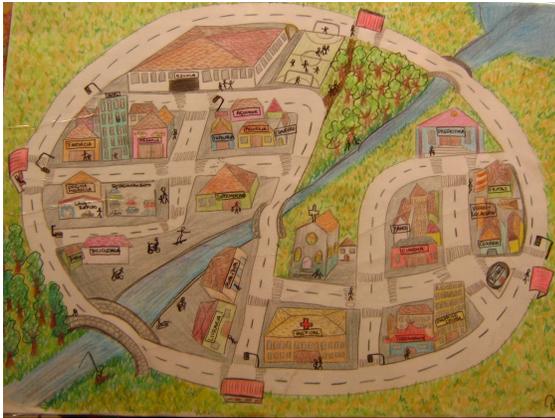


Figura 7: O mapa



Figura 8: Peças do jogo.

Foi-lhes pedido que descrevessem o caminho percorrido até o destino. O primeiro problema difícil de administrar foi que ambos os sujeitos se empenharam em chegar ao destino, mas não em descrever o caminho até lá. Assim pegaram um meio de transporte e o conduziram até o destino, vocalizando apenas para imitar o som do motor do carro ou ônibus. Para contornar este problema, uma de suas interlocutoras passou a manusear os meios de transporte, forçando-os a descrever o caminho. Neste contexto surgiu o segundo problema difícil de administrar: tanto MS quanto OJ esticavam a mão na direção do meio de transporte e o conduziam até o seu destino, sem dizer qualquer palavra. Foi insistido que dessem instruções, e surgiram algumas descrições esparsas, como por exemplo, *esquerda, livraria. Reto, direita, cinema*. Considerando essas dificuldades operacionais, MS completou a tarefa do experimento em 21 minutos, aproximadamente, e OJ em 21'30'' (vinte e um minutos e meio).

A única preposição produzida por MS durante este experimento é:

- | | | | | |
|------|---|------|----------------------------|----------------|
| (72) | 1 | Ilk: | mh? Não vamo de bicicleta. | |
| | 2 | MS: | Isso. e/ A pé. | (MS: 10/05/06) |

OJ produziu mais preposições, mas é preciso notar que muitas são 'ecos' (*complementaridade entonacional* ou *especularidade segmental* talvez sejam termos mais adequados) do que sua interlocutora disse em enunciados anteriores:

- (73) 1 Ilk: ahã... vamo de bicicleta, ou vamo **a** pé? ... ali do restaurante? ...
 2 a gente vai... daqui, do restaurante ... pra cá, pro correio.
 3 OJ: **a** pé.
 4 Ilk: **a** pé.
 5 OJ: **a** pé. (OJ: 29/08/06)
- (74) 1 Ilk: a gente vai de bicicleta, **a** pé, de carro, ou de ônibus?
 (aponta com um indicador para o correio e outro para o hospital)
 2 pra cá é o hospital.
 3 OJ: **a** pé.
 4 Ilk: **a** pé de novo. (OJ: 29/08/06)
- (75) 1 Irn: dobra **à** direita
 2 Ilk: é, dobra.
 3 Irn: tá. Então tenta usá o/ o vira. Já que cê num gosta do
 4 dobra?
 (risada)
 5 OJ: vira **à** direita.
 6 Irn: quando usa a instrução. É.
 7 OJ: vira **à** direita. (OJ: 29/08/06)
- (76) 1 Irn: segue reto?
 2 OJ: segue ré'to?
 3 Irn: se:::gue... ou va:::i?
 4 OJ: isso.
 5 Ilk: vai **em** frente
 6 OJ: **em** frente (OJ: 29/08/06)
- (77) 1 Irn: passando **por** baixo da ponte?
 2 OJ: não.
 3 Ilk: nã:::o

4 Irn: **por** onde?
 5 OJ: **pra** cima
 6 Irn: **por** cima. Ok. Então passa por cima da ponte ... atravessa
 7 a ponte... (OJ: 29/08/06)

Nos episódios seguintes, OJ é explicitamente convidado a repetir seqüências de palavras que contêm uma preposição:

(78) 1 Irn: **tão vai/ VI:::ra à esquerda**
 2 OJ: **vira à esquerda?**
 3 Ilk: boa. Ahã... e aí?
 4 OJ: **à direita**
 5 Ilk: **vira à direita ... ahã** (OJ: 29/08/06)

(79) 1 Irn: **então como que fala aí? Vira?**
 2 OJ: **à direita.**
 3 Ilk: ahã
 4 Irn: **vira à direita/ fala tudo. Vira à direita.**
 5 OJ: **vira à direita.** (OJ: 29/08/06)

(80) 1 Irn: E se você ... usasse, por exemplo... ao invés de falá **à**
 2 direita, esquerda ... como que você pode falá pra alguém... que é
 3 pra **í à direita** ou **à esquerda**, que verbo que cê poderia usá?
 4 Cê pode falá o quê? Vira?
 5 OJ: **à direita.**
 6 Irn: **vira... à direita? Fala inteiro.**
 7 OJ: **vira à direita.** (OJ: 29/08/06)

(81) 1 Ilk: isso, virô?
 2 Irn: então **fala/ vira ... à direita**
 3 OJ: **vira à direita.** (OJ: 29/08/06)

Nos episódios seguintes, OJ enuncia as preposições espontaneamente:

- (82) 1 Ilk: aê::: como é que eu chego aí? ... eu vô nadando no rio?
2 OJ: nã:::o
3 Ilk: não, né, melhor não.
4 OJ: **a pé!** (OJ: 29/08/06)
- (83) 1 OJ: esquerda
(continua movimentando o boneco)
2 Ilk: ãhã.
3 OJ: **à direita.**
(chega com o boneco no correio) (OJ: 29/08/06)
- (84) 1 Irn: vai falando
2 OJ: **à direita**
3 Ilk: ãhã
4 OJ: **à direita** (OJ: 29/08/06)
- (85) 1 OJ: esquerda?
2 Ilk: ahã
3 OJ: **à direita?**
4 Ilk: ãha (OJ: 29/08/06)
- (86) 1 Ilk: achô! Muito be:::m. Então... depois do restaurante, antes do
2 ponto de ônibus...
3 OJ: **a pé.**
4 Ilk: muito bem, muito bem. Mh, hm. (OJ: 29/08/06)
- (87) 1 Irn: sim, mas fala pra ela. Vai? Vai?
2 OJ: vai... **em** frente.
3 Irn: frente
4 Ilk: **em** frente

5 OJ: fraiemfrench

6 Ilk: vai em frente.

(OJ: 29/08/06)

O objetivo deste experimento era evocar preposições que descrevem o espaço, mas como pudemos observar, o experimento não se mostrou adequado para tanto. Pelo fato do caminho ser visível para as investigadoras, os dois sujeitos afásicos se eximiram da tarefa de descrever o caminho que percorriam. Era preciso elaborar um experimento em que os sujeitos com afasia se sentissem forçados a falar, a dar informações precisas sobre a localização de elementos que apenas eles conseguiam ver.

8.4. Jogo dos erros

Este experimento é similar ao jogo dos sete erros, em que há duas figuras idênticas a não ser por algumas diferenças que devem ser apontadas. De uma revista do Sítio do Pica-Pau Amarelo foram recortados quatro pares de figuras. Todas as figuras foram coloridas a lápis de cor, de maneira que as cores eram elementos de diferenciação entre as figuras. Além das cores e das diferenças existentes entre os desenhos, outros elementos foram introduzidos nas figuras, de modo que dois pares apresentam oito diferenças, outro tem dez e o último doze. Ilk era uma jogadora e o sujeito afásico outro. Cada jogador recebia uma figura e a descrevia até que encontrassem as diferenças dos dois desenhos, sem olhar na figura do outro. Desconsiderando o tempo em que as imagens foram comparadas abertamente e comentadas, OJ realizou o experimento em aproximadamente 9 minutos. Desta vez MS precisou de mais tempo que OJ para realizar um experimento. MS descreveu detalhes das figuras, fez várias brincadeiras, provocou várias digressões, inventou histórias para as cenas que descrevia e constantemente surpreendeu-se com o fato de enunciar nomes de cores e animais em inglês. Desconsiderando as comparações abertas das duas imagens e as conversas que giraram em torno das línguas que MS queria usar ao invés de português para descrever as figuras, MS precisou de 27'40'' (vinte e sete minutos e quarenta e sete segundos) para realizar o experimento.



Figura 9: Imagens do jogo dos erros.

OJ não produziu nenhuma preposição ligada a verbos neste experimento. MS produziu, dentre outras preposições, três locuções prepositivas, que não serão analisadas aqui. As outras instâncias em que MS produziu preposições ligadas a verbos foram fortemente influenciadas pela fala de sua interlocutora:

- (88) MS: (olha para o pulso, toca o pulso direito com a mão esquerda)
 1 punhos!
 2 Ilk: ã!
 MS: (aponta para o cartão, olhando para Ilk)
 3 Ilk: **de** quem?
 4 MS: éh...éh...ih/ **da**::: jacaroa! (MS: 29/06/06)
- (89) 1 Ilk: é... a jacaroa... tá **com** a língua **pra** fora?
 (risos)
 2 MS: não.
 (balança a cabeça e olha pro lado)
 3 não está ... **com** a língua **pra** fora.
 4 Ilk: a:::h minha tá. (MS: 29/06/06)
- (90) 1 Ilk: a pedra tá **na** frente, ou atrás, ou.... do quê da tartaruga?
 2 MS: ãh..ah/ ah/ atrás/
 (levanta o braço e mostra para a frente com o indicador)

- 3 éhm.
 (olha para o alto)
- 4 à frente.
- 5 Ilk: à frente da tartaruga. (MS: 29/06/06)
- (91) 1 Ilk: é/ é... **numa** mão, ou **nas** duas mãos?
 MS: (levanta dois dedos)
- 2 ióh... **nas** duas mãos. (MS: 29/06/06)
- (92) MS: (aponta para a figura)
- 1 é::hm.... ãhm...ãh... épôus.
- 2 Ilk: onde?
- 3 MS: ãh.ah...ãh... ãhm... éh/ éh **na** áRviri. (MS: 29/06/06)

O objetivo de evocar preposições na fala de sujeitos com agramatismo falhou novamente. Era preciso que a simples referência a um objeto não fosse o suficiente para que um consenso fosse atingido entre os jogadores. Era preciso pensar num jogo em que a posição dos objetos não é comum e precise ser descrita através de preposições.

8.5. Jogo dos monstros

Oito pares de monstros compõem um jogo de 16 cartas. Um par de monstros é composto por um macho e uma fêmea com características iguais: cinco mãos, dois narizes, três olhos, orelhas nas costas etc. As cartas eram distribuídas entre Ilk e um dos sujeitos afásicos e o objetivo era formar pares de macho e fêmea de uma mesma espécie de monstro, através da descrição de suas características corporais. Além de descrever o número de orelhas, olhos, mãos etc., era preciso descrever a posição destas partes no corpo do monstro.

MS precisou de 11'30'' (onze minutos e meio) para realizar o experimento, ao passo que OJ precisou de 18 minutos para achar os pares de monstros (demorou a entender o que era esperado dele, teve dificuldades para segurar as cartas numa mão só, fez longas pausas à procura de palavras devido à sua anomia e todas as suas contagens passavam por todos os números entre 1 e número alvo: *um, dois, três, quatro, cinco, seis. Seis braços*).



Figura 10: *Imagens do jogo dos monstros*

MS produziu as seguintes preposições:

- (93) 1 Ilk: ah, tem ... uma mão ... **na** cabeça?
 2 MS: não.... ãh.. DUAS mãos.
 (gira levemente a mão levantada)
 3 **na** cabeça..... éh...ãh (MS: 29/06/06)
- (94) 1 Ilk: a cabeça é **na** barriga?
 2 MS: não!
 3 Ilk: o quê que é **na** barriga?
 4 MS: éh... nã...ãh...ãh...ah
 (aponta para a boca, abre a boca, desenha um bigode com o indicador)
 5 bo:::ca **na** barriga
 (aponta para a boca e depois para a barriga) (MS: 29/06/06)
- (95) MS: (levanta o indicador acima da cabeça)
 1 éh... UMA mão
 2 Ilk: mh, hm
 3 MS: ... só. Éh.... **na** cabeça. (MS: 29/06/06)
- (96) MS: (aponta para o monstro)

1 mãos.
 2 Ilk: mh.
 3 MS: uh... **no:::s** pés.
 4 Ilk: ah, tá, as mãos são **nos** pés.
 5 MS: isso, isso, é. (MS: 29/06/06)

As preposições produzidas por OJ neste experimento ocorreram em menor quantidade, o que podemos atribuir à sua anomia, dificuldade em nomear: se o nome da parte do corpo (núcleo do SN) não vem à memória, a preposição que introduziria este SN também não aparece.

(97) 1 Ilk: as asas ... são ... aonde? **Nas** costas? **Nos** ombros? **Na** barriga? ...
na cabeça?
 (silêncio)
 OJ: (comprime os lábios e balança a cabeça)
 2 **nô**
 3 Ilk: é aqui? (aponta para o ombro) o om/ a asa?
 OJ: (examina a carta e aponta com o polegar para a asa do monstro)
 4 aqui.
 5 Irn: mh, hm. Onde que é?
 (dá um tapinha no ombro de OJ)
 6 Ilk: **no** ombro?
 7 OJ: ombro. (OJ: 29/08/06)

(98) 1 Ilk: onde que são as bocas? Uma é no rosto, na cara, né? E a outra é
 aonde?
 2 OJ: lá embaixo.
 3 Ilk: no pé?
 4 OJ: **em** cima.
 (risada)
 5 Ilk: no joelho.... (OJ: 29/08/06)

Foi observado, de maneira geral, que ambos os sujeitos afásicos recorrem frequentemente ao gesto para descrever suas cartas. MS apontava para partes do próprio corpo para indicar posições, enquanto OJ apontava para as próprias cartas, dizendo: *aqui, ó*. Em ambos os casos, gestos ostensivos dispensam a produção de linguagem. As poucas preposições que foram enunciadas por MS e OJ neste experimento não eram precedidas por um verbo, mas apareciam em combinação com um substantivo, ou mesmo desacompanhadas, como é o caso do episódio (97). Ademais, é difícil julgar se a preposição enunciada por OJ em (98) é adequada, ou se **para** descreveria melhor o espaço que ele pretendia delimitar.

Os dois experimentos seguintes foram realizados apenas por MS. OJ apresenta alexia profunda, e como os experimentos envolviam habilidades de leitura, não foi possível aplicar estes dois últimos experimentos a OJ.

8.6. Cartões com verbos

O experimento de cartões com verbos foi inspirado num modelo terapêutico desenvolvido por Webster, Morris & Franklin (2005). A MS foram apresentados 32 cartões, sendo que em cada cartão havia escrito um verbo em sua forma infinitiva no centro e perguntas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Quem mais?) ao redor dele. Os verbos foram escolhidos de acordo com o seu número de valências, variando entre zero e quatro. A tarefa de MS era formar uma frase oralmente, usando as informações dispostas no cartão.



Figura 11: Imagens dos cartões com verbos

As perguntas deveriam auxiliar MS no preenchimento da grade argumental dos verbos, mas só o confundiram. Conforme avançávamos com o experimento, as perguntas foram sendo

ignoradas, mas a partir do décimo cartão MS voltou a tentar incorporar os advérbios de pergunta em suas sentenças, e a dificuldade de formar perguntas o frustrou. Em certa altura do experimento, MS começou esporadicamente a cantar uma canção que contivesse o verbo escrito no cartão. Desconsiderando as digressões e perguntas sobre as músicas, compositores e preferências musicais de MS, mas considerando as pausas, dúvidas e comentários de suas interlocutoras, o experimento durou 22'40'' (vinte e dois minutos e quarenta segundos). Os verbos dispostos nos cartões eram:

Avalentes: chover

Monovalentes: dormir, brincar, sonhar, pedalar, cantar, sair, viajar, afastar, chegar

Bivalentes: precisar, falar, mandar, *confiar*, *cuidar*, *obedecer*, *gostar*, *conversar*, *comparar*, *inscrever*, *investir*, acabar, começar, continuar, terminar

Trivalentes: pedir, emprestar, dar

Tetravalentes: comprar, vender, trocar, traduzir

Era esperado que os verbos avalentes e monovalentes fossem seguidos de adjuntos (sintagmas preposicionais descrevendo espaço, tempo ou modo) e que os restantes apresentassem argumentos verbais. Dentre os verbos bivalentes, estão marcados em itálico aqueles que selecionam uma preposição específica, seja por repetição do prefixo do verbo (**conversar com**), seja por uma convenção estabelecida (*cuidar de*). Os verbos sublinhados são candidatos a integrantes de perífrases fasais que têm como argumento uma oração infinitiva introduzida por uma preposição específica, selecionada pelo verbo flexionado. De 32 potenciais preposições, MS produziu 15:

(99) 1 Ilk: É... tem como você fazê uma frase com sair?
 2 MS: ãh...ah.. saí ... ontem... ãhm.. **com**...ãh.. ah! A/ a Bel!
 3 Ilk: Ótimo! (MS: 19/04/06)

(100) 1 MS: Mh!... éhm... éh...co/ éh...ãh éh...éh... ontem... éh ah e::u viajei..
 2 ãh..éh **póara** Belo Holozounte.
 3 Ilk: Muito bem. (MS: 19/04/06)

- (101) 1 MS: Éh...E::u.. pedi..ãh..ãh...ãhm..ãhm...éh.. DÈbora.... nõ/ é/
 2 Débora.. éh/ i/ não. E::u.. pedi.. **pra** Débora..
 3 éhm..mh..ãhm...éh...
 (faz, duas vezes, o movimento circular com a mão, em que as costas da mão ficam na parte interior do semicírculo, começando pelo queixo e terminando em frente de si, no ar)
 4 Éh..nã/ éh, éh, éh...cantar.
 5 Ilk: Bom. (MS: 19/04/06)
- (102) 1 MS: Isso... JOÃO ... e Maria... confiaram ... MUIto.. **em** você.
 2 Ilk: Hm, hm. Perfeito. (MS: 19/04/06)
- (103) 1 MS: Éh.. CONversAR **com::i::go**? Não! E/ ãh/ e::u não sei.
 2 Ilk: Mh, hm. (MS: 19/04/06)
- (104) 1 MS: Mh.. ãh..ãh...ãh...ãh... éh.. éh....mh. Compare..éh.. uma coisa.
 2 Ilk: Mh, hm.
 3 MS: ãh...ah...ãh... Freddy!
 4 Ilk: Mh, hm.
 5 MS: Éh... ãh...ãhm...ãhm...ãh.. éh...éh.. a/ Freddy... éh... comparar
 6 **com..** ãh..mh... ãh... S:::u::zy!
 7 Ilk: Muito bem! Compare o Freddy com Suzy. (MS: 19/04/06)
- (105) MS: (olha pra cima e cantarola, baixinho)
 1 Tchã nã:::na na na... ahm... ah..a/ Maria .. falou..éh.. **com** .. o
 2 João. (MS: 19/04/06)
- (106) 1 MS: Mh...mh....éh....éhm... ãh.. ãh... ãh.. troco..um..ãh..éh..éli ési.
 2 Ilk: Troco um LS?
 3 MS: Ih/ Não! Éh... mh...
 4 Ilk: LP?
 5 MS: I:::sso! Isso!

6 Ilk: Troco um LP?
 7 Irn: De quem? Por quem?
 8 MS: Éh... nã/ RoubÉRto CA::Rlos
 9 Ilk: Então ficô.. troco um LP do Roberto Carlos
 10 MS: ãh... **cO::m** ãhm...ãh...ãh..ãh..SinÔne. (MS: 19/04/06)

(107) 1 MS: Não/ éh...êh...éhm...ah...Jessica
 2 Ilk: Mh, hm
 3 MS: brINca **com**... a::h...ãh...éh..éh Rogério.
 4 Ilk: Perfeito! (MS: 19/04/06)

É de se notar que nos episódios a seguir, MS usa o verbo em sua forma infinitiva, como está escrita no cartão. Nos dois episódios seguintes, MS demonstra uma reflexão metalingüística enquanto resolve a atividade proposta:

(108) 1 MS: Éh...éh... CUIDAR... o quê?
 2 Ilk: Mh!
 3 MS: ãh, ãh.. Não! CuidAR **DE** QUEM!
 4 Ilk: Mh.
 5 MS: Isso.
 6 Ilk: Teressante.
 7 MS: É, éh.
 8 Ilk: Hm, hm
 9 MS: Nã/ éh...
 10 Ilk: Faz uma frase com cuidar de...
 11 MS: É, éh, isso!
 12 Ilk: Mh!
 13 MS: ãh...mh...ãh..ãh... cuidar... **de** ... cachorro.
 (MS: 19/04/06)

(109) 1 MS: Éh.. preciso.. comprar.. logo **com** isso.
 (risada)

- 2 Não.
- 3 Ilk: Tá esquisito.
- 4 MS: Éhm...éh...ãh...éh...preciso.. comprar.. logo..éh...ãh... camisa.
(MS:19/04/06)

O episódio anterior aconteceu depois de MS perceber que podia musicar grande parte dos verbos, obedecendo a uma estrutura paralelística:

preciso acabar logo com isso/
preciso começar logo com isso/
preciso continuar logo com isso/
preciso terminar logo com isso:

- (110) 1 MS: (canta) Oe.. ciso acabar logo **com** i::sso!... éh..ah/ RobeRto
CaRlos.
2 Ilk: ãha (MS: 19/04/06)
- (111) 1 MS: Cre::ciso acABAR.. logo **som** isso... preI::so l:::embRAR que
2 eu âxisto, que eu âxisto, QUE:::u exissdo! Nônônôh
(risada)
3 Ilk: Acabar logo com isso. (MS: 19/04/06)
- (112) 1 MS: Sch:::mh... éhm...ãh... pre::ci::so co::moeça::r ãh..ãh..**com**
2 isso... hoje.
3 Ilk: BO:::a, aí o quando! Hm, hm. (MS: 19/04/06)
- (113) 1 MS: (canta) ContinuA:::R logo **kuom** isso
(acompanha a melodia com a mão) (MS: 19/04/06)
- (114) MS: (abre os braços, arregala os olhos)
1 Pre::ciso::: te:::rmina:::r lo:::go **gzom** isso!
(MS: 19/04/06)

O objetivo de evocar preposições ligadas a verbos na fala de MS neste experimento foi parcialmente atingido, porque MS usou muitos verbos de maneira intransitiva ou completou sua segunda valência com objetos diretos. Ademais, notamos que a tarefa de inventar uma sentença qualquer a partir de um verbo no infinitivo não era fácil para MS, que recorria a músicas que continham o verbo em questão. Era preciso restringir mais a liberdade de escolha de MS, fixando um esquema em que o espaço da preposição na sentença fosse mais explícito.

8.7. Montando frases com cartões

Este experimento foi inspirado num modelo terapêutico de retenção verbal proposto em Van de Sandt-Koenderman, Bonta, Wielaert, & Visch-Brink (1997). MS foi solicitado a formar uma sentença completa com cartões de tamanhos e formatos diferentes. Os mesmos verbos utilizados no experimento anterior estavam escritos (no infinitivo) em cartões redondos e verdes. A partir deles as sentenças eram organizadas. Os sujeitos da sentença eram 15 figuras recortadas de revistas, que apresentavam uma pessoa (em dois cartões havia duas pessoas). Os objetos da sentença igualmente eram figuras recortadas de revistas. No total, eram 32 figuras, das quais 5 representavam animais, 2 plantas, 4 comidas e bebidas, 4 meios de transporte e os restantes 17 representavam bens de consumo. As palavras funcionais estavam escritas em cartões (6 determinantes em cartões vermelhos e 14 preposições em cartões triangulares e vermelhos). O objetivo era que MS montasse uma sentença com as imagens e palavras que tinha à disposição. Depois de montada a sentença, Ilk repetiria a sentença completa e viraria os cartões das palavras funcionais para que MS reconstituísse a sentença.

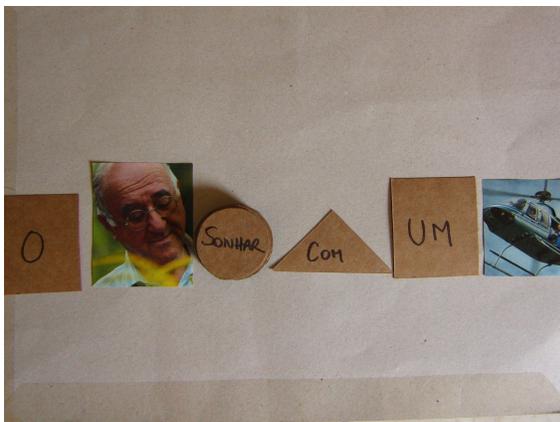


Figura 12: Frase montada



Figura 13: Cartões virados

Os participantes estiveram focados na tarefa de montar frases e assim não aconteceram muitas digressões durante o experimento que durou aproximadamente 38 minutos. Contudo, é preciso lembrar que o manuseio dos cartões demandou muito tempo dos jogadores, especialmente de MS, que tem hemiplegia. Foi deixado claro que era possível que cartões em branco fossem utilizados para suprir eventuais necessidades de preposições, determinantes ou conjunções. MS foi familiarizado com as figuras e foi feita uma demonstração do que era esperado de MS. No momento de repetir a sentença com alguns cartões virados, foram observadas algumas idiossincrasias em relação às preposições: ocorreram substituições de palavras funcionais, especialmente preposições, e MS preferiu escrever do que falar algumas palavras funcionais.

Para facilitar a análise dos dados, apenas as sentenças serão transcritas, não os episódios em que foram produzidas. O par de sentenças corresponde à sentença montada e repetida com os cartões de palavras funcionais virados.

- (115) Uma modelo falar contra petróleo.
Uma modelo falar **sobre** petróleo.
- (116) Um moço termina de beber vinho.
Um moço termina (**desenha** as letras **S E M** com o indicador no ar) vinho.
- (117) Uma moça continua com um cão.
Uma moça continua **num** cão.
- (118) Uma moça vai pedalar com um moço.
Uma moça pedala (pede a caneta e **escreve C O M** na mesa) os moços.
- (119) O moço canta no telefone.
O moço canta **em** telefone.
- (120) Um moça sonha com o rato.
Uma moça -----
- (121) Uma moça pediu uma blusa.
Uma moça pediu (**escreve U M A** na mesa) blusa.
- (122) O samurai vai chover no sapato.

O samurai vai chover (**escreve N O** na mesa) sapato

(123) Um menino cuida dos cavalos.

Um menino cuida (reclama: PUTA QUE PARIU! **Escreve D O S** na mesa) cavalos.

(124) Um nepalês começa a tomar banho.

Um nepalês começa a tomar banho.

(125) Os velhos acabaram de tirar fotos.

Os velhos acabaram de tirar fotos.

(126) Um menino obedece ao Maguila.

Um menino obedece ao Maguila.

Apenas as últimas três sentenças cobertas coincidiram com as sentenças montadas. MS substituiu três preposições (ver as três primeiras sentenças), não produziu o determinante amalgamado a uma preposição (ver (119)) e preferiu escrever quatro preposições, seja com o dedo no ar, seja com a caneta na mesa (ver (116), (118), (122) e (123)). A sentença em (120) não foi completada devido à sua admiração com o seu próprio desempenho.

9. Preposições nos experimentos de MS e OJ

E o pulso ainda pulsa
Titãs

Passemos à análise qualitativa das preposições enunciadas por MS e OJ em situações experimentais. É preciso lembrar que no caso dos provérbios, os sujeitos não tinham nenhuma liberdade de escolha de preposição e que no teste de julgamento de gramaticalidade não era esperado que produzissem nenhuma preposição. Nos experimentos do mapa, jogo de erros e jogo dos monstros, preposições introdutoras de adjuntos eram esperadas. Especialmente nos experimentos com palavras escritas (cartões com verbos e montagem de frases), executados apenas por MS, preposições introdutoras de argumentos foram evocadas, porque os verbos (que selecionam determinadas preposições) eram dados.

		MS	OJ
Conversa espontânea	Argumentos	12	-
	Adjuntos	11	18
Experimentos em comum	Argumentos	3	1
	Adjuntos	18	24
Experimentos a mais de MS	Argumentos	17	-
	Adjuntos	21	-

Tabela 12: Preposições na fala de MS e OJ.

A *Tabela 12* apresenta o resultado final de preposições ligadas a verbos na fala de MS e OJ, separadas por situação de enunciação e arranjo sintático. Na categoria *experimento em comum* estão incluídas as preposições produzidas em todos os experimentos de que tanto MS quanto OJ participaram. Na outra categoria de experimentos estão aqueles que foram realizados apenas por MS - que envolviam habilidades de leitura, enfocavam a estrutura da sentença e forneciam o verbo, que muitas vezes ‘pedia’ certa preposição. É de se notar que MS produziu um número consideravelmente maior de preposições introdutoras de argumentos nos experimentos em que os verbos lhe eram dados.

Vamos ajustar as lentes e apreciar mais de perto as preposições produzidas nos experimentos por MS e OJ. Desconsideremos as preposições produzidas por MS e OJ durante o jogo dos provérbios (porque sua produção era estritamente uma questão de memória e o experimento não dava liberdade criativa aos sujeitos) e durante o julgamento de gramaticalidade,

em que não era esperado que produzissem preposições ligadas a verbos, e analisemos as preposições introdutoras de adjuntos produzidas nos experimentos do mapa, jogo de erros e jogo dos monstros:

		MS	OJ
Adjuntos	V Prep	2 - com (th); para (loc)	8 - a (6 loc); em (2 loc)
	Prep SN	9 - em (6 loc); a (1 th) (1 loc); de (poss)	15 - a (7 loc) (5 th); em (2 loc); para (loc)
	Prep		1 - em (loc)

Tabela 13: Produção de MS e OJ de preposições ligadas a verbos em três experimentos.

É preciso lembrar que nossos resultados dizem pouco em relação à competência lingüística de MS e OJ, porque – especialmente no experimento do mapa - MS não foi convidado a repetir nenhuma seqüência de palavras e porque OJ foi explicitamente pressionado a repetir seqüências que continham preposições, aumentando, assim, o número de preposições produzidas por este sujeito. As preposições produzidas por MS e OJ nos três experimentos são, do ponto de vista do seu grau de gramaticalização, mais gramaticalizadas. As mais freqüentes são **a** e **em**, descrevendo relações espaciais.

Passemos às preposições produzidas por MS nos experimentos de que OJ não participou porque tem muita dificuldade para ler. Nestes experimentos, tanto preposições introdutoras de argumentos como de adjuntos foram evocadas, em virtude dos verbos fornecidos a MS. Tanto as trocas como as preposições escritas na mesa foram contabilizadas na tabela abaixo:

		MS
Argumentos	V Prep SN	8 - com (2 exp) (pat) (inst); de (2 th); para (exp); em (exp)
	V Prep Vinf	9 - de (1 terminar, 2 acabar, 2 cuidar); a (2 começar, 2 obedecer)
Adjuntos	V Prep SN	21 - com (8 th) (4 exp); em (5 loc); para (loc); contra (th); sobre (th); sem (th)

Tabela 14: Preposições ligadas a verbos em dois experimentos com cartões de MS

O fato dos verbos serem dados a MS contribui para o aumento significativo de preposições introdutoras de argumentos (em relação ao número daquelas produzidas nos outros experimentos), mas não influenciou o número de preposições introdutoras de adjuntos.

Se atentarmos para o grau de gramaticalização das preposições usadas por MS e OJ em todas as situações experimentais (estamos separando os dados dos experimentos que apenas MS

realizou na coluna à direita), notaremos que as mais gramaticalizadas continuam sendo as mais freqüentes nas falas destes dois sujeitos. Observemos a tabela abaixo:

	MS	OJ	MS sozinho
a	3	19	4
em	10	5	6
com	3		16
de	1		7
para	3	1	2
por	2		
sem	1		1
sobre			1
contra			1

Tabela 15: Freqüência das preposições na fala evocada de MS e OJ

Notamos apenas dois saltos quantitativos (**com** passou de 3 a 16 ocorrências e **de** passou de 1 a 7 ocorrências) ocorridos na fala de MS, quando envolvido em experimentos em que os verbos eram fornecidos e experimentos em que eles eram dados. Algumas ocorrências da preposição **com** podem ser retraçadas nos episódios (109) a (114), em que MS canta, tomando por base uma música de Roberto Carlos. As outras preposições (tanto **de** quanto **com**) foram evocadas pelos verbos fornecidos nos cartões.

Vale notar que, mesmo que a situação tenha sido de experimento, em que algumas preposições específicas eram esperadas, os sujeitos apenas produziram preposições mais gramaticalizadas. Este dado aponta para o fato de que categorizar as preposições pelo seu grau de gramaticalização é produtivo, já que são freqüentemente usadas por sujeitos agramáticos (e pelos outros usuários da língua).

A preferência por preposições mais gramaticalizadas certamente está ligada a questões de freqüência. Lembramos a citação de (Gleason & Wolf, 1988: 290), exposta na seção 5 e parcialmente retomada aqui: “Aphasic patients’ naming abilities bear a complex relationship to the target words; frequency, latency and diagnostic group all have an effect on the interaction (Wingfield 1966).” As preposições mais gramaticalizadas são mais freqüentes na língua, portanto são mais usadas por sujeitos com agramatismo.

Parte IV:

Contrastes e conclusões

*Though we know that time has wings
We're the ones who have to fly*
Rush

10. O que aprendemos

*If I were king
If I had everything
If I had you and I could give you your dreams
If I were giant-sized, on top of it all
Then tell me what in the world would I go on for?
Dave Matthews Band*

Contrastando as preposições ligadas a verbos na fala da criança com aquelas identificadas na fala de sujeitos afásicos, podemos notar uma diferença quantitativa. Esta diferença se deve ao volume dos dados analisados. Enquanto o *corpus* da criança corresponde a sessões gravadas ao longo de aproximadamente quatro anos, os dados de fala espontânea dos sujeitos afásicos compõem uma hora de duração, sendo que os dados de MS referem-se a uma sessão e os de OJ são referentes a trechos recortados de diferentes sessões. Contudo, tanto a criança como os sujeitos afásicos com agramatismo produzem preposições mais gramaticalizadas com mais frequência.

Outras diferenças concernem à tarefa enunciativa e à posição do falante na língua. Não acompanhamos outros estudos que abordam fenômenos lingüísticos na fala de crianças e sujeitos afásicos, porque o presente estudo desenvolveu uma concepção de *língua, falante e fala* diferente daquela que orienta tais estudos. Nossas concepções de *língua, falante e fala* não foram o ponto de partida desta tese, mas seu ponto de chegada.

10.1. Concepção de língua

A preposição costuma ser usada como um *locus* em que o conhecimento de uma língua é posto à prova: estrangeiros ‘derrapam’ nas preposições, candidatos a professores de idiomas precisam passar em testes em que é necessário completar lacunas de sentenças com preposições, programadores de softwares que fazem tradução automática encaram a preposição como um grande desafio. Todavia, não tomamos as preposições - ou mesmo a língua - como objeto de conhecimento. Para tanto seria necessário encarar a língua como um produto (seja enquanto sistema, seja enquanto órgão modularmente distribuído no cérebro).

A criança em processo de aquisição de linguagem não dá provas de que ‘domina’ a sua língua materna. Os dados apresentados na subseção 7.1 devem ter deixado isso claro. Ademais, segundo a teoria que adotamos, os sujeitos com agramatismo se adaptam (em diferentes graus) ao seu distúrbio lingüístico e à situação de fala em que se encontram, evitando a produção de

sentenças completas. Como a Teoria da Adaptação não pretende fazer uma ligação direta entre a lesão cerebral e o output lingüístico do sujeito afásico, nos é impossível determinar quais preposições estão ‘preservadas’ ou ‘prejudicadas’ na linguagem de sujeitos afásicos com agramatismo. Percebemos, sim, que a freqüência de certas unidades na língua, a saber, as preposições mais gramaticalizadas, tem efeito sobre o output lingüístico de MS e OJ, mas estamos longe de afirmar que, por não aparecerem na fala de MS e OJ, algumas preposições estejam ‘danificadas’ ou ‘inacessíveis’ na linguagem de MS e OJ.

Se apreciarmos a língua como um processo, podemos dizer que tanto a criança quanto o sujeito com agramatismo passam por mudanças de posição em relação à língua. Em algumas posições, a criança não escuta a sua própria fala (ver capítulo 2). O sujeito afásico não se sente confortável ao escutar a própria fala, porque percebe que ela não tem as mesmas características que tinha antes do episódio neurológico (não é mais fluente, as palavras não vêm, é trabalhoso falar).

Apesar de não acompanharmos a evolução da língua da criança ou do sujeito afásico, não acreditamos que a hipótese do espelho invertido de Jakobson seja sustentável, porque não acreditamos na evolução da afasia que caminha para a dissolução da linguagem. Contanto que o sujeito afásico não seja abandonado ao ostracismo, escondido em casa e tratado como um incompetente na linguagem, a afasia ‘melhora’ através de práticas de linguagem. Igualmente não podemos aceitar a definição de *agramatismo* proposta por Jakobson, porque postula que as preposições sejam suscetíveis ao desaparecimento (mais especificamente, são os termos gramaticalmente mais dependentes do contexto que desaparecem) e que a ordem das palavras seja caótica. Nem as situações experimentais nem de conversa espontânea provam que as preposições ligadas a verbos estão prejudicadas na fala de MS e OJ.

Podemos dizer que os dois sujeitos afásicos fortemente recorrem à fala reduzida para comunicar-se, (mais na fala espontânea que nas situações experimentais) confiando no esforço do interlocutor para co-construir o diálogo e criar sentido. Esta fala reduzida é composta por orações reduzidas, em que há poucos verbos. Como o verbo é o elemento que seleciona nosso objeto de estudo, não pudemos observar muitas preposições na fala de MS e OJ. Contudo, as que foram observadas são do tipo mais gramaticalizado, ou seja, as mais dependentes do contexto. A fala reduzida de MS e OJ ainda apresenta a característica de ser parcialmente organizada em estruturas de tópico-comentário, que, por definição, favorecem a ausência da preposição. O fato

de não produzirem sentenças na ordem canônica não significa, automaticamente, que apresentem ordem de palavras caótica.

Um outra ferramenta que nos auxilia numa concepção dinâmica da língua nos é apresentada pela filosofia da linguagem: o *princípio de caridade*⁴⁰. Segundo este princípio, um falante acredita que seu ouvinte é capaz de interpretá-lo. O ouvinte, disposto a interpretar o que o falante lhe diz, acredita que o falante quer lhe comunicar algo relevante. Se lembrarmos da *prior theory* e *passing theory* de Davidson (ver subseção 3.4), veremos que são fundadas no princípio de caridade para a formulação de uma teoria da interpretação. O falante comunica ao seu ouvinte um conteúdo proposicional de tal forma que seu ouvinte será capaz de interpretá-lo da maneira como o falante quer que seja compreendido. O ouvinte esforça-se para dar sentido ao que o seu parceiro de diálogo diz e interpreta o que o falante diz da maneira como acredita que o falante intenciona ser interpretado. Se dermos crédito a este princípio, podemos dizer que a língua se faz enquanto é usada, sendo constantemente negociada por seus usuários.

A Teoria da Adaptação não demonstra nenhuma preocupação com a interpretação do falante por parte do ouvinte. Acreditamos que a Teoria da Adaptação seja a melhor teoria para descrever dados de agramatismo, mas ela tem suas limitações. Não investiga, por exemplo, como foi possível ao ouvinte/ investigador interpretar a fala do sujeito agramático, pois restringe-se ao aspecto formal da linguagem (descrevendo sentenças elípticas como bem-formadas, sintaticamente simples, contabilizando erros e reconstruindo omissões e eventuais substituições). Ficam fora do escopo desta teoria, tal como foi formulada por Kolk e colaboradores, as funções da gestualidade, modulação de voz, uso do discurso direto, jogo de perguntas e respostas, dentre outros fenômenos. Para esta teoria, a concepção de língua está mais para *meio de comunicação* que para *trabalho, processo* ou *prática social*.

Acreditamos que os sujeitos MS e OJ adaptam sua fala à disposição do ouvinte para interpretá-los. Quando usam a fala reduzida, MS e OJ demandam uma participação ativa de seus interlocutores para ajustarem os enunciados de MS e OJ ao conhecimento partilhado pelos participantes do diálogo. Por fim, gostaríamos de trazer para a discussão uma citação de Castilho (1998), que considera:

... a língua como uma atividade social, por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Assim concebida, a língua é um conjunto de usos concretos,

⁴⁰ Neil L. Wilson nomeou o princípio em 1958, mas não foi através dele que tomei conhecimento do princípio, e sim das conversas com Renato Basso sobre Davidson.

historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado.

(CASTILHO, 1998, p. 11)

e, mais adiante:

A língua é, em suma, uma enunciação, um elenco de processos, para cuja apreensão a Semântica e a Pragmática se constituem em pontos de partida, sendo a Sintaxe um ponto de chegada.

(CASTILHO, 1998, p. 12)

Se aceitarmos que a língua não é um sistema fechado com regras fixas (verbos finitos, preposições ligadas a verbos e ordem SVO), e se não apostarmos na autonomia da Sintaxe, mas encararmos a Sintaxe como uma maneira que o sujeito encontra para arranjar seu conteúdo proposicional (*'information packaging'*) numa seqüência linear, então podemos interpretar a fala reduzida de MS e OJ como sendo uma forma eficiente de comunicar-se

10.2. Conceção de falante

Os sujeitos afásicos têm diferentes relações com a língua devido ao seu histórico na linguagem: MS teve várias profissões fortemente ligadas ao uso da linguagem e muitas vezes teve que se dirigir a um grande público. OJ, por sua vez, não fez da retórica o seu meio de sustento, e relatou que tinha ficado mudo por 6 anos após o episódio neurológico. Na seção 6.1, pudemos observar que MS tem uma necessidade muito maior que OJ de preencher o seu turno com pausas preenchidas (*fillers*) para que seu turno não seja assaltado, e que sua disfluência é muito mais corretiva (dificuldades articulatórias, reformulações, falsos começos) do que preventiva (pausas que indicam o planejamento da fala); que é mais característica da fala de OJ. É interessante observar como os dois sujeitos refletem sobre a sua linguagem: MS exclama, surpreso e contente: *Melhorei!* OJ compara: *Antes, antes, antes? Mudo. Hoje, hoje, hoje: conversa.* Ambos comparam sua linguagem afásica atual a um momento inicial da afasia. A diferença é que OJ parece se contentar com o fato de não estar mais mudo, ao passo que MS parece ter a ambição de 'melhorar'.

Além disso, os dois sujeitos sofreram lesões cerebrais de profundidade e extensão diferentes, o que nos leva a especular que as lesões têm diferentes efeitos sobre seu comportamento numa interação dialógica. MS demonstra uma disposição muito maior que OJ

para falar: ele conduz uma conversa, mudando de um assunto para outro, ao passo que OJ tem uma atitude mais reativa: responde a perguntas que lhe fazem (e que ele mesmo faz) e repete muitos enunciados da interlocutora.

Ampliando o foco, observamos neste estudo que, enquanto a criança explora, deforma e brinca com a linguagem, produzindo seqüências peculiares que não se manifestam na fala de sujeitos afásicos (a saber, o recorte idiossincrático de unidades lingüísticas, a combinação de duas preposições, contrações e concordâncias heterogêneas, excessos e substituições de preposições, além de repetições de preposições), os sujeitos afásicos adaptam-se às suas dificuldades, evitando verbos (aos quais as preposições estariam ligadas) e produzindo estruturas de tópico-comentário. A criança produz seqüências impossíveis na sua língua materna, como por exemplo no episódio (10), retomado abaixo, ao passo que os sujeitos afásicos abusam de certas possibilidades oferecidas pela língua: as duas estratégias mais salientes na fala de MS e OJ são a não-finitude e as estruturas de tópico-comentário.

- 1 M: Tem o postinho! Vamo brincar com o postinho?
- 2 R: Hã, **tá de dulo pegá**. (barulho de brinquedos)
- 3 M: Tá duro de pegar? Vamo! Força! (R: 2;04.19)

No episódio acima, a interlocutora de R ajusta o enunciado da criança ao que M acredita ser a intenção comunicativa de R, reformulando (linha 3) o enunciado da criança (linha 2). Este ajuste é um típico exemplo de *passing theory* de Davidson (1986). Retomando o que já foi exposto na subseção 3.4 e simplificando a teoria da interpretação de Davidson, que é extremamente complexa e sofisticada, podemos dizer que, enquanto falantes, somos dotados de um arranjo básico de categorias e regras. O conjunto de crenças que temos sobre o que compartilhamos com outros falantes é chamado de *prior theory* e o conjunto de ajustes que fazemos para interpretar as intenções comunicativas de outros falantes é chamado de *passing theory*. Citando o autor:

For the hearer, the prior theory expresses how he is prepared in advance to interpret an utterance of the speaker, while the passing theory is how he *does* interpret the utterance. For the speaker, the prior theory is what he *believes* the interpreter's prior theory to be, while his passing theory is the theory he *intends* the interpreter to use.

(DAVIDSON, 1986, p. 442 grifos no original)

Entendemos que tanto MS como OJ adaptam sua fala ao contexto enunciativo, e o resultado desta adaptação é a fala reduzida. Sua *passing theory* são os gestos (mais marcadamente em MS), entonação (mais marcadamente em OJ) e arranjo sintático dado às suas proposições (fala reduzida: sem marcas de finitude e com estruturas de tópico-comentário). Estes elementos garantem que seus interlocutores interpretem MS e OJ como os sujeitos agramáticos pretendem ser interpretados, mesmo que não formem sentenças completas (com preposições ligadas a verbos).

10.3. Concepção de fala

Foi feita uma diferenciação entre os tipos de dados, decorrente da metodologia aplicada para sua coleta. Assim, a fala espontânea dos sujeitos com agramatismo foi analisada separadamente da fala produzida por eles em situações experimentais. Consideramos esta separação importante, porque evita que façamos generalizações inapropriadas a partir de observações pontuais realizadas num determinado contexto de fala. Apesar dos nossos experimentos não serem testes de avaliação de linguagem, gostaríamos de reforçar que dados de fala coletados em situação de teste não têm o mesmo caráter que dados de fala coletados em situação de interação informal (por mais que a presença da câmera, a pouca familiaridade com a interlocutora e o espaço desconhecido sejam inibidores de uma ‘fala natural’). Na literatura consultada, apenas os autores que colaboraram para a formulação da Teoria da Adaptação tiveram o cuidado de discernir dados coletados em conversa espontânea de dados coletados em situação de teste, analisando ambos separadamente. Outros autores ou misturam seus dados coletados em situação de conversa informal com os coletados em situação de experimento, ou se especializam num tipo de dados.

A diferenciação de situações de fala também permite que contrastemos as preposições produzidas em situação de fala espontânea com as produzidas em situação experimental (nossos jogos), que, segundo as previsões da Teoria da Adaptação, deveriam aparecer em quantidades diferentes.

Examinemos os dados de MS e OJ separadamente. Como se pode conferir na *Tabela 12*, OJ produziu 1 preposição introdutora de argumento num experimento e nenhuma na fala espontânea. Esta diferença não é alarmante. Além disso, OJ produziu 24 preposições introdutoras de adjuntos nos experimentos e apenas 18 na fala espontânea. Esta diferença igualmente não é significativa. MS, por sua vez, apresenta números menos homogêneos, porque participou de três

modalidades diferentes: fala espontânea, experimentos livres e experimentos em que os verbos lhe eram fornecidos. Como mostra a *Tabela 12*, MS produziu 17 preposições introdutoras de argumento nos experimentos em que os verbos eram dados e 12 na fala espontânea. Esta diferença não é suficientemente impressionante para que se fale em mudança de código (para a fala reduzida na situação de fala espontânea). Impressionante é que MS produziu apenas 3 preposições introdutoras de argumento nos experimentos em que os verbos não eram dados. Segundo as previsões da Teoria da Adaptação, era esperado que o número de palavras funcionais (neste caso, preposições introdutoras de argumento) fosse maior numa situação experimental (repetindo: foram 3), em que o sujeito teria mais tempo para falar e menos condições de evitar as construções esperadas dele que numa situação de conversa espontânea (repetindo: foram 12). Interpretamos este baixo número de preposições introdutoras de argumentos nos experimentos livres com base nos próprios experimentos. OJ igualmente produziu um número baixo de preposições introdutoras de argumento nas mesmas situações experimentais, portanto podemos concluir que os experimentos não favoreciam o aparecimento de preposições introdutoras de argumentos. Já as preposições introdutoras de adjuntos apareceram em números crescentes, conforme o contexto sintático ficava mais controlado: 11 na fala espontânea, 18 nos experimentos livres e 21 nos experimentos em que os verbos eram fornecidos.

Podemos concluir que as situações de experimento em que tanto MS quanto OJ foram colocados não provocaram grandes mudanças na sua fala: seguiram usando a fala reduzida, já que o tom do diálogo continuou sendo informal e já que não havia controle de variáveis (se alguns verbos tivessem sido oferecidos, uma mudança no número de preposições ligadas a verbos poderia ter sido observada). Nas situações de conversa informal, o sujeito afásico pode delegar grande parte da tarefa de interpretação à sua interlocutora, confiando que partilham do mesmo conhecimento durante a interação.

Contudo, pudemos observar uma sensível diferença em relação ao tipo de experimento aplicado, com base nos resultados de MS. Os experimentos de que apenas MS participou exigiam que ele enunciasse sentenças completas (com verbo finito e ordem SVO). Especialmente no experimento de montagem de frases, o espaço da preposição era visível e evidente, o que fez com que MS produzisse mais preposições que, por definição, são raras na fala reduzida.

A Teoria da Adaptação afirma que a produção da fala é afetada por uma limitação no processamento do material lingüístico a ser enunciado. Acreditamos que os cartões com verbos (apresentados apenas a MS nos experimentos) tenham facilitado a construção de sentenças

completas (com verbos flexionados, preposições e na ordem canônica) para MS, porque davam pistas das estruturas sintáticas que eram esperadas dele. Neste sentido, parece razoável afirmar que o próprio esquema do experimento tenha aliviado a sobrecarga computacional no planejamento da fala de MS. Infelizmente não podemos afirmar o mesmo de OJ, porque não participou dos dois experimentos em que verbos estavam escritos em cartões. Contudo, se esta hipótese não estiver errada, podemos afirmar que não é necessariamente a situação de fala (fala espontânea *versus* situação de teste ou experimento) que influencia o aparecimento da fala reduzida. Esta diferença de situações de fala parece apostar numa divisão clara das situações e na homogeneidade de cada uma das situações de fala. Fazendo um paralelo com a história da descrição do universo, esta aposta na diferença entre situações de fala discretas é equivalente à assunção de que existe uma harmonia cósmica tal que as órbitas dos planetas que se movimentam em volta da Terra são circulares.

Acreditamos que o fator crucial que influencia a emergência da fala reduzida seja a própria tarefa a ser cumprida. Numa conversa informal, a tarefa primordial de um sujeito afásico pode ser estabelecer uma comunicação. Num experimento como o do mapa, a tarefa mais importante pode ter sido conduzir um meio de transporte qualquer ao seu destino. Num experimento como o da montagem de frases com cartões, a tarefa principal pode ter sido a construção de sentenças completas. O desafio do experimentador parece ser, então, medir o grau de sucesso do sujeito agramático de acordo com a tarefa que o falante afásico tomou para si.

OJ manteve um número semelhante de preposições na fala espontânea e nas situações experimentais. OJ parece não ter a opção de se adaptar às suas dificuldades lingüísticas ou à tarefa enunciativa: sua adaptação é compulsória. OJ fez da fala reduzida seu principal meio de comunicação, e os números na *Tabela 2* evidenciam que 85,5% de sua fala é não-finita e que 17,3% (44 *hanging topics* não-finitos + 12 TC finitos em 324 ‘sentenças’) de sua fala é organizado em termos de tópico-comentário.

Por fim, quando comparamos as preposições enunciadas por MS e OJ em situações de fala espontânea e de experimento, poderemos constatar que os sujeitos (i) preferem as mais gramaticalizadas; (ii) tendem a usar o mesmo repertório de preposições nas duas situações de fala e (iii) tendem a usar as mesmas preposições para marcar as mesmas relações. Esta observação nos leva a concluir que as preposições não estão *perdidas* na fala dos sujeitos agramáticos, e que eles não são negativamente sensíveis a palavras funcionais (apagando-as de sua fala), mas

positivamente sensíveis a palavras de alta frequência na língua (usando, assim, preposições mais gramaticalizadas).

A tabela abaixo ilustra quais preposições foram usadas com que frequência para estabelecer quais relações semânticas. Notamos algumas mudanças tanto na fala de MS como na de OJ. Começamos por MS que produziu 4 vezes **em** na fala espontânea e 16 vezes nos experimentos, sendo que o papel temático de *local* é predominante nas duas situações. MS não produziu nenhum **a** na fala espontânea, mas 7 nos experimentos, o que leva a crer que os verbos apresentados nos experimentos foram os principais estimuladores para o aparecimento de tal preposição (ver episódios (124) e (126)). O número de ocorrências de **com** saltou de 6 (na fala espontânea) para 19 (nos experimentos) e o papel temático predominante mudou. Os verbos fornecidos nos experimentos com cartões e o esqueleto da música do Roberto Carlos influenciaram este aumento de instâncias de **com**. A preposição **de** foi produzida em quantidades semelhantes na fala espontânea e nos experimentos, mas teve usos completamente diferentes.

	Fala espontânea		Todos os experimentos	
	MS	OJ	MS	OJ
em	4: (3 loc) (1tp)	4 (loc)	16: (13 loc) (3 pat)	5 (loc)
a		9 (tp)	7: (2 loc) (1 th) (2 <i>começar</i>) (2 <i>obedecer</i>)	19: (14 loc) (5 th)
com	6: (5 exp) (1 th)		19: (9 th) (6 exp) (1 pat) (3 inst)	
de	9: (6 th) (3 <i>gostar</i>)	5: (4 tp) (1 th)	8: (2 pat) (1 poss) (2 <i>acabar</i>) (1 <i>cuidar</i>) (1 <i>terminar</i>)	
para	2: (1 loc) (1 <i>ter</i>)		5: (3 loc) (1 exp) (1 ben)	1 (loc)
sem	1 (th)		2 (th)	
por			2: (loc) (th)	
contra	1 (th)		1 (th)	
sobre			1 (th)	

Tabela 16: Frequência das preposições na fala espontânea e evocada de MS e OJ.

OJ também apresentou mudanças intrigantes: produziu 9 vezes a preposição **a** na fala espontânea e 19 vezes nos experimentos. Além de mudar a quantidade de instâncias desta

preposição, mudam também seus usos (de marcadora de *tempo* passa a marcadora de *local* e *tema*). Por fim, produziu menos preposições **de** (nenhuma, para sermos exatos) nos experimentos que na fala espontânea (5 ocorrências). Acreditamos que a explicação para estas discrepâncias está nos contextos sintáticos presentes nos experimentos, que favoreciam (ou não) certo tipo de construção diferente das construções presentes na fala espontânea dos sujeitos.

Em suma, nossos dados indicam que os dois sujeitos cuja fala é analisada encontraram a mesma solução para contornar seu problema lingüístico: a fala reduzida. Porém, esta fala reduzida se manifesta de maneiras diferentes na fala de MS e OJ. MS tende a não usar verbos, ao passo que OJ tende a usá-los no gerúndio. Nossos dados indicam que as preposições aparecem na fala tanto de MS como de OJ, e que todas as que ocorrem em maior número são do tipo mais gramaticalizadas. A distinção entre fala espontânea e experimento somente mostrou dados discrepantes em função das tarefas exigidas nos experimentos, não por sua natureza (registro mais formal que proporciona ao sujeito mais tempo para falar).

Para voltarmos à analogia com a astronomia, usada na introdução deste trabalho, gostaríamos de lembrar que a maior revolução na astronomia se deu a partir do momento em que foram desenvolvidos telescópios. Com estes instrumentos era possível medir distâncias e analisar dados que antes eram apenas estimados. Sabemos que Kepler apenas chegou à conclusão de que as órbitas dos planetas eram elípticas com base na observação do movimento de Marte.

Gostaríamos de encerrar esta tese com uma reflexão de MS durante o experimento de montar frases. Ele percebeu que as palavras funcionais que sucedem o verbo não eram facilmente evocadas da memória quando os cartões estavam virados:

MS: éh.... pro..pOsição. (acena com a cabeça)

Ilk: Pois é.

MS: éh, gozado, ãh?

Ilk: m:.....:h.

MS: éh... MH!... éh...ãh...ãh...ãh....e/ e/ e::u a::cho... que você... l/ Lou

Ilk: Hm.

MS: ãh...(aponta para as preposições)

ãhm... ãh... preposição.

Ilk: Eu estudo preposições (ri)

MS: A:.....:h!(aponta o indicador para a tẽmpora e depois para

Ilk, acenando a cabeça e sorrindo)

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.

BARTON, E. Toward a nonsentential analysis in generative grammar In: L. PROGOVAC, K. *et al.*, (Eds.) **The syntax of nonsententials**. Linguistik Aktuell, 93. John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 11 – 33.

BASTIAANSE, R. Broca's aphasia: a syntactic and/or a morphological disorder? A case study. **Brain and Language**, 48, 1995. p. 1 – 32.

BASTIAANSE, R., VAN ZONNEVELD, R. Sentence production with verbs of alternating transitivity in agrammatic Broca's aphasia. **Journal of Neurolinguistics**, 18, 2005, p. 57 – 66.

BASTIAANSE, R., RISPENS, J., RUIGENDIJK, E., RABADÁN, O. J., THOMPSON, C. K. Verbs: some properties and their consequences for agrammatic Broca's aphasia. **Journal of Neurolinguistics**, 15, 2002. p. 239 – 264.

BASTIAANSE, R., JONKERS, R. Verb retrieval in action naming and spontaneous speech in agrammatic and anomia aphasia. **Aphasiology**, 12, 1988. p. 951 – 971.

BAUM, S. R. The processing of morphology and syntax in aphasia: a test of the fast decay and slow activation hypothesis. **Aphasiology**, 10, 1996. p. 783 – 801.

BAUM, S. R. On-line sensitivity to local and long-distance syntactic dependencies in Broca's aphasia. **Brain and Language**, 37, 1989, p. 327 – 339.

BAUM, S. R., DANILOFF, J. K., DANILOFF, R., LEWIS, J. Sentence comprehension by Broca's aphasics: effects of some suprasegmental variables. **Brain and Language**, 17, 1982, p. 261 – 272.

BEEKE, S., WILKINSON, R., MAXIM, J. Exploring aphasic grammar 1: a single case analysis of conversation. **Clinical Linguistics and Phonetics**, 17, 2003. p. 81 – 107.

BEEKE, S., WILKINSON, R., MAXIM, J. Grammar without sentence structure: A conversation analytic investigation of agrammatism. **Aphasiology**, 21, 2007a. p. 256 – 282.

BEEKE, S., WILKINSON, R., MAXIM, J. Individual variation in agrammatism: a single case study of the influence of interaction. **International Journal of Language and Communication Disorders**. 42, 2007b.p. 629 – 647.

BELFORD, E. M. **Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. **Revista de Estudos da Linguagem**, 7, 1998. p. 107 – 125.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BYNG, S. Sentence processing deficits: theory and therapy. **Cognitive Neuropsychology**, 5, 1988. p. 629 – 676.

CARAMAZZA, A., BERNDT, R. S. A multicomponent deficit view of agrammatic Broca's aphasia. In: M. L. KEAN (Ed.) **Agrammatism**. Academic Press, Inc., 1985. p. 27 – 64.

CASIELLES, E. Big questions, small answers In: L. PROGOVAC et al., (Eds.) **The syntax of nonsententials**. *Linguistik Aktuell*, 93, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 115 – 145.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

CASTILHO, A. T., ILARI, R., ALMEIDA, M. L. L., KLEPPA, L., & BASSO, R. M. Capítulo sobre a Preposição - a sair na coleção Gramática do Português Falado Culto no Brasil. In: Maria Helena de Moura Neves & Ataliba Castilho. (Org.). **Gramática do Português Falado Culto no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: C. N. LI (Ed.) **Subject and Topic**. Academic Press, Inc., 1976. p. 25 – 55.

COOK, V. J. A note on indirect objects. **Journal of Child Language**, 3, 1976. p. 435 – 438.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CYTOWIC, R. E. **The neurological side of neuropsychology**. Cambridge/ London: The MIT Press, 1996.

DAVIDSON, D. A nice derangement of epitaphs. In: E. LE PORE (Ed.) **Truth and interpretation**. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1986.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**, 1, 1992. p.121 – 135.

_____ Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Inédito. 1995.

_____ Sobre os estatuto lingüístico e discursivo na narrativa da fala da criança. **Lingüística**, 13, 2001. p. 23 – 60.

_____ Das vicisitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 42, 2002. p. 41 – 69.

DE ROO, E. Null subject pronouns in Broca's speech production. **Aphasiology**, 17, 2003. p. 1057 – 1072.

DE ROO, E., KOLK, H., HOFSTEDE, B. Structural properties of syntactically reduced speech: a comparison of normal speakers and Broca's aphasics. **Brain and Language**, 86, 2003, p. 99 – 116.

DEVESCOVI, A., BATES, E., D'AMICO, S., HERNANDEZ, A., MARANGOLO, P., & PIZZAMIGLIO, L. An on-line study of grammaticality judgements in normal and aphasic speakers of Italian. **Aphasiology**, 11, 1997. p. 543 – 581.

DE VILLIERS, J. Quantitative aspects of agrammatism in aphasia. **Cortex**, 10, 1974. p. 36 – 54.

DI MEOLA, C. – Vom Inhalts- zum Funktionswort: Grammatikalisierungspfade deutscher Adpositionen. **Sprachwissenschaft**, 26, 2001. p. 59 – 83.

_____ - “Präpositionale Rektionsalternation unter dem Gesichtspunkt der Grammatikalisierung: Das Prinzip der “maximalen Differenzierung”.” In: CUYCKENS, H. & RADDEN, G. (eds.) – **Perspectives on prepositions**. Linguistische Arbeiten, 454, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2002. p. 101 – 131.

_____ - The rise of the prepositional genitive in German – a grammaticalization phenomenon. **Lingua**, 114, 2004. p. 165 – 183.

ECO, U. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

FEYEREISEN, P., BARTER, D., GOOSSENS, M., CLEREBAUT, N. Gestures and speech in referential communication by aphasic subjects: channel use and efficiency. **Aphasiology**, 2, 1988. p. 21 -33.

FONSECA, S. C., LANDI, R. Questões sobre a correlação entre estágios de aquisição da linguagem e estados afásicos. Trabalho apresentado no 6º. ENCONTRO NACIONAL DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM em Porto Alegre pelo DERDIC/PUCSP, 2003.

FRIEDERICI, A. Syntactic and semantic processes in aphasic deficits: The availability of prepositions. **Brain and Language**, 15, 1982. p. 249 – 258.

_____ Levels of processing and vocabulary types: Evidence from online comprehension in normals and agrammatics. **Cognition**, 19, 1985. p. 133 – 166.

_____ Agrammatic comprehension: picture of a computational mismatch. **Aphasiology**, 2, 1988, p. 279 – 284.

FRIEDERICI, A., SCHÖNLE, P., GARRETT, M. Syntactically versus semantically based computations: processing of prepositions in agrammatism. **Cortex**, 18, 1982. p. 525 – 534.

FRIEDERICI, A., GRAETZ, P. A. M. Processing passive sentences in aphasia: deficits and strategies. **Brain and Language**, 30, 1987, p. 93 – 106.

FRIEDERICI, A. D., WESSELS, J. M. I., EMMOREY, K., BELLUGI, U. Sensitivity to inflectional morphology in aphasia: a real-time processing perspective. **Brain and Language**, 43, 1992. p. 47 – 64.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GLEASON, J. B., WOLF, M. Child language, aphasia, and language disorder: naming as a window on normal and atypical language processes. **Aphasiology**, 2, 1988. p. 289 – 294.

GÓIS, C. **Sintaxe de regência**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 8. edição, 1957.

GOODGLASS, H., MENN, L. Is agrammatism a unitary phenomenon? In: M. L. KEAN **Agrammatism**. Academic Press Inc., 1985, p. 1 – 27.

GOODWIN, C. Co-constructing meaning in conversations with an aphasic man. **Research on Language in Social Interaction**, 28, 1994, p. 233 – 260.

GORDON, B., CARAMAZZA, A. Lexical decision for open-and closed-class words: failure to replicate differential frequency sensitivity. **Brain and Language**, 15, 1982, p. 143 – 160.

GRODZINSKY, Y. Syntactic representations in agrammatic aphasia: the case of prepositions. **Language and Speech**, 31, 1988. p. 115 – 134.

GUINDASTE, R. M. G. **O agramatismo: um estudo de caso em português**. Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1996.

HAARMANN, H. J., KOLK, H. H. J. A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity. **Cognitive Science**, 15, 1991a, p. 49 – 87.

_____ Syntactic priming in Broca's aphasics: evidence for slow activation. **Aphasiology**, 5, 1991b, p. 247 – 263.

On-line sensitivity to subject-verb agreement violations in Broca's aphasics: the role of syntactic complexity and time. **Brain and Language**, 46, 1994, p. 493 – 517.

HAGIWARA, H., CAPLAN, D. Syntactic comprehension in Japanese aphasics: effects of category and thematic role order. **Brain and Language**, 38, 1990, p. 159 – 171.

HALLIDAY, M. A. K **An introduction to Functional Grammar**. Maryland: Edwards Arnold, 1985.

HALLIWELL, J. F. Korean agrammatic production. **Aphasiology**, 14, 2000. p. 1187 – 1205.

HEESCHEN, C., SCHEGLOFF, E. A. Agrammatism, adaptation theory, conversation analysis: on the role of so-called telegraphic style in talk-in-interaction. **Aphasiology**, 13, 1999. p. 365 – 405.

HELASVUO, M.-L., KLIPPI, A., LAAKSO, M. Grammatical structuring in Broca's and Wernicke's aphasia in Finnish. **Journal of Neurolinguistics**, 14, 2001. p. 231 – 255.

HOFSTEDE, B. T. M. **Agrammatic speech in Broca's aphasia: strategic choice for the elliptical register**. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.

IHARA, H., FUJITA, I. On the production of irrelevant arguments in agrammatism. **Brain and Language**, 84, 2003, p. 273 – 285.

ILARI, R., BASSO, R. M. (a sair) O verbo como matriz da sentença In: A. T. CASTILHO (Org.) **Gramática do português falado**.

JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. **Linguistics**, 39, 2001. p. 641 – 681.

JAKOBSON, R.. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.

JONKERS, R., BASTIAANSE, R. The influence of instrumentality and transitivity on action naming in Broca's and Anomic aphasia. **Brain and Language**, 55, 1996. p. 37 – 39.

KEAN, M. L. Agrammatism: a phonological deficit? **Cognition**, 7, 1979. p. 69 – 83.

KEURS, M. T., BROWN, C., HAGOORT, P., PRAAMSTRA, P., STEGEMAN, D. ERP characteristics of function and content words in Broca's aphasics with agrammatic comprehension. **Brain and Language**, 51, 1995, p. 119 – 122.

KLEPPA, L. **Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem – ou – “Vamo de a pé no carro do vovô?”** Dissertação de mestrado, Campinas: IEL/UNICAMP, 2005a.

_____ A forma da preposição na fala de uma criança. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, 5, 2005b. p. 1 – 21.

_____ Preposições mais gramaticalizadas em dicionários escolares. **Veredas On Line**, 1, 2008, p. 112 – 128.

_____ Telegramas e ‘fala telegráfica’. (submetido).

KOLK, H. Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception. **Brain and Language**, 101, 2007. p. 99 – 102.

_____ How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia. In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) **The syntax of nonsententials**. Linguistik Aktuell, 93 John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 229 – 258.

_____ Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. **Brain and Language**, 77, 2001b. p. 340 – 351.

_____ Syntactic impairment is the bottleneck to communication in nonfluent aphasia. **Aphasiology**, 15, 2001a. p. 381 – 385.

_____ A time-based approach to agrammatic production. **Brain and Language**, 50, 1995. p. 282 – 304.

KOLK, H., HEESCHEN, C. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. **Aphasiology**, 4, 1990. p. 221 – 232.

_____ Agrammatism, paragrammatism and the management of language. **Language and Cognitive Processes**, 7, 1992. p. 89 – 129.

_____ The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop. **Aphasiology**, 10, 1996. p. 81 – 96.

KOLK, H., HELING, G., KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: two case studies. In: L. MENN & L. K. OBLER (Eds.) **Agrammatic aphasia**. John Benjamins Publishing Company, 1990.

KOLK, H., HOFSTEDDE, B. T. M. The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker. **Brain and Language**, 47, 1994. p. 505 – 507.

KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. **Cognitive Neuropsychology**, 2, 1985. p. 347 – 384.

KOLK, H., VAN GRUNSVEN M., & KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: M. L. KEAN. **Agrammatism**. London: Academic Press, Inc., 1985. p. 165 – 206.

LE MAY, A., DAVID, R., THOMAS, A. P. The use of spontaneous gesture by aphasic patients. **Aphasiology**, 2, 1988. p. 137 – 145.

LINEBARGER, M. C., SCHWARTZ, M. F., SAFFRAN, E. M. Sensitivity to grammatical structure in so-called agrammatic aphasics. **Cognition**, 13, 1983. p. 361 – 394.

LONZI, L., LUZZATTI, C. Omission of prepositions in agrammatism and the universal grammar constraint of recoverability. **Brain and Language**, 51, 1995. p. 129 – 132.

LUKATELA, K., CRAIN, S., SHANKWEILER, D. Sensitivity to inflectional morphology in agrammatism: investigation of a highly inflected language. **Brain and Language**, 33, 1988, p. 1 – 16.

MARTIN, R.C., WETZEL, W. F., BLOSSOM-STACH, C., FEHER, E. Syntactic loss versus processing deficit: an assessment of two theories of agrammatism and syntactic comprehension deficits. **Cognition**, 32, 1989, p. 157 – 191.

MASLOVA, E., BERNINI, G. Sentence topics in the languages of Europe and beyond. **Pragmatic Organization of Discourse in the Languages of Europe**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. 8, 2006. p. 67-12.

MATTHEI, E. H., KEAN, M.-L. Post access processes in open vs. closed class distinction. **Brain and Language**, 36, 1989, p. 163 – 180.

MENN, L. Agrammatism in English: Two case studies. In: L. MENN & L. K. OBLER (Eds.) **Agrammatic aphasia: A cross-language narrative sourcebook**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. p. 117 – 178.

MENN, L., OBLER, L. K. **Agrammatic aphasia: A cross-language narrative sourcebook**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

MENN, L., GOTTFRIED, M., HOLLAND, A. L., GARRETT, M. F. Encoding location in aphasic and normal speech: the interaction of pragmatics with language output processing limitations. **Aphasiology**, 19, 2005, p. 487 – 519.

MICELI, G., SILVERI, M. C., ROMANI, C., CARAMAZZA, A. Variation in the pattern of omissions and substitutions of grammatical morphemes in the spontaneous speech of so-called agrammatic patients. **Brain and Language**, 36, 1989. p. 447 – 493.

MIMOUNI, Z., JAREMA, G. Agrammatic aphasia in Arabic. **Aphasiology**, 11, 1997, p. 125 – 144.

MONDINI, S., LUZZATTI, C., SALETTA, P., ALLAMANO, N., SEMENZA, C. Mental representation of prepositional compounds: evidence from Italian agrammatic patients. **Brain and Language**, 94, 2005, p. 178 – 187.

MORATO, E. M. (Org.), TUBER, A. L., SANTANA, A. P., DAMASCENO, B., SOUZA, F. F., MACEDO, H. O., CAMERIN, I. M. D. P., TONEZZI PEREIRA, J. A., COUDRY, M. I. H. **Sobre as afasias e os afásicos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

NESPOULOUS, J-L., DORDAIN, D., PERRON, C., SKA, B., BUB, D., CAPLAN, D., MEHLER, J., LECOURS, A. R. Agrammatism in sentence production without comprehension deficits: reduced availability of syntactic structures and/ or of grammatical morphemes? A case study. **Brain and Language**, 33, 1988. p. 273 – 296.

NILLIPOUR, R. Agrammatic language: two cases from Persian. **Aphasiology**, 14, 2000. p. 1205 – 1242.

NITRINI, R., CARAMELLI, P., MANSUR, L. L. **Neuropsicologia: Das bases anatômicas à reabilitação**. São Paulo: Clínica Neurológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1996.

NOVAES PINTO, R. C. **Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem**. Dissertação de mestrado, Campinas: IEL /UNICAMP, 1992.

_____ **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese de doutorado, Campinas: IEL/UNICAMP, 1999.

OSTROSKY-SOLIS, F., MARCOS-ORTEGA, J., ARDILAS, A., ROSSELLI, M., PALACIOS, S. Syntactic comprehension in Broca's aphasic Spanish-speakers: null effects of word order. **Aphasiology**, 13, 1999, p. 553 – 571.

OUHALLA, J. Functional categories, agrammatism and language acquisition. **Linguistische Berichte**, 143, 1993. p. 3 – 36.

PAESANI, K. Extending the nonsentential analysis: The case of special registers In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) **The syntax of nonsententials**. Linguistik Aktuell, 93, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 147 – 182.

PAPAGNO, C., GENONI, A. The role of syntactic competence in idiom comprehension: a study on aphasic patients. **Journal of Neurolinguistics**, 17, 2004, p. 371 – 382.

PARSONS, T. Thematic relations and arguments. **Linguistic Inquiry**, 26, 1995. p. 635 – 662.

PEREIRA, M. C. C. **Aspectos semânticos na aquisição de preposições por criança brasileira.** Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC, 1977.

PERINI, M. A. **Princípios de lingüística descritiva: Introdução ao pensamento gramatical.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERONARD, M. Spanish prepositions introducing adverbial constructions. **Journal of Child Language**, 12, 1985. p. 95 – 109.

PERRONI, M. C. PARA na gramática infantil do português brasileiro. **Letras de Hoje**, 117, 1999. p. 83 – 101.

PETOCZ, A., OLIPHANT, G. Closed-class words as first syllables do interfere with lexical decisions for nonwords: implications for theories of agrammatism. **Brain and Language**, 34, 1988, p. 127 – 146.

PINKER, S. On the acquisition of grammatical morphemes. **Journal of Child Language**, 8, 1981. p. 477 – 485.

POGGIO, R. M. G. F. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português. Uma abordagem funcionalista.** Salvador: EDUFBA, 2002.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil.** Capinas: Editora Pontes, 1987.

PRETI, D. **Análise de textos orais.** São Paulo: Humanitas, 4. edição, 1999.

RAUH, G. On the grammar of lexical and nonlexical prepositions in English. In: C. ZELINSKY-WIBBELT (Ed.) **The semantics of prepositions.** Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1993.

_____ Prepositions, features and projections. In: H. CUYCKENS & G. RADDEN (Eds.) **Perspectives on prepositions. Linguistische Arbeiten.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2002. p. 3 – 25.

REZNIK, M. Functional categories in agrammatism. **Brain and Language**, 50, 1995, p. 117 – 134.

RUIGENDIJK, E., BASTIAANSE, R. Two characteristics of agrammatic speech: Omission of verbs and omission of determiners, is there a relation? **Aphasiology**, 16, 2002. p. 383 – 395.

RUIGENDIJK, E., BAAUW, S. Syntactic and pragmatic aspects of determiner and pronoun production in Dutch agrammatic Broca's aphasia. **Aphasiology**, 21, 2007, p. 535 – 547.

RUITER, M. **Speaking in ellipses. The effect of a compensatory style of speech on functional communication in chronic agrammatism**. Tese de doutorado. Nijmegen: NICI/ Radboud Universiteit, 2008.

SALIS, C., EDWARDS, S. Adaptation Theory and non-fluent aphasia in English. **Aphasiology**, 18, 2004. p. 1103 – 1120.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 29, 1995, p. 163 – 184.

SCARPA, E. M. Marcado vs. não-marcado na aquisição e na afasia. **Estudos Lingüísticos**, XXXIV, 2005, p. 839 – 844.

SCHNEIDER, S. L., THOMPSON, C. K. Verb production in agrammatic aphasia: The influence of semantic class and argument structure properties on generalisation. **Aphasiology**, 17, 2003. p. 213 – 241.

SCHWARTZ, M. F., SAFFRAN, E. M., FINK, R. B., MYERS, J. L., MARTIN, N. Mapping therapy: a treatment programme for agrammatism. **Aphasiology**, 8, 1994. p. 19 – 55.

SEGALOWITZ, S. J., LANE, K. C. Lexical access to function versus content words. **Brain and Language**, 75, 2000, p. 376 – 390.

SHANKWEILER, D., CRAIN, S., GORRELL, P., TULLER, B. Reception of language in Broca's aphasia. **Language and Cognitive Processes**, 4, 1989, p. 1 – 33.

SIPLE, P. Nonsententials and agrammatism In: L. PROGOVAC *et al.* (Eds.) **The syntax of nonsententials**. *Linguistik Aktuell*, 93, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 259 – 282.

STENZEL, A. Development of prepositional case in a bilingual child. **Linguistics**, 34, 1996. p. 1029 – 1059.

STRÖMQUIST, S., RAGNARSDÓTTIR, H. On the acquisition of verb argument structure. **Linguistics**, 38, 2000. p. 523 – 545.

TESAK, J. Dutch telegraphese. **Linguistics**, 32, 1994. p. 325 – 344.

TESAK, J., DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. **Linguistics**, 29, 1991. p. 1111 – 1137.

TESAK, J., NIEMI, J. Telegraphese and agrammatism: a cross-linguistic study. **Aphasiology**, 11, 1997. p. 145 - 157.

THOMPSON, C. K., SHAPIRO, L. P., LI, L., & SCHENDEL, L. Analysis of verbs and verb-argument structure: a method for quantification of aphasic language production. **Clinical Aphasiology**, 23, 1995. p. 121 – 140.

THOMPSON, C. K., LANGE, K. L., SCHNEIDER, S. L., & SHAPIRO, S. L. Agrammatic and non-brain-damaged subjects' verb and verb argument structure production. **Aphasiology**, 11, 1997. p. 473 – 490.

TOMASELLO, M. Learning to use prepositions: a case study. **Journal of Child Language**, 14, 1987. p. 79 - 99.

TONEZZI, J. **Distúrbios de linguagem e teatro: o afásico em cena**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

TUMIATE, C. F. **Considerações sobre o agramatismo: seus traçados e troços**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUCSP, 2007.

VAN de SANDT-KOENDERMAN, W. M. E., BONTA, E., WIELAERT, S. M., & VISCHBRINK, E. G. Stimulating sentence production in agrammatic patients: the effect of the visual Cue Programme on Spontaneous Speech. **Aphasiology**, 11, 1997. p. 735 – 759.

VERSLUIS, C. & KLEPPA, L. Adaptation strategies in Dutch and Portuguese agrammatic speakers. Varieties of elliptical form: hanging topic, enactment and fictive interaction. **Aphasiology**. (submetido).

WEBSTER, J., FRANKLIN, S., HOWARD, D. An investigation of the interaction between thematic and phrasal structure in nonfluent agrammatic subjects. *Brain and Language*, 78, 2001, p. 197 – 212.

_____ Investigating the sub-processes involved in the production of thematic structure: an analysis of four people with aphasia. **Aphasiology**, 18, 2004, p. 47 – 68.

WEBSTER, J., MORRIS, J. & FRANKLIN, S. Effects of therapy targeted at verb retrieval and the realisation of the predicate argument structure: A case study. **Aphasiology**, 19, 2005. p. 748 – 765.

WEINRICH, M. MC CALL, D., SHOOSMITH, L., THOMAS, K., KATZENBERGER, K., WEBER, C. Locative prepositional phrases in severe aphasia: **Brain and Language**, 45, 1993, p. 21 – 45.

WEINRICH, M. MC CALL, D., WEBER, C. Thematic role assignment in two severely aphasic patients: associations and dissociations. **Brain and Language**, 48, 1995, p. 221 – 237.

WENZLAFF, M. & CLAHSSEN, H. Finiteness and verb-second in German agrammatism. **Brain and Language**, 92, 2005. p. 33 – 44.

WORK, N. Nonsententials and second language acquisition In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) **The syntax of nonsententials**. *Linguistik Aktuell*, 93, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 203 – 228.

YARBAY DUMAN, T., AYGEN, G., ÖZGIRGIN, N., & BASTIAANSE, R. Object scrambling and finiteness in Turkish agrammatic production. **Journal of Neurolinguistics**, 20, 2007. p. 306 – 331.

YIU, E. M.-L. & WORALL, L. E. Agrammatic production: a cross-linguistic comparison of English and Cantonese. **Aphasiology**, 10, 1996. p. 623 – 649.